

ANEXOS

ANEXO 1 – Autorização para a aplicação de entrevistas e utilização de fotografias



REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA
GOVERNO REGIONAL

SECRETARIA REGIONAL DA EDUCAÇÃO E RECURSOS HUMANOS
DIREÇÃO REGIONAL DE EDUCAÇÃO

Direção Regional de Educação
GGAD

SAÍDA	PROCESSO(S)	DATA
Of: 977	5.68.0.0	09-05-2014

Exma. Senhora
Educadora de Infância Lídia Maria Correia
de Freitas
lidiamicdf@hotmail.com

ASSUNTO: **Autorização para a aplicação de entrevistas aos educadores de infância selecionados**

Na sequência da vossa solicitação, e por despacho do Exmo. Senhor Diretor Regional de Educação, de 09/05/2014, informa-se V. Exa. de que no âmbito do mestrado em Ciências da Educação, promovido pela Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, está autorizada a aplicação das entrevistas aos educadores de infância selecionados, sob a condição da anuência por parte dos mesmos, bem como a possibilidade de utilização de fotografias pedagógicas de práticas educativas, condicionada à autorização livre e esclarecida por parte dos encarregados de educação dos alunos.

Com os melhores cumprimentos,

O Diretor de Serviços de Investigação,
Formação e Inovação Educacional


(Bernardo Lage Valério)

Na resposta indicar a «Nossa referência» Em cada ofício tratar só de um assunto.

BV/MJM

ANEXO 2 – Registos das palavras das crianças sobre visitas à horta pedagógica

Registo 1: O que está plantado na horta?

C1 – Morangos.

C2 – Morangos.

C3 – Morango e alfaces.

C4 – Folhas e flores.

C5 – Batatas e alfaces.

C6 – Batatas.

C7 – Alfaces e batatas.

C8 – Batatinhas.

C9 – Cebolas.

C10 – Alfaces.

Registo 2: Gostaste de visitar a horta? O que viste?

C1 – Sim. Vi morangos. Eu vi outro morango. Vi uma aranha grande. Estava frio. Por o chapéu. Vesti o casaquinho e o gorro e o capucho. E vi alfaces.

C2 – Vi o morango e a aranhinha.

C3 – Sim. Vi os morangos, um verde e um vermelho. Os morangos estavam verdes e os moranguinhos estavam vermelhos. Couves. Estavam molhados porque estava muito a chover de noite.

C4 – Sim. Couves e batatas. Milho. As couves.

C5 – Casaco. Água.

C6 – Vi uma aranha no balde das pinturas, porque os meninos pintaram. Tinha um morango. Ainda não está vermelhinho. E não vi a aranha. Eu não vi nada. Eu estava lá atrás.

C7 – Sim. Aranha e a água e pedras. Vi o feijão.

C8 – Sim. Vi a mãe na horta a fazer papa. Vi a lagartixa no céu. Tinha folhas. Morangos.

C9 – Mãe, o bolo, a casa, morangos. O gelado. Couve.

C10 – Um morango. Uma fotografia. Foi a (nome da educadora). Ver a água.

ANEXO 3 – Objetivos do Projeto Curricular de Grupo elaborado para a Sala de Transição

Os objetivos que seguidamente apresentamos fazem parte do ponto 7.2. do Projeto Curricular de Grupo elaborado para o ano letivo em que o grupo cujo percurso educativo nos encontramos a analisar frequentou a Sala de Transição.

- Identificar alimentos;
- Aprender novas palavras referentes à alimentação;
- Saborear alimentos;
- Exploração sensorial de alimentos;
- Manifestar atitude positiva face a provar novos alimentos;
- Comparar características de alimentos;
- Participar na elaboração de receitas culinárias;
- Utilizar alimentos em atividades de expressão plástica;
- Cultivar alimentos na horta pedagógica;
- Acompanhar o desenvolvimento de alimentos cultivados;
- Comparar as fases de transformação de alimentos cultivados;
- Distinguir o espaço da horta do espaço do jardim no pátio exterior;
- Selecionar alimentos em situações pedagógicas;
- Explorar livremente o espaço da cozinha da área da casinha das bonecas;
- Nomear alguns utensílios utilizados para preparar alimentos;
- Partilhar experiências vivenciadas em ambiente familiar relacionadas com a alimentação.

ANEXO 4 – Referentes para a elaboração do quadro de entrevista

1. Questão de partida da investigação:

Como poderá a fotografia pedagógica constituir um meio potencializador da ação pedagógica e do desenvolvimento profissional do educador de infância?

2. Objetivo geral da investigação:

Ampliar a compreensão acerca da questão orientadora da investigação.

4. Objetivos do estudo deste caso na investigação:

1 – Conhecer as perceções das educadoras de infância entrevistadas acerca da existência de aspetos positivos para alguns dos intervenientes na experiência em estudo.

2 – Encontrar potencialidades da fotografia pedagógica para a ação pedagógica do educador de infância nas descrições das educadoras de infância entrevistadas.

3 – Encontrar potencialidades da fotografia pedagógica para o desenvolvimento profissional do educador de infância nas descrições das educadoras de infância entrevistadas.

4 – Verificar a continuidade da utilização da fotografia pedagógica pelas educadoras de infância após a experiência.

5 – Considerar o contributo das educadoras de infância entrevistadas para a realização da investigação.

ANEXO 5 – Quadro de entrevista

Objetivos específicos do estudo deste caso na investigação	Objetivos da entrevista	Questões da entrevista
<p>1 – Conhecer as percepções das educadoras de infância entrevistadas acerca da existência de aspetos positivos para alguns dos intervenientes na experiência em estudo.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Iniciar o diálogo no âmbito da entrevista procurando destacar aspetos positivos da experiência vivenciada. - Conhecer aspetos da experiência de utilização da fotografia pedagógica que são indicados pelas educadoras de infância como positivos para alguns dos seus intervenientes. - Verificar quais são os intervenientes mencionados. 	<p>1. Participou durante alguns anos na concretização de uma experiência/projeto em que a fotografia pedagógica foi utilizada numa instituição educativa durante algum tempo, tendo como objetivo principal divulgar a ação pedagógica desenvolvida junto dos encarregados de educação. Passados alguns anos, poderá indicar quais os aspetos que considera positivos para si e para alguns dos seus intervenientes?</p>
<p>2 – Encontrar potencialidades da fotografia pedagógica para a ação pedagógica do educador de infância nas</p>	<p>- Verificar se as orientações curriculares e as metas de aprendizagem que estão definidas para a educação pré-escolar estão presentes na ação pedagógica fotografada.</p>	<p>2. Do que se recorda, nas atividades fotografadas estão representadas as várias áreas de conteúdo referidas nas orientações curriculares e nas metas de aprendizagem definidas para a educação pré-</p>

descrições das educadoras de infância entrevistadas.		escolar? Poderia, por favor, dar exemplos de algumas situações fotografadas que se reportem a alguma(s) delas?
	<ul style="list-style-type: none"> - Averiguar se foram desenvolvidos projetos. - Verificar se foram fotografados projetos. - Identificar um projeto de que cada educadora de infância tenha gostado particularmente. - Identificar um projeto preservado na memória até ao momento da entrevista. 	3. Foram fotografados alguns projetos de curta ou longa duração que tenham sido desenvolvidos no tempo em que essa experiência decorreu de que tivesse gostado particularmente? Poderia mencionar um deles de que se recorde?
	<ul style="list-style-type: none"> - Averiguar se a componente de apoio à família foi considerada na ação pedagógica das educadoras de infância entrevistadas. - Verificar se as rotinas foram fotografadas. 	4. As rotinas implementadas para os grupos de crianças encontram-se presentes nas fotografias realizadas e facultadas aos encarregados de educação? Essas rotinas fotografadas podem ser reveladoras do trabalho que desenvolveu com essas crianças? Em que aspetos?
	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar situações de aprendizagem que tenham decorrido de situações imprevistas. 	5. As orientações curriculares da educação pré-escolar referem que o educador de infância deverá estar atento a oportunidades e situações

<p>2 – Encontrar potencialidades da fotografia pedagógica para a ação pedagógica do educador de infância nas descrições das educadoras de infância entrevistadas (continuação).</p>		<p>imprevistas que possam beneficiar a educação e a aprendizagem das crianças com as quais interage. Recorda-se de alguma situação que possa partilhar em que tal tenha acontecido?</p>
	<p>- Auscultar a opinião das entrevistadas acerca da utilidade da fotografia pedagógica para a reflexão individual e/ou coletiva sobre as experiências de aprendizagem proporcionadas.</p> <p>- Aferir se são mencionadas potencialidades da fotografia pedagógica para a realização de reflexão sobre as experiências de aprendizagem proporcionadas.</p>	<p>6. Considera útil, enquanto educadora de infância, o recurso a este meio para efetuar reflexão individual e/ou coletiva de modo a melhorar as experiências de aprendizagem proporcionadas às crianças? Porquê?</p>
	<p>- Registrar perspetivas acerca das potencialidades da fotografia pedagógica para a realização de avaliação da ação pedagógica desenvolvida.</p> <p>- Registrar opiniões acerca das potencialidades da fotografia pedagógica para melhoria da ação pedagógica.</p>	<p>7. Qual a sua perspetiva quanto à utilização da fotografia pedagógica pelo educador de infância poder constituir um meio de avaliação da sua prática, tendo em vista a melhoria da sua ação pedagógica?</p>
	<p>- Evidenciar a participação de diversos elementos da comunidade educativa e da comunidade em geral em momentos fotografados.</p> <p>- Demonstrar algumas potencialidades do meio em</p>	<p>8. Poderia revelar alguns exemplos de momentos fotografados durante essa experiência em que possa ser verificada a participação de diversos elementos, quer da</p>

<p>2 – Encontrar potencialidades da fotografia pedagógica para a ação pedagógica do educador de infância nas descrições das educadoras de infância entrevistadas (continuação).</p>	<p>análise para registar momentos de interação e partilha entre os elementos da comunidade educativa e da comunidade em geral.</p>	<p>comunidade educativa, quer da comunidade em geral do meio em que a instituição se inseria?</p>
	<p>- Verificar se foram fotografados momentos de partilha e de interação positiva na instituição educativa.</p> <p>- Averiguar se são referidos aspetos característicos das comunidades de memória associados à divulgação da ação pedagógica por meio da fotografia pedagógica.</p>	<p>9. Recorda-se de momentos constantes nos registos fotográficos em que possam ser testemunhados momentos de partilha e de interação positiva na instituição que queira descrever?</p>
	<p>- Averiguar as potencialidades dos registos realizados e disponibilizados com fotografia pedagógica para influenciar a ligação das educadoras de infância à comunidade educativa em que decorreu a experiência.</p>	<p>10. Em seu entender a existência e disponibilização a toda a equipa de registos fotográficos efetuados ao longo deste tempo poderá ter influenciado a sua ligação a essa comunidade educativa? De que forma(s)?</p>
	<p>- Verificar se existe identificação, sentido de pertença e confluência de história, experiências e memórias com a comunidade educativa.</p>	<p>11. Independentemente de estar ou não presente na mesma instituição como educadora de infância, ainda considera estar atualmente ligado, de alguma forma, à história da instituição educativa em que esta experiência decorreu?</p>

<p>2 – Encontrar potencialidades da fotografia pedagógica para a ação pedagógica do educador de infância nas descrições das educadoras de infância entrevistadas (continuação).</p>	<p>- Demonstrar o interesse dos pais e encarregados de educação pela disponibilização de registos realizados com fotografia e vídeo em algumas situações.</p> <p>- Confirmar se existiram situações em que as fotografias pedagógicas realizadas foram partilhadas com pais e encarregados de educação.</p>	<p>12. A manifestação de interesse pelos pais e encarregados de educação para que os registos fotográficos e alguns vídeos divulgados lhes fossem facultados era patente? Em que situações?</p>
	<p>- Conhecer os aspetos da fotografia pedagógica a que os pais e encarregados de educação se referiam com maior frequência em situações de diálogo com as educadoras de infância.</p>	<p>13. Nos diálogos com os pais e encarregados de educação relativos às fotografias pedagógicas divulgadas, quais eram os aspetos que estes mencionavam com maior frequência?</p>
	<p>- Verificar se foram realizadas referências em situações de diálogo com pais e encarregados de educação e/ou crianças sobre a experiência com fotografia pedagógica após a sua conclusão.</p> <p>- Aferir a influência da partilha e divulgação de fotografias pedagógicas para a comunicação e recordação da experiência após a sua conclusão.</p> <p>- Verificar se existiram referências realizadas no sentido de uma avaliação positiva da ação pedagógica desenvolvida.</p>	<p>14. Após a conclusão desta experiência encontrou encarregados de educação e/ou crianças que tenham frequentado a instituição nessa altura e que se refiram de alguma forma à experiência com a fotografia pedagógica? Em que sentido(s)?</p>

<p>3 – Encontrar potencialidades da fotografia pedagógica para o desenvolvimento profissional do educador de infância nas descrições das educadoras de infância entrevistadas.</p>	<p>- Comprovar a função documental da fotografia pedagógica no que respeita à verificação de transformações ocorridas em espaços do ambiente educativo.</p> <p>- Auscultar a opinião quanto às potencialidades do meio em análise para a documentação de mudanças que ocorrem no espaço educativo.</p>	<p>15. Uma situação em que a fotografia pedagógica foi utilizada consistiu na exposição, após obras de melhoramento físico no estabelecimento de educação, de fotografias pedagógicas que mostravam vários espaços da instituição antes e depois dessa intervenção. Enquanto educadora, como perspetiva essa forma de utilização da fotografia pedagógica para documentar as alterações físicas e organizacionais que se vão verificando em espaços do ambiente educativo?</p>
	<p>- Auscultar a opinião quanto às potencialidades de utilização da fotografia pedagógica para a documentação de mudanças físicas em crianças e em adultos em processos educativos.</p>	<p>16. Como perceciona o papel deste recurso para registar as alterações físicas em crianças e adultos ao longo do processo educativo?</p>
	<p>- Verificar se existiu partilha de interesse por todas as educadoras de infância que participaram nessa experiência pela realização de documentação através da fotografia pedagógica acerca da ação pedagógica desenvolvida.</p>	<p>17. Na sua opinião o interesse pela documentação de práticas através da fotografia pedagógica era comum a todas as educadoras de infância da instituição?</p>

<p>3 – Encontrar potencialidades da fotografia pedagógica para o desenvolvimento profissional do educador de infância nas descrições das educadoras de infância entrevistadas (continuação).</p>	<p>- Averiguar se eram utilizadas outras formas de registo e documentação da ação pedagógica a nível institucional.</p>	<p>18. Para além dos registos fotográficos, que outras formas de registo e documentação das práticas pedagógicas eram utilizadas nesta instituição?</p>
	<p>- Demonstrar a existência de momentos de análise coletiva dos registos fotográficos realizados ao nível das equipas pedagógicas.</p> <p>- Conhecer momentos em que as fotografias pedagógicas foram analisadas com outros elementos das equipas pedagógicas.</p>	<p>19. Recorda momentos em que analisou fotografias pedagógicas juntamente com outros elementos das equipas pedagógicas? Poderia referir um deles?</p>
	<p>- Conferir se as fotografias pedagógicas realizadas eram partilhadas com as crianças.</p> <p>- Averiguar o interesse das crianças pela fotografia pedagógica.</p> <p>- Analisar as indicações das educadoras de infância quanto às reações das crianças perante a apresentação de fotografias pedagógicas realizadas.</p>	<p>20. Recorda momentos em que as fotografias pedagógicas que iam sendo realizadas eram partilhadas com as crianças? Como reagiam estas à sua apresentação?</p>
	<p>- Conhecer as opiniões das entrevistadas quanto às potencialidades da fotografia pedagógica para a expressão e comunicação de perspetivas teóricas e práticas do educador de infância.</p>	<p>24. Na sua opinião a fotografia pedagógica poderá servir para expressar e comunicar as perspetivas teóricas e práticas do educador de infância? Em que sentido(s)?</p>

<p>4 – Verificar a continuidade da utilização da fotografia pedagógica pelas educadoras de infância após a experiência.</p>	<p>- Verificar se o recurso à fotografia pedagógica se mantém após a experiência.</p> <p>- Identificar as finalidades da utilização da fotografia pelas entrevistadas na atualidade.</p>	<p>21. Continua a utilizar este recurso na atualidade? Se sim, com que finalidades?</p>
	<p>- Identificar as principais temáticas presentes nas fotografias realizadas habitualmente na sua prática profissional atual.</p>	<p>22. O que costuma fotografar atualmente no âmbito da sua atividade profissional?</p>
	<p>- Identificar os momentos da ação pedagógica em que as fotografias pedagógicas são utilizadas pelas entrevistadas.</p> <p>- Associar os momentos em que a ação é fotografada com os momentos em que ocorre a reflexão na prática pedagógica reflexiva.</p>	<p>23. Ao fotografar atividades pedagógicas na atualidade, normalmente fotografa os momentos anteriores e posteriores ao desenvolvimento da mesma ou apenas os momentos em que as crianças as estão a realizar?</p>
<p>5 – Considerar o contributo das educadoras de infância entrevistadas para a realização da investigação.</p>	<p>- Colmatar possíveis lacunas da entrevista.</p> <p>- Colmatar possíveis lacunas na investigação.</p> <p>- Considerar indicações relativas a outros aspetos ou situações não focados na entrevista que, na visão das entrevistadas, possibilitaram a realização da experiência coletiva.</p>	<p>25. Gostaria de referir algum outro aspeto ou situação desta experiência que considera ser importante para que este projeto de utilização coletiva da fotografia pedagógica tenha sido possível e que não tivesse sido focado nas questões anteriores? Qual?</p>
	<p>- Agradecer a colaboração prestada pelas educadoras de infância entrevistadas na realização da investigação.</p>	<p>Muito obrigada pela sua colaboração!</p>

ANEXO 6 – Guião de entrevista

1. Participou durante alguns anos na concretização de uma experiência/projeto em que a fotografia pedagógica foi utilizada numa instituição educativa durante algum tempo, tendo como objetivo principal divulgar a ação pedagógica desenvolvida junto dos encarregados de educação. Passados alguns anos, poderá indicar quais os aspetos que considera positivos para si e para alguns dos seus intervenientes?

2. Do que se recorda, nas atividades fotografadas estão representadas as várias áreas de conteúdo referidas nas orientações curriculares e nas metas de aprendizagem definidas para a educação pré-escolar? Poderia, por favor, dar exemplos de algumas situações fotografadas que se reportem a algumas delas?

3. Foram fotografados alguns projetos de curta ou longa duração que tenham sido desenvolvidos no tempo em que essa experiência decorreu de que tivesse gostado particularmente? Poderia mencionar um deles de que se recorde?

4. As rotinas implementadas para os grupos de crianças encontram-se presentes nas fotografias realizadas e facultadas aos encarregados de educação? Essas rotinas fotografadas podem ser reveladoras do trabalho que desenvolveu com essas crianças? Em que aspetos?

5. As orientações curriculares da educação pré-escolar, referem que o educador de infância deverá estar atento a oportunidades e situações imprevistas que possam beneficiar a educação e a aprendizagem das crianças com as quais interage. Recorda-se de alguma situação que possa partilhar em que tal tenha acontecido?

6. Considera útil, enquanto educadora de infância, o recurso a este meio para efetuar reflexão individual e/ou coletiva de modo a melhorar as experiências de aprendizagem proporcionadas às crianças? Porquê?

7. Qual a sua perspetiva quanto à utilização da fotografia pedagógica pelo educador de infância poder constituir um meio de avaliação da sua prática, tendo em vista a melhoria da sua ação pedagógica?

8. Poderia revelar alguns exemplos de momentos fotografados durante essa experiência em que possa ser verificada a participação de diversos elementos, quer da comunidade educativa, quer da comunidade em geral do meio em que a instituição se inseria?

9. Recorda-se de momentos constantes nos registos fotográficos em que possam ser testemunhados momentos de partilha e de interação positiva na instituição que queira descrever?

10. Em seu entender a existência e disponibilização a toda a equipa de registos fotográficos efetuados ao longo deste tempo poderá ter influenciado a sua ligação a essa comunidade educativa? De que forma(s)?

11. Independentemente de estar ou não presente na mesma instituição como educadora de infância, ainda considera estar atualmente ligado, de alguma forma, à história da instituição educativa em que esta experiência decorreu?

12. A manifestação de interesse pelos pais e encarregados de educação para que os registos fotográficos e alguns vídeos divulgados lhes fossem facultados era patente? Em que situações?

13. Nos diálogos com os pais e encarregados de educação relativos às fotografias pedagógicas divulgadas, quais eram os aspetos que estes mencionavam com maior frequência?

14. Após a conclusão desta experiência encontrou encarregados de educação e/ou crianças que tenham frequentado a instituição nessa altura e que se refiram de alguma forma à experiência com a fotografia pedagógica? Em que sentido(s)?

15. Uma situação em que a fotografia pedagógica foi utilizada consistiu na exposição, após obras de melhoramento físico no estabelecimento de educação, de fotografias pedagógicas que mostravam vários espaços da instituição antes e depois dessa intervenção. Enquanto educadora, como perspetiva essa forma de utilização da fotografia pedagógica para documentar as alterações físicas e organizacionais que se vão verificando em espaços do ambiente educativo?

16. Como percebe o papel deste recurso para registar as alterações físicas em crianças e adultos ao longo do processo educativo?

17. Na sua opinião o interesse pela documentação de práticas através da fotografia pedagógica era comum a todas as educadoras de infância da instituição?

18. Para além dos registos fotográficos, que outras formas de registo e documentação das práticas pedagógicas eram utilizadas nesta instituição?

19. Recorda momentos em que analisou fotografias pedagógicas juntamente com outros elementos das equipas pedagógicas? Poderia referir um deles?

20. Recorda momentos em que as fotografias pedagógicas que iam sendo realizadas eram partilhadas com as crianças? Como reagiam estas à sua apresentação?

21. Continua a utilizar este recurso na atualidade? Se sim, com que finalidades?

22. O que costuma fotografar atualmente no âmbito da sua atividade profissional?

23. Ao fotografar atividades pedagógicas na atualidade, normalmente fotografa os momentos anteriores e posteriores ao desenvolvimento da mesma ou apenas os momentos em que as crianças as estão a realizar?

24. Na sua opinião a fotografia pedagógica poderá servir para expressar e comunicar as perspetivas teóricas e práticas do educador de infância? Em que sentido(s)?

25. Gostaria de referir algum outro aspeto ou situação desta experiência que considera ser importante para que este projeto de utilização coletiva da fotografia pedagógica tenha sido possível e que não tivesse sido focado nas questões anteriores? Qual?

Muito obrigada pela sua colaboração!

ANEXO 7 – Transcrição da entrevista realizada à educadora de infância a que foi atribuído o código E1

1. Participou durante alguns anos na concretização de uma experiência/projeto em que a fotografia pedagógica foi utilizada numa instituição educativa durante algum tempo, tendo como objetivo principal divulgar a ação pedagógica desenvolvida junto dos encarregados de educação. Passados alguns anos, poderá indicar quais os aspetos que considera positivos para si e para alguns dos seus intervenientes?

R: Bom, para mim a experiência foi muito enriquecedora porque cada vez que pego nos DVDs que foram feitos das fotos que ficaram registadas e os coloco no computador, consigo ver as crianças e a sua evolução. Dá-me uma certa nostalgia e parece que ainda estou a vê-las neste momento. É curioso que também foi uma experiência tão gratificante que, eu pessoalmente – confesso que não sou muito ligada às tecnologias – valorizo aquela experiência de ter uma equipa que colaborava, que se entretia. E ver neles a evolução daquelas crianças todas fez com que eu, pessoalmente, tivesse gosto pela tecnologia, sobretudo pela parte fotográfica que era uma coisa que não me... (sorriso) máquinas... (sorriso) deixava um pouco ao lado...

2. Do que se recorda, nas atividades fotografadas estão representadas as várias áreas de conteúdo referidas nas orientações curriculares e nas metas de aprendizagem definidas para a educação pré-escolar? Poderia, por favor, dar exemplos de algumas situações fotografadas que se reportem a algumas delas?

R: Eu lembro-me de algumas situações em que isso aconteceu e todas elas com conteúdo pedagógico. E sobretudo para dar a conhecer aos pais o nosso trabalho, porque acho que alguns pais às vezes desvalorizam e acham que as crianças passam o dia sem fazer nada de concreto que as leve a se integrar numa sociedade cada vez mais evoluída. Lembro-me de algumas dramatizações que as crianças realizavam entre si, situações espontâneas em que pegavam nos fantoches e falavam com o colega do lado. Lembro-me perfeitamente de ter estado numa sala de meninos pequeninos com dois anos, dois anos e pouco e eles a falarem uns para os outros e a “puxarem” um bocadinho pelo outro. Lembro-me também de algumas situações em

que as crianças, depois de assistirem a histórias de fantoches, elas próprias já queriam ser as protagonistas e pediam-nos constantemente que contássemos a história ou reproduziam a história (sorriso) para aí umas dez ou vinte vezes, até que se cansassem. A evolução da linguagem, estar em socialização com os colegas, a própria autonomia, em que eles cresciam, iam sozinhos à casa de banho, lavavam as mãos. Estive também numa sala em que as crianças tinham três anos e abotoavam as batas uns aos outros.

3. Foram fotografados alguns projetos de curta ou longa duração que tenham sido desenvolvidos no tempo em que essa experiência decorreu de que tivesse gostado particularmente? Poderia mencionar um deles de que se recorde?

R: Sim, foram fotografadas algumas situações de projetos. Lembro-me concretamente, por exemplo, de um em que as crianças estavam mais viradas para o tema dos animais. E só falavam no pato, no cão, no gato... E depois, derivado das situações das histórias, começaram a falar no lobo e de tudo o que era um bocadinho fora do comum... E então aproveitei essa situação e começámos a trabalhar um bocadinho sobre quais eram os animais da quinta, quais eram os animais da selva, da floresta. Sempre destacando aqueles que eles mais conheciam. Depois demos a escolher as imagens, e eles próprios colavam, e eles próprios diziam se eram da floresta, se não eram, que tipos de sons é que faziam... Atividades em que nós também trabalhámos a parte motora, em que eles imitavam os animais e expressavam também com o seu corpo, como estes se moviam, como comunicavam, pronto, nesse tipo de situações.

4. As rotinas implementadas para os grupos de crianças encontram-se presentes nas fotografias realizadas e facultadas aos encarregados de educação? Essas rotinas fotografadas podem ser reveladoras do trabalho que desenvolveu com essas crianças? Em que aspetos?

R: A rotina é importante porque traz uma certa segurança. Eles sabem com o que é que contam em determinada altura. O que é que têm de fazer antes, o que é que têm de fazer depois. E ajuda também a nível temporal a se localizarem. Em relação às rotinas do próprio grupo, situações concretas, lembro-me perfeitamente de uma situação que foi um ano em que tivemos a implementação da lavagem dos dentes. Em que as próprias crianças é que faziam isso e sempre com o acompanhamento do adulto. E foi uma euforia porque era uma situação diferente e isso derivado de um projeto – que era o Projeto da Saúde Oral – que tinha sido implementado também na

instituição. O resto das rotinas... O dormir, também – que era importante – o estar com elas, ao lado delas, com música calma, para que elas acalmassem, o próprio contacto do adulto, que também lhes dava uma certa segurança... É engraçado... E até acho curioso, não sei se tem alguma pergunta em relação a isso, mas ainda há algum tempo atrás, há uns quinze dias, um mês... Mais ou menos um mês, encontrei uma mãe que o filho tinha lá passado pelo (nome da instituição) e ela ainda falava: «Lembra-se do (nome do filho)... Ele passa a vida a ver as fotografias e o vídeo que vocês forneceram, ele ainda tem uma certa saudade, ainda continua a falar da “minha escolinha” e ele neste momento já vai para um quarto ano...» Por isso já é... (pausa) É gratificante ouvir os pais falarem desta forma do nosso trabalho.

5. As orientações curriculares da educação pré-escolar referem que o educador de infância deverá estar atento a oportunidades e situações imprevistas que possam beneficiar a educação e a aprendizagem das crianças com as quais interage. Recorda-se de alguma situação que possa partilhar em que tal tenha acontecido?

R: Lembro-me dessas atividades. Tal como falei anteriormente, em que as crianças... A primeira foi a tal atividade dos animais, em que eles vivenciaram e depois andavam sempre a nos pedir para fazer jogos à volta disso. Quando viam algum animal diferente já perguntavam como é que se chamava, como é que faziam, como é que andavam e eles próprios “puxavam” um pouco por nós e nós íamos dando mais evolução. Até pedíamos também aos pais a colaboração, que trouxessem algumas imagens...

6. Considera útil, enquanto educadora de infância, o recurso a este meio para efetuar reflexão individual e/ou coletiva de modo a melhorar as experiências de aprendizagem proporcionadas às crianças? Porquê?

R: Sim. A fotografia é sempre importante porque quando olhamos para uma fotografia há coisas que nós registamos, ou por querer ou não. Por exemplo, uma criança que está um bocadinho triste, ou uma criança que às vezes se vê que está a expressar-se de uma determinada forma, carinhosa para com outra, que às vezes no dia-a-dia que estamos com ela não nos apercebemos com tanta frequência. Ver às vezes a interação que existe, a afetividade, a forma com que eles criam as suas próprias brincadeiras, de uma forma espontânea... Às vezes nem é preciso grandes jogos, aqueles jogos muito elaborados, que se costumam comprar nas lojas. Às vezes com

uma simples pecinha de uma caixinha de fósforos onde se coloca lá dentro um animal, por exemplo, ou um bocadinho de arroz e aquilo faz sons, ou copos de iogurte. E isto é importante. E leva-nos também a pensar que muitas vezes estamos “preocupados” que eles adquiram um conhecimento – que é importante - mas às vezes há pequenas coisinhas que lhes dão uma segurança e que eles conseguem transformar e que depois valorizam: “mas isto serve, dá para isto!”. E podemos transpor isso para outras situações. Por exemplo, atualmente fala-se tanto no ambiente. Pegar nessa situação e trabalhar com as crianças, porque não? Uma caixa no que é que se pode transformar? O que é que pode dar? Pode dar uma caixa de música, pode dar um mobile, simplesmente, como se fosse sino, sei lá, tantas situações... Até dos próprios “ovinhos”, que se podem transformar em borboletas, que se podem transformar em abelhas... E eles ao verem que utilizamos isso para fazer um mobile na sala começam também a ter assim uma consciência gradual de que é importante não deitar o lixo ao chão, ou usar só para desperdiçar. Que tem outra utilidade. Que é reciclável, que é reutilizável.

7. Qual a sua perspectiva quanto à utilização da fotografia pedagógica pelo educador de infância poder constituir um meio de avaliação da sua prática, tendo em vista a melhoria da sua ação pedagógica?

R: Sim, porque nós conseguimos ver... E mesmo quando utilizamos para fazer “placares” e as crianças aparecem para ilustrar uma determinada situação é curioso vê-las muitas vezes apontar para elas próprias... “Olha, ali estou eu! E ali está a (nome) e ali está a (nome)”. E também dá para ver o quanto elas vibram com o facto de elas estarem presentes ali. Não ser só... Reconhecem-se, mas reconhecem também o outro. Também leva a ver quando nós pegamos nas fotografias, as situações que são proporcionadas, em que eles às vezes também não se apercebem. Mas se nós pararmos um bocadinho a olhar para a foto, há sempre qualquer coisa de novo, que dá para ter uma ideia para um novo projeto, para ver se a criança está triste, se não está triste... Às vezes apanhamos algumas crianças que têm o nariz a precisar de ser limpo, mas que, pronto, passou, não demos conta... Conseguimos também tirar algumas ilações quanto à forma como eles estão uns com os outros, em relação. E é importante ter na sala, porque eles gostam de se ver a eles, gostam de ver os outros. E é curioso ver também a reação que os pais têm perante essas fotografias que às vezes são expostas.

8. Poderia revelar alguns exemplos de momentos fotografados durante essa experiência em que possa ser verificada a participação de diversos elementos, quer da comunidade educativa, quer da comunidade em geral do meio em que a instituição se inseria?

R: Passaram alguns anos, mas lembro-me de duas situações que, para mim, marcaram imenso. Uma delas é porque nessa escola a comunidade em si era ao início muito fechada. Havia alguns desentendimentos, mas conseguimos unir-nos e num ano fazer a festa final com a colaboração dos próprios moradores. Lembro-me de outra situação que foi o “Pão por Deus”. Em que fomos às casas entregar o saquinho dos frutos e os meninos foram com o seu próprio saquinho pedir o “Pão por Deus” e as pessoas davam o fruto que tinham, mas que previamente tinha sido tudo distribuído pelas próprias educadoras e que as crianças vivenciaram. (Sorriso) Houve uma situação que também neste momento me ocorre e que de vez em quando, quando me lembro, até me dá para rir! Foi uma senhora que no carnaval – em que nós fazíamos a saída pelo meio da própria escola – disfarçou-se espontaneamente de polícia e quando saímos foi para a estrada e mandava parar os carros para as crianças poderem passar pela passadeira. Acho que foi importante, as visitas que nós fizemos. Numa chegámos a ver os presépios, porque as pessoas depois já nos reconheciam, já queriam, já chamavam por nós para abrir as portas, já não manifestavam muito a resistência. Penso que foi uma mais-valia e a própria comunidade começou-se a aperceber um pouco o que é que as crianças faziam, que não era só entre as quatro paredes do Jardim de Infância, que havia outras atividades. Lembro-me, por exemplo, dum jogo de pistas que nós criámos e que foi realizado num espaço exterior da comunidade que era próximo da instituição. Em que eles tiveram de percorrer as pistas que eram dadas até chegar à procura do ovo. E que as pessoas vinham para a rua, a algazarra era tanta, a alegria era tanta... E as pessoas vinham para a rua curiosas para ver a alegria que eles tinham, onde é que estavam escondidos os ovos. Portanto... E na escola era assim, havia uma relação do meio com a escola e da escola com o meio. Estas vivências foram muito enriquecedoras para mim pessoalmente e acho que também para o grupo.

9. Recorda-se de momentos constantes nos registos fotográficos em que possam ser testemunhados momentos de partilha e de interação positiva na instituição que queira descrever?

R: Por exemplo, em relação às atividades que eram desenvolvidas, todas nós tínhamos o cuidado de envolver também as assistentes operacionais em atividades, como algumas dramatizações que ficavam a seu cargo e que desenvolviam com os restantes elementos da equipa pedagógica. Ou então entre toda a equipa de pessoal não docente eram preparadas e realizadas algumas atividades, de forma a que se criasse uma relação próxima entre educadoras e assistentes operacionais, a não haver aquele patamar de distância: “eu sou educadora, tu és assistente operacional”. Pronto, sempre com respeito perante o que eram as responsabilidades e deveres de cada um, mas de forma a que os meninos também se pudessem aperceber que as assistentes não estavam só ali para as ajudar só a fazer os “trabalhinhos”, que também participavam nas dramatizações, que também faziam algo mais para eles. Lembro-me perfeitamente de elas fazerem um bolo e o oferecerem às crianças, de terem feito os cartuchos de castanhas. E até fizeram uma dramatização na Páscoa em que, como a idade era tão pequenina, contaram a história do patinho e do coelhinho e depois até ofereceram uns saquinhos que foram elas que fizeram e não nos pediram grande apoio. E acho que isso entre nós também criou uma certa relação que não era aquela relação de distância, mas de proximidade e daqueles laços de interação fortes.

10. Em seu entender a existência e disponibilização a toda a equipa de registos fotográficos efetuados ao longo deste tempo poderá ter influenciado a sua ligação a essa comunidade educativa? De que forma(s)?

R: Sim. Essa ligação continua. E, às vezes, pronto, lembro-me dessas situações com uma certa... nostalgia. Talvez pelas pessoas que conheci, talvez pelo facto destas atividades que foram desenvolvidas com as crianças tivessem também um nível de apoio pessoal pelo fato de sermos poucas pessoas, foi uma relação um bocadinho forte. Pronto, sabemos que o dia-a-dia é um bocadinho a correr, muitas vezes não temos oportunidade de contactar com as pessoas ou mandar uma mensagem, mas de vez em quando lembramos e fazemos isso. [...] Mas tenho sempre presente. E em casa também tenho um lugar onde coloco sempre os meus CDs de música e DVDs e às vezes olho para um CD ou um DVD que ficou daqueles registos daquela escola e coloco para ver simplesmente, pronto, para tentar ver todas as pessoas, ver as crianças que já passaram por mim. É natural que as crianças às vezes não nos reconheçam na rua, mas lembram-se se calhar daquelas atividades que foram tão fortes e que também as marcaram. E sei, por exemplo, de uma criança que voltou à escola depois de ter deixado de a frequentar e que o irmão foi precisamente meu

aluno. E nós perguntámos: “o que é que tu mais gostaste desta tua escola?” E disse precisamente que o que mais gostou e que mais recordou foram umas atividades de piscina – que é uma atividade tão simples – e ele descrevia aquilo com certo pormenor, mesmo passado algum tempo. E acho que isso é benéfico. E ele referia que via as fotos e dizia os nomes dos adultos. Acho que isso para as crianças tem sido muito benéfico.

11. Independentemente de estar ou não presente na mesma instituição como educadora de infância, ainda considera estar atualmente ligado, de alguma forma, à história da instituição educativa em que esta experiência decorreu?

R: Sim. Considero. Foi uma experiência tão enriquecedora... E o facto de termos encontrado pessoas ali em que se criou uma relação tão forte, dá certa nostalgia e dá... É... Não são... pela minha experiência profissional, que já vão sendo (número) anos de serviço, sei que não é muito fácil encontrar pessoas, sobretudo colegas em que todas elas se deem bem. E que dava uma ideia de que toda a gente acordava: “Então, vamos fazer isto e vamos todas...” E todas faziam. Com garra, com força, com espírito de... Isso lembramos e recordamos. Talvez por a escola também ter sido pequenina, não sei... Mas sei que foi uma experiência muito gratificante.

12. A manifestação de interesse pelos pais e encarregados de educação para que os registos fotográficos e alguns vídeos divulgados lhes fossem facultados era patente? Em que situações?

R: Sim. Os pais sempre que viam alguma fotografia colocada num placar ou que viam... Pediam sempre. E no final do ano tínhamos esse cuidado também, porque também queríamos fazer essa ligação com os pais. Para que os pais também percebessem a nossa relação ali, precisamente, como já referi numa pergunta, em que nós não estamos ali só para cuidar dos filhos, mas que eles estão ali em experiências de aprendizagem e que futuramente isso lhes irá servir como pessoas, como seres, como cidadãos duma sociedade, não é? E que isso vão adquirindo desde pequeninos. O saber respeitar o outro, o saber esperar, o saber ajudar, o saber partilhar. Que são coisas que fazem parte dum ser humano, mas que só experienciando é que nós conseguimos vivê-las. Os pais muitas vezes chegavam à escola e diziam, por exemplo: “O meu filho já disse que ontem vocês tiveram aqui uns coelhinhos. Pegaram nos coelhinhos.” E disseram que nós tirámos as fotografias. “É possível termos essas fotografias?” Pediam em várias situações. Nomeadamente

também quando fazíamos as festas finais. Lembro-me que aí também tínhamos o cuidado de recolher e mostrar algumas das fotografias que tinham sido tiradas ao longo do tempo e nisso também os pais mostravam interesse e perguntavam: “Será que podemos ter acesso? Será que nos dão essas fotografias?”

13. Nos diálogos com os pais e encarregados de educação relativos às fotografias pedagógicas divulgadas, quais eram os aspetos que estes mencionavam com maior frequência?

R: Referiam de tudo um pouco. Eles referiam os projetos que estavam patentes nessas fotos, referiam a própria evolução da criança. Porque é assim, a fotografia dá para ver o antes e o depois. Portanto, quando nós pegamos numa fotografia tirada no início do ano e uma fotografia tirada no fim do ano, há sempre uma evolução. E consegue-se ver sempre se a criança cresceu, se não cresceu, o “salto” que ela deu. O ver que no início do ano não era capaz de partilhar um brinquedo com um colega, mas que no fim do ano outra fotografia na mesma situação mostra que já consegue fazer isso com maior frequência. E que até tem o seu brinquedo e diz “olha, toma, brinca.” É gratificante ver isso.

14. Após a conclusão desta experiência encontrou encarregados de educação e/ou crianças que tenham frequentado a instituição nessa altura e que se refiram de alguma forma à experiência com a fotografia pedagógica? Em que sentido(s)?

R: Sim. [...] Esses pais reconhecem-me. Os pais daquela escola particularmente, alguns deles ainda me reconhecem e eu também consigo reconhecer. Encontrei num supermercado uma mãe que disse “Então educadora (nome), onde é que está colocada e o que é feito de si?” E eu, claro, perguntei como é que estava a filha e ela disse que estava muito bem e que a filha também se lembrava daquela instituição. Quer dizer, é gratificante ver que o nosso trabalho foi reconhecido. E que as pessoas nos reconheceram, que trabalharam connosco. É bom vermos isso, que as pessoas nos dão valor, afinal, e que não nos esqueceram. Recordam-nos sempre com um certo carinho, com uma certa saudade.

15. Uma situação em que a fotografia pedagógica foi utilizada consistiu na exposição, após obras de melhoramento físico no estabelecimento de educação, de fotografias pedagógicas que mostravam vários espaços da instituição antes e

depois dessa intervenção. Enquanto educadora, como perspectiva essa forma de utilização da fotografia pedagógica para documentar as alterações físicas e organizacionais que se vão verificando em espaços do ambiente educativo?

R: Ora bem... A experiência e as fotografias conseguem-nos transmitir isso. E lembro-me perfeitamente que, quando iniciei funções na escola, havia algumas cadeiras estragadas e uns móveis que não tinham brilho, não tinham cor. E que todas nós nos unimos e houve até assistentes operacionais que trouxeram algumas tintas diferentes de casa e andámos todas nós, educadoras e assistentes operacionais, a pintar, a dar cor, a dar um espaço mais alegre. E ver fotografias em que o espaço era tão baço, em que não havia muita cor, em que algum material já se estava a degradar e sem cor, passada a tinta com cores alegres, vivas... E as crianças também viam o espaço de outra forma. E nós também aplicadas nisso, conseguimos trabalhar todas juntas um pouco e colmatar alguma dificuldade relativa ao material. Quer dizer, eram situações em que foi bom e se consegue ver a importância do espaço. Se for num espaço de sala, também dá para ver isso. Ver que, se calhar, onde nós colocamos um móvel, por exemplo, o móvel da biblioteca, que foi colocado, por exemplo, ao pé duma estante, onde não tem luminosidade nenhuma, ou não está ao pé de uma janela, isso dá para nós refletirmos que afinal aquele não devia estar ali. Que para a biblioteca, se calhar, devia ser mais benéfico – até por causa da claridade e da luz – estar ao pé duma janela. E ajuda nesse aspeto. Em relação ao facto de ter sido, noutra situação, vista a evolução do antes e depois, lembro-me perfeitamente de terem sido tiradas fotografias para quando tivemos a visita do responsável por algumas obras na instituição ser patente que tivemos uma transformação tão gigantesca que para nós foi gratificante. Pena foi que depois tivemos de receber a notícia de que algumas de nós iam ter de sair, quando o espaço já estava alegre, acolhedor...

16. Como percebe o papel deste recurso para registar as alterações físicas em crianças e adultos ao longo do processo educativo?

R: Bom... Em relação às crianças, conseguimos ver as diferenças. Se elas cresceram, se não cresceram, se evoluíram. (Sorriso) E é engraçado que quando olhamos para trás, dizemos: “eu já não me lembrava que ele era assim tão pequenino, ou que ele era assim tão rechonchudinho...” (Sorriso) Ou que, pronto, que ele era assim tão meiguinho. Agora está uma criança completamente diferente. Está mais sociável, por exemplo. Quando antes só aparece triste, ou com a sua “naninha”, com a sua chuchinha ali... E numa fotografia posterior consegue-se ver uma série de evoluções.

E a nível de sala isso também serve para nos ajudar a refletir precisamente essas situações. O que é que nos falhou ali. Porque é que aquela criança naquele momento estava triste, porque é que... Acho que é isso que nos ajuda e dá para ver. Ver a própria evolução dos adultos que se transformaram, que estão diferentes. Dá para ver uma série de coisas.

17. Na sua opinião o interesse pela documentação de práticas através da fotografia pedagógica era comum a todas as educadoras da instituição?

R: Sim. Como eu disse no início da entrevista eu não era uma pessoa muito ligada às tecnologias. E ganhei esse gosto. E depois ver as colegas também que conseguiam utilizar a máquina de uma determinada forma para fotografar começou a criar em mim o gostinho e eu quase que implicitamente comecei a gostar mais de pegar nessas máquinas, trabalhar no computador, aprender alguma coisa diferente. Às vezes vinha ao pé da colega para dizer, “olha como é que se faz, por exemplo, um PowerPoint...” (risos) Que era uma coisa tão simples, talvez para as pessoas que sabem, mas para mim, que não sabia era complicado. E depois fui criando esse gostinho e fui aperfeiçoando. E acho que atualmente também utilizo a fotografia talvez por ter tido esta experiência anterior.

18. Para além dos registos fotográficos, que outras formas de registo e documentação das práticas pedagógicas eram utilizadas nesta instituição?

R: Os quadros de presença em que iam lá colocar uma bolinha, só quem estava presente. Os quadros dos “chefes”, que mostravam quem era o responsável por naquele dia levar o “comboio” para o refeitório. Isto, claro, já numa sala de três/quatro anos. Lembro-me de quadros em que tinha o tempo, em que as crianças iam lá colocar o símbolo. Lembro-me dos quadros e dos colares também que se utilizavam nos referidos cantinhos para eles se identificarem, para saberem quantas crianças é que podiam estar num determinado cantinho. Tudo isto é uma linguagem simbólica para nós e que para eles tem um certo sentido. E que tem uma certa intenção pedagógica. Não só está a trabalhar a matemática, sem eles se aperceberem ao ver que só podem estar três crianças ali, naquele canto, mas desta forma começam intuitivamente a contar. Portanto, se vier uma criança a mais eles já sabem que não pode continuar a estar ali, porque está a mais, não pode estar neste canto, tem de estar noutra canto. E isso verificava-se várias as vezes, daí o recurso a vários materiais, consoante as idades com que trabalhamos. Embora seja de referir que na

altura em que decorreu esta experiência eram crianças de faixas etárias mais pequeninas, quase sempre três, dois anos. E tínhamos de fazer por vezes uma certa diferenciação, não é? Mas recordo-me disso. Recordo-me também dos registos gráficos. Estávamos sempre a fazê-los. Por exemplo, numa saída. Recordo-me de uma saída de Carnaval, à placa central da cidade e quando chegaram à escola nós perguntamos “o que é que vocês gostaram, o que é que vocês viram?” E registámos em desenho e por escrito. Está-me a ocorrer agora, já que estou a falar em Carnaval, uma situação que foi no Natal, em que fomos à baixa de autocarro com as crianças e foi uma euforia! Foi uma situação diferente... E depois foram ver o Pai Natal, falaram com o Pai Natal, sentaram-se no colo do Pai Natal. E quando chegaram à escola nós perguntámos sobre o que é que tinham gostado e visto e eles foram dizendo e nós fomos registando o que diziam. Depois eles fizeram, claro, à sua maneira, o registo gráfico daquilo que tinham vivido, do que foi vivenciado.

19. Recorda momentos em que analisou fotografias pedagógicas juntamente com outros elementos das equipas pedagógicas? Poderia referir um deles?

R: Sim. Lembro-me, por exemplo, (sorriso) para fazer os DVDs, muitas vezes tínhamos que andar ali a ver e a escolher e ver se a fotografia estava bem tirada, se estava mal tirada, se esta criança aparecia mais vezes que a outra... Nas festas finais, naqueles momentos enquanto os pais aguardavam pela atuação dos seus filhos, fomos passando as fotografias das atividades que eles iam realizando ao longo do ano, da semana, e que os pais depois no fim manifestavam interesse talvez porque nós também mostrámos que tipo de trabalho é que era feito. E daí virem ter conosco e pedirem-nos os DVDs, pedirem-nos fotografias. E acho que isso foi benéfico. Lembro-me perfeitamente de outra situação de estarmos todas juntas e a tentar fazer a seleção de fotografias para fazer a reunião de apresentação do projeto educativo aos pais com PowerPoint. Em que se pudesse ilustrar as rotinas, em que se pudesse ilustrar a parte de socialização, em que se pudesse ilustrar o conhecimento do mundo, as visitas feitas ao exterior e a interação com a própria comunidade.

20. Recorda momentos em que as fotografias pedagógicas que iam sendo realizadas eram partilhadas com as crianças? Como reagiam estas à sua apresentação?

R: Sim, tínhamos sempre o cuidado, pelo menos, de mostrar. Quando fazíamos um DVD ou quando tirávamos fotografias, havia sempre algum momento em que nós

tínhamos oportunidade de pô-los a ver no DVD da escola. E víamos a alegria de estarem a apontar uns para os outros: “olha ali a (nome), olha ali o (nome), olha, eu estou aqui...” Aquelas coisas que às vezes para eles tinha sido vivido só há um mês, ou dois, ou três, mas que quando nós lhes mostrávamos, eles vibravam com isso, com uma euforia, com entusiasmo, com uma certa... Era engraçado ver essa reação.

21. Continua a utilizar este recurso na atualidade? Se sim, com que finalidades?

R: Sim. Tal como já disse, comecei a ganhar esse gosto. Comecei também a tirar fotografias. Exponho sempre também na sala. Também porque depois passei vários anos em berçários e nada melhor para os pais que ver o que é que os seus filhos fazem num berçário do que pôr essa fotografia em jornal de parede. Um textozinho a explicar por baixo “oh, mamã, olha o que eu já consegui fazer!” Por exemplo: “Deixei de andar a gatinhar e comecei a dar os primeiros passitos.” Ou “olha, mamã, vê como eu já sou tão crescido! Já sei tomar o meu suminho, já consigo agarrar o meu copinho!” E é benéfico porque os pais depois ao verem isso na parede conseguem dar valor à nossa profissão e vêem também que os seus filhos estão bem entregues. E vêem se estão alegres, se estão bem. E aquilo que se faz vai passando. E a mensagem se calhar vai passando. Ou de um pai para outro. E ajuda também a desvalorizar um bocadinho aquela sensação de que nós antes estávamos ali só para “cuidar”. E que há uma finalidade pedagógica, que há uma evolução, um crescimento. E isso vê-se.

22. O que costuma fotografar atualmente no âmbito da sua atividade profissional?

R: Atividades realizadas com as crianças, saídas que eles realizam... O ano passado estive numa sala de três anos, em que fiz também os registos fotográficos. Em que ilustrávamos o que tinham andado a aprender, como é que tinham aprendido, situações em que eles foram “apanhados” sem saber e depois eu mostrava-lhes no computador as fotos e eles viam e diziam “ah, tu tiraste fotografia?” (Sorriso). Portanto nem sequer se tinham apercebido. “Tu tiraste, do que eu fiz?” E é... Lá está, foi um gosto que fui criando e que fui aperfeiçoando. No final do ano também me ajuda a complementar, por exemplo, o meu relatório de atividades. Ajuda-me também para fazer uma reunião de pais, para mostrar o que eles fazem, ou deixam de fazer, com que finalidade é que nós fizemos uma determinada atividade. Nada melhor do que...

Às vezes dizem que “uma imagem vale mais que mil palavras.” E acho que isso aí fica patente.

23. Ao fotografar atividades pedagógicas na atualidade, normalmente fotografa os momentos anteriores e posteriores ao desenvolvimento da mesma ou apenas os momentos em que as crianças a estão a realizar?

R: Eu, por norma, realizo o antes e o depois. Porque... Como temos muitas vezes que pôr quadros de presença na sala, posso utilizar uma fotografia deles. Posso, quando há atividades, por exemplo, no Natal, ver como é que eles conseguiram colar um papelinho numa imagem. Se colaram num determinado sítio certo, se está um bocadinho dentro do contorno, se está fora do contorno. Dá para ver se a criança depois é capaz de pegar num pincel corretamente ou não. Porque às vezes, no dia-a-dia, nós vemos, mas se não registamos logo quando fomos fazer a avaliação acabamos por esquecer. E ao pegar nessa foto dá para ver: “Afinal eu tinha a ideia de que esta criança conseguia pegar corretamente e afinal está a pegar incorretamente no pincel”. E vou trabalhar um bocadinho mais com essa criança. Utilizo também para o projeto, para fazer uma reflexão do meu trabalho, das minhas atividades, do meu relatório de atividades. Que muitas vezes fazemos e esquecemos daquilo que já fizemos porque não ficou registado. E a fotografia que muitas vezes nós temos e que vamos observando recorda: “ah, esqueci-me que tinha feito esta atividade. Não a referi ainda no relatório...”

24. Na sua opinião a fotografia pedagógica poderá servir para expressar e comunicar as perspetivas teóricas e práticas do educador de infância? Em que sentido(s)?

R: Sim. A fotografia é sempre importante e ajuda-nos a conseguir ver se a criança – como eu disse anteriormente – conseguiu também partilhar alguma coisa comigo. Se no início do ano era uma criança muito retraída, por exemplo, e que agora já socializa mais. Já é capaz de fazer um carinho a um amigo. Ou quando se retraía ou quando se isolava. Ver uma fotografia em que uma criança está isolada num cantinho, depois a meio do ano já está a brincar, não a par, mas junto com os seus amigos, já começa a ter algumas preferências, a escolher amigos para brincar constantemente. A própria evolução a nível da comunicação, que a fotografia comunica muita coisa. E penso que é muito importante passar e ilustrar também aos pais que não existe só uma parte

prática, que nós temos uma “bagagem” teórica numa prática que se vai realizando no dia-a-dia. Em que os pais podem ver essa prática.

25. Gostaria de referir algum outro aspeto ou situação desta experiência que considera ser importante para que este projeto de utilização coletiva da fotografia pedagógica tenha sido possível e que não tivesse sido focado nas questões anteriores? Qual?

R: Eu penso que quase tudo foi abordado. E eu acho que já abordei isto, mas (risos) gostaria de voltar a frisar. É que este trabalho só foi possível devido, se calhar, ao grupo de colegas que nós tínhamos nessa altura e que iam “espicaçando” (sorriso) umas às outras. Colegas que às vezes nem sabiam sequer “ligar um computador”, criar o gostinho por “ligar o computador”. Por... Este... Criar este gosto por saber um pouco mais: “Olha, afinal como é que se faz isto?” Mas, pronto, eu acho que já tinha focado nas outras respostas, mas gostava de deixar isto bem patente. Realmente as pessoas com quem me encontrei deram-me este gosto para eu fazer um bocadinho mais. Não saber como é que se fazia, por exemplo, um PowerPoint e depois perguntar: “olha afinal como é que se faz, como é que se coloca uma fotografia...” Por exemplo, fazer um pequeno vídeo, que é uma coisa que é tão útil e que eu não sabia, agora vou tentando fazer, mas porque foi este gosto criado, porque foram as colegas que me passaram este gosto. Porque “puxavam” por mim. A evoluir um bocadinho e a não ficar parada no tempo. Pronto, acho que foi benéfico também nesse sentido.

Muito obrigada pela sua colaboração!

De nada, sempre ao dispor!

ANEXO 8 – Transcrição da entrevista realizada à educadora de infância a que foi atribuído o código E2

1. Participou durante alguns anos na concretização de uma experiência/projeto em que a fotografia pedagógica foi utilizada numa instituição educativa durante algum tempo, tendo como objetivo principal divulgar a ação pedagógica desenvolvida junto dos encarregados de educação. Passados alguns anos, poderá indicar quais os aspetos que considera positivos para si e para alguns dos seus intervenientes?

R: É assim... O trabalho que nós fazemos com as crianças, se não for registado... (sorriso) se não for registado em fotografia ou se não houver um relato escrito, ao longo do tempo perde-se. E essas fotografias revelavam os momentos mais interessantes das crianças. Desde o acolhimento, as rotinas, o estar à mesa, o brincar livremente... E, portanto, cada fotografia, ou cada registo fotográfico ou mesmo cada vídeo, ou outro, tinham sempre como base uma ação pedagógica desenvolvida. Ou então os meninos a brincar e, portanto, estavam num contexto de brincadeira livre, em que participavam e interagiam. Ou brincavam lado a lado, porque eram crianças muito pequeninas. Na altura desse projeto com fotografia de que me estou a lembrar, em que tivemos cinco educadoras, eram crianças muito pequeninas. E estou-me a lembrar particularmente da sala dos mais pequeninos, que foi a sala que eu trabalhei. E foi proveitoso porque os pais também, apesar de no dia-a-dia conversarmos com eles e de termos as reuniões normais com eles na avaliação, às vezes nem nos conhecem tão bem assim. E às vezes até nem conhecem aspetos dos próprios filhos, na escola. E ficam com um registo. Depois acham graça: “Ah, ele fazia isto quando entrou? Ele fazia aquilo?” E nós ficamos (sorriso)... Para nós é bom, porque não se perde e não se esquece. E para os pais, eles ficam felizes por ver que o filho fez uma evolução ao longo de um ano... E ao fim do ano vêem o vídeo e realmente vêem que quando ele entrou fazia algo de uma maneira e que quando o ano terminava ou ao meio do ano já fazia de outra maneira. E eles ficam todos muito satisfeitos. E acho que é positivo.

2. Do que se recorda, nas atividades fotografadas estão representadas as várias áreas de conteúdo referidas nas orientações curriculares e nas metas de aprendizagem definidas para a educação pré-escolar? Poderia, por favor, dar exemplos de algumas situações fotografadas que se reportem a algumas delas?

R: Sim. Dentro das áreas de conteúdo e das metas, quando nós abordamos uma das áreas, intrinsecamente estão as outras todas interligadas. Porque, se eu estou a preparar uma saída ou uma ida a um teatro, ou mesmo uma ida a um parque, eu tenho uma conversa com os meninos. Para abordar a área de Formação Pessoal e Social, estou-lhes a incutir regras, estou a dar-lhes regras cívicas, de interação social. E toda a conversa que eu tenho com eles também tem implícita a área da Expressão e a Comunicação. Porque se eu estou a falar, estou a comunicar com eles. E depois o sítio onde eu vou, uma chamada de atenção: “olha uma flor, olha um jardim, atenção ao baloiço, atenção a isto, atenção àquilo...” Estou-lhes a dar conhecimento. Conhecimento que eles têm algumas vezes. Conhecimento do Mundo. Às vezes os pais levam os meninos aos parques, mas não explicam para que é que serve o baloiço, para que é que serve o cavalinho, para que é que serve isto, pois os meninos andam livremente. Penso que dentro do trabalho das orientações curriculares e das metas de aprendizagem, quando nós estamos a fazer uma atividade – e geralmente fotografávamos também essas atividades de exterior, de parque, de rua, extrainstituição – estamos a valorizar todo esse conhecimento do mundo, expressão e comunicação, formação pessoal e social, porque é importante.

3. Foram fotografados alguns projetos de curta ou longa duração que tenham sido desenvolvidos no tempo em que essa experiência decorreu de que tivesse gostado particularmente? Poderia mencionar um deles de que se recorde?

R: (Risos) É assim... Foram vários. Nós fazíamos sempre motivações para a Páscoa, para o Natal, para o Carnaval, para o Pão por Deus... A partir de tudo o que nós achávamos que era área forte, que era tradição, que os meninos deviam ter, fazíamos um miniprojeto. Na altura fazíamos uma motivação, que poderia ir da expressão dramática, a um filme, a expressão plástica... Qualquer coisa que fosse diferente, para os motivar. Nos projetos de curta duração, que são os que nós fizemos que realmente se reportam às vivências que as crianças vão tendo, estou-me a lembrar particularmente de um do Carnaval. Que foi uma representação. Só mímica, portanto, sem palavras, em que nós fizemos a história do Arlequim e da Colombina. E que, eu, pessoalmente, achava que não ia funcionar, porque as crianças não iam entender. Era

a única pessoa a dizer que não, num grupo de cinco. E depois tive de reconhecer que realmente... Concordei que as coisas funcionaram, porque os meninos não só estiveram com atenção, perceberam a história, perceberam o que se passou, como relataram isso com as palavrinhas deles. Relataram a história. E depois foram capazes de identificar e ter noções das personagens. Foi interessante. De projetos de longa duração, destaco os projetos que tinham a duração de um ano. Eram os projetos que nós tínhamos em cada ano, o Curricular de Grupo, em que, ao longo do ano, desenvolvíamos um tema muito geral e íamos fazendo vários registos fotográficos ou em vídeo. E que depois compilámos para dar um vídeo no fim do ano. Os pais realmente muitas das vezes não se apercebiam do trabalho que era feito. E ficavam encantados. Acho que foi positivo. (Com muita convicção) Acho que é bom, ficarem esses registos. Não só para nós, mais tarde, vermos – nós e as colegas – “olha isto, olha aquilo, olha esta criança...”, mas também porque nós vamos vendo o trabalho que foi feito e vamos valorizando aquilo que vamos fazendo, também.

4. As rotinas implementadas para os grupos de crianças encontram-se presentes nas fotografias realizadas e facultadas aos encarregados de educação? Essas rotinas fotografadas podem ser reveladoras do trabalho que desenvolveu com essas crianças? Em que aspetos?

R: As rotinas implementadas... temos “n” experiências em que fotografámos e está lá uma rotina. Se for num espaço de exterior, está lá a criança a jogar, está a interagir com o colega. Está a socializar-se. Se for num espaço de sala, poderá estar a rotina de controlo dos esfíncteres, que nós também fizemos. Pode estar a rotina do acolhimento, dos jogos, da história, a hora do conto, podem estar todas as rotinas. Inclusivamente, é curioso que nós fotografamos até os primeiros sons das crianças, os primeiros dias em que eles dormiram na instituição. E é engraçado que essas fotografias levaram os pais a terem consciência do que era o dia-a-dia da criança, na sala. E é muito positivo, é um trabalho que eu considero positivo.

5. As orientações curriculares da educação pré-escolar referem que o educador de infância deverá estar atento a oportunidades e situações imprevistas que possam beneficiar a educação e a aprendizagem das crianças com as quais interage. Recorda-se de alguma situação que possa partilhar em que tal tenha acontecido?

R: Surgem, às vezes, situações em que a criança traz um relato de casa e que... Qualquer coisa que aconteceu, que foi fora do normal e que acaba por contar e por valorizar. Há situações que são menos positivas. Estou-me a lembrar de uma criança que descreveu uma situação ocorrida no trânsito quando vinha para a escola em que ouviu uma palavra menos positiva. (Sorriso) E quando ouviu um colega uma vez dizer uma palavra semelhante, a criança disse-lhe o que a mãe tinha lhe dito quando estava a vivenciar a outra situação: “entra no ouvido, não fica na cabecinha e sai pelo outro ouvido”. Portanto, não se repete... E todas as crianças ficam a saber que algumas coisas que não são para dizer, são coisas menos boas, ou menos próprias em sociedade. O relato dessa criança ajudou-os a perceber isso. Entre eles, vão aprendendo, e isso vai beneficiando, ao fim e ao cabo a educação e a aprendizagem. Entre todos.

6. Considera útil, enquanto educadora de infância, o recurso a este meio para efetuar reflexão individual e/ou coletiva de modo a melhorar as experiências de aprendizagem proporcionadas às crianças? Porquê?

R: É assim, um ano letivo acontece praticamente em onze meses. Onze meses não parece muito tempo, mas em onze meses acontecem “n” situações. E se algumas dessas situações não forem registadas, com o tempo vão esquecendo. E apesar de nós fazermos um registo do que aconteceu, do que não aconteceu, é certo e é verdade que na hora de fazer as avaliações, nós vamos aos registos. Mas às vezes passa... E visualizando as fotografias, mais rapidamente nós chegamos ao que aconteceu – ou não aconteceu. Eu penso que é útil o recurso e acho que é importante que se faça. E até nós, educadores, podemos ter atitudes menos adequadas pedagogicamente. E se nesses momentos forem realmente utilizados registos, vão sugerir, portanto – ou na nossa maneira de ser, ou na nossa reflexão individual – que realmente aquilo não funcionou assim, mas de outra maneira. Vamos reformular a maneira como vamos abordar as experiências e promover a aprendizagem dos pequeninos.

7. Qual a sua perspetiva quanto à utilização da fotografia pedagógica pelo educador de infância poder constituir um meio de avaliação da sua prática, tendo em vista a melhoria da sua ação pedagógica?

R: O registo fotográfico ajuda. Ou mesmo em vídeo. E de certa maneira constitui um meio de avaliação. Porque nós olhamos para determinada fotografia e para

determinado vídeo e nós lembramo-nos. Automaticamente, quase que aquilo vem à memória. Ajuda a que nós tenhamos em mente este ou aquele objetivo, que se atingiu, que não se atingiu, porque é que não se atingiu... É uma maneira de refletir e depois reformular. Tentar fazer de novo, melhor. De maneira a que a ação pedagógica desenvolvida junto das crianças seja a mais positiva e assertiva.

8. Poderia revelar alguns exemplos de momentos fotografados durante essa experiência em que possa ser verificada a participação de diversos elementos, quer da comunidade educativa, quer da comunidade em geral do meio em que a instituição se inseria?

R: Sim. Por exemplo, quando nós fazíamos o Pão por Deus, geralmente tínhamos uma intenção de... Aliás, verificámos que os nossos meninos nem todos tinham os avós presentes. E, portanto, os avós viviam longe, ou trabalhavam, ou... E nós tínhamos junto à instituição um arruamento onde haviam quatro, cinco moradores, alguns com uma certa idade. E nós promovíamos esse intercâmbio. Portanto, geralmente era no Pão por Deus. Falávamos da história do Pão por Deus, que íamos pedir o Pão por Deus aos vizinhos e que eles davam... Eles convenciam-se de que realmente eram os vizinhos que nos davam o Pão por Deus. Não eram. Eles colaboravam. Era a instituição que levava os frutos aos vizinhos e depois os vizinhos faziam o favor de lhes dar. E por volta do São Martinho, nós fomos agradecer a ajuda e então levámos da escola um saquinho para oferecer a cada um dos vizinhos. E eles ficavam felizes. Aconteceu também num ano um outro momento. Fizemos o convite para eles virem à festa final. Alguns inibiam-se, não vieram, houve um ou outro que veio e foi interessante. E houve situações em que as famílias também estiveram envolvidas na festa final, portanto em junho, em que se festejavam os santos populares e as marchas, em que participavam não só os vizinhos, como participavam os pais, como participavam pessoas amigas que eram de um grupo que na altura funcionava nas proximidades da instituição. Era um grupo de cantares. Na altura tínhamos alguns elementos da equipa do Jardim de Infância que faziam parte desse grupo. Depois já traziam outros, já tocavam e cantavam já estávamos ali quase numa “macrossociedade” (risos), numa interação entre comunidade educativa e pessoas que aparentemente nada tinham a ver com a instituição, mas que colaboravam e que davam o seu melhor.

9. Recordar-se de momentos constantes nos registos fotográficos em que possam ser testemunhados momentos de partilha e de interação positiva na instituição que queira descrever?

R: (Suspiro) Na instituição, geralmente quando alguém fazia anos eram festejados os aniversários com uma partilha e as crianças adoravam cantar os parabéns... Ou então naquelas festinhas que nós fazíamos no Natal, em que partilhávamos um lanche com os pais, com as crianças, com os educadores, com as entidades que por vezes faziam parcerias conosco, como a Junta de Freguesia e outros. Em que, de uma maneira geral, todos nós fazíamos uma partilha. Toda a gente trazia qualquer coisa e partilhávamos entre todos.

10. Em seu entender a existência e disponibilização a toda a equipa de registos fotográficos efetuados ao longo deste tempo poderá ter influenciado a sua ligação a essa comunidade educativa? De que forma(s)?

R: Eu penso que a partir do momento em que nós abarcamos um projeto e que nesse projeto temos a intenção de fazer registo, quer fotográfico, quer em vídeo... Seja lá o que for... Ainda que seja um registo escrito... A partir do momento em que nos disponibilizamos para isso, está implícito que temos de aceitar também o ponto de vista dos outros e aí temos de muitas vezes também de ceder. E somos influenciados pelas outras pessoas. Portanto, há toda uma influência de grupo e que vamos trabalhar todos para o relacionamento e para o trabalho. Penso que ninguém entra num projeto para deitar as coisas abaixo (sorriso). Às vezes não funciona, mas pronto... Isto é complicado. Relações humanas é complicado... Mas penso que toda a gente, de uma maneira geral, se disponibilizou e tentou melhorar cada vez mais o seu desempenho dentro da comunidade e não só, fora mesmo.

11. Independentemente de estar ou não presente na mesma instituição como educadora de infância, ainda considera estar atualmente ligado, de alguma forma, à história da instituição educativa em que esta experiência decorreu?

R: Continuo. [...] Mas é curioso porque hoje em dia, lá de vez em quando, telefonamos, encontramos-nos, conversamos. “E lembras-te disto, e lembras-te daquilo?” Portanto, há situações que estão presentes ainda, a nível de relação pessoal e interpessoal. Acho que foi um ano – principalmente o último em que decorreu o projeto de utilizarmos todas a fotografia – muito positivo. Os outros também. Mas esse foi muito positivo. E, pronto, sabemos como são as coisas, há coisas que correm melhor,

outras menos bem, mas de modo geral nós somos adultos e temos de nos aceitar uns aos outros.

12. A manifestação de interesse pelos pais e encarregados de educação para que os registos fotográficos e alguns vídeos divulgados lhes fossem facultados era patente? Em que situações?

R: É assim (suspiro)... A nossa instituição tinha por hábito fazer já um registo fotográfico de anos anteriores. E geralmente as crianças não entram todas ao mesmo tempo e saem todas ao mesmo tempo. Há sempre um ou outro que é mais novinho, que fica para outro ano e que vai mudando de sala. E como uma primeira abordagem coletiva, nós fizemos com a fotografia um vídeo que mostrámos num fim de ano aos pais. Fizemos só uma cópia, só um vídeo, e na festa final colocámos um excerto desse vídeo. E os pais pediram: “eu não posso ficar com ele?”. Portanto, daí nós termos tido depois a preocupação de fazer sempre os registos fotográficos. Porque os pais, ao fim do ano, quase que nos exigiam: “nós queremos (risos) saber tudo...” E aí começámos por fazer. Também tínhamos colegas que também tinham uma certa habilidade, digamos, para esse tipo de trabalho. Eu, francamente, não tenho. (Risos) Mas, prontos... Merecido valor a quem o merece! Tenho colegas que conseguiram. Eu não consigo. (Risos)

13. Nos diálogos com os pais e encarregados de educação relativos às fotografias pedagógicas divulgadas, quais eram os aspetos que estes mencionavam com maior frequência?

R: A primeira reação muitas vezes dos pais é assim: “ai, o meu pequenino quando entrou e agora já está tão grande...” Mas depois era: “olha está a fazer isto! Mas isto o que é? E aquilo o que é?” Portanto, algumas das atividades que nós fazíamos como uma parte da expressão plástica com massa, com tintas, com areia, sei lá, com material de desperdício com que sempre trabalhámos... Muitas das vezes o trabalho fica concluído e eles não sabem como é que foi feito. E tínhamos a preocupação de colocar às vezes o início, o meio e o fim para eles terem uma ideia de como é que as crianças trabalhavam. E essas atividades tinham sempre um fim pedagógico. E trabalhávamos muito, especialmente para as festividades, não descurando as rotinas, nem as aprendizagens, nem nada disso. Quer dizer, era um trabalho que tinha um seguimento, mas que muitas das vezes as festividades saltavam à vista.

14. Após a conclusão desta experiência encontrou encarregados de educação e/ou crianças que tenham frequentado a instituição nessa altura e que se refiram de alguma forma à experiência com a fotografia pedagógica? Em que sentido(s)?

R: É curioso que os anos passam e nós vamos ficando com um contacto assíduo, menos assíduo, alguns longínquos... E eu olho para trás e vejo crianças que já “me passaram há algum tempo pelas mãos” no Jardim de Infância e que ainda me conhecem e que é grato vê-los a falar e a conversar... E tenho um relato de uma criança que passou para o terceiro ano este ano e que é curioso que de vez em quando pede à mãe o vídeo do ano em que ela esteve na instituição. E que lembra-se das pessoas, dos nomes e às vezes até fica triste por ver os amiguinhos, por ver as coisas que fazia, porque agora não pode fazer, porque diz que é só “trabalhos, trabalhos, trabalhos, trabalhos...” (sorriso) E ele quer ir à outra escola... Mas é engraçado ver como para algumas crianças, o Jardim de Infância as marca pela positiva. Há outras que o Jardim de Infância não as marca tanto, porque perdem o contacto com as pessoas, porque perdem o contacto com a instituição. E depois vão para outra escola, e depois têm novos amigos, é como tudo na vida, as coisas vão evoluindo. E a gente às vezes perde amigos (sorriso)... Neste caso nós temos a sorte de mantermos. Mantemo-nos mais ou menos informadas (sorriso). Juntamo-nos às vezes para pôr a conversa em dia...

15. Uma situação em que a fotografia pedagógica foi utilizada consistiu na exposição, após obras de melhoramento físico no estabelecimento de educação, de fotografias pedagógicas que mostravam vários espaços da instituição antes e depois dessa intervenção. Enquanto educadora, como perspectiva essa forma de utilização da fotografia pedagógica para documentar as alterações físicas e organizacionais que se vão verificando em espaços do ambiente educativo?

R: Nós tivemos melhoramentos que foram feitos no início do ano e ao longo do ano letivo. Nós temos registos fotográficos de determinadas atividades feitas no mesmo espaço, em que se nota que no fim do ano, por exemplo, na festa final, o espaço tinha sido melhorado. Houve a preocupação de dar mais cor ao estabelecimento, porque era muito branquinho... E foi difícil mudar a cor de espaços exteriores. Nós conseguimos realmente mudar a cor. E os pais manifestaram que essa mudança tinha sido positiva, que deu mais cor, que deu mais brilho e as crianças eram mais felizes naquele ambiente colorido. Portanto, de certa maneira, os registos de antes e depois

da remodelação deste espaço contribuíram para uma melhoria do espaço de aprendizagem dos filhos. E eles foram recetivos nesse aspeto.

16. Como perceciona o papel deste recurso para registar as alterações físicas em crianças e adultos ao longo do processo educativo?

R: As alterações físicas relativamente às crianças e aos adultos... Acho que foi positivo. Acho que são crianças mais felizes. E para os adultos, nós temos de nos adaptar. (Sorriso)

17. Na sua opinião o interesse pela documentação de práticas através da fotografia pedagógica era comum a todas as educadoras da instituição?

R: Era. Eu acho que era. Porque apesar de estarmos em duas salas, andávamos sempre com a máquina fotográfica lá na escola. E depois é assim, se acontecia uma criança estar a fazer uma construção que nunca tinha feito com jogos, mas que resolveu fazer, sei lá, uma praia, um castelo... E que aquela criança de uma maneira geral nunca se interessava pelos jogos... Se ela naquele dia se interessou e se fez uma coisa com princípio, meio e fim... Foi ela que construiu, é a obra de arte dela, esse registo não só agrada à criança, como para nós mostra que ela já é capaz de construir. Depois, há aquela tentativa. Se faz e se desmoronou, se cai, ela volta a tentar... Portanto, às vezes há o registo do fazer, do “desfeito” e, depois, do reconstruir. Para eles é importante e para nós também.

18. Para além dos registos fotográficos, que outras formas de registo e documentação das práticas pedagógicas eram utilizadas nesta instituição?

R: Para além do registo fotográfico... Nós tínhamos aqueles trabalhos que os meninos faziam. E que... Alusivos ao Dia da Mãe, ao Dia do Pai, ao Dia da Criança, ao Natal, ao Carnaval. Há sempre trabalhos deles que evidenciam a vivência que eles estão a viver, a época festiva... E até nos dão a evolução do desenho, a evolução da pintura, a evolução até a nível de motricidade fina, da motricidade global. Há trabalhos deles que nós pegamos no início do ano, pegamos a meio do ano e outros no fim do ano e dá para ver que houve realmente uma evolução positiva, houve uma sequência...

19. Recorda momentos em que analisou fotografias pedagógicas juntamente com outros elementos das equipas pedagógicas? Poderia referir um deles?

R: Geralmente quando nós fazíamos a seleção porque tínhamos “montes” de fotografias. Às vezes tínhamos... para não dizer milhares, mas tínhamos algumas centenas de fotografias. E depois, é assim: “vem aqui, ajuda-me, qual é a fotografia que nós colocamos? Este é daquela... lembra-te, daquela dramatização que os meninos fizeram. Qual é a que achas melhor? Esta é tão gira, mas não se vê bem este, não se vê bem aquele...” Portanto, num conjunto de sete, dez, quinze fotografias relativas à mesma temática, digamos, tínhamos de selecionar uma, duas, três. E depois estávamos na dúvida sobre como é que fazíamos... Muitas das vezes nos momentos que nós tínhamos quando as crianças descansavam, ou noutros momentos em que não havia tanta atividade, lá vinha uma colega dizer: “olha, mas esta fotografia está mais gira do que aquela”. Pronto... E nós aí tentávamos encaixar. Muitas das vezes o que nós pensávamos que eram sete ou oito fotografias, quando víamos tínhamos quinze, vinte, trinta, por aí.

20. Recorda momentos em que as fotografias pedagógicas que iam sendo realizadas eram partilhadas com as crianças? Como reagem estas à sua apresentação?

R: Geralmente quando nós fazíamos os registos, eles gostavam sempre de ver. E então quando acabávamos a dramatização, as histórias, as sombras chinesas, qualquer coisa, os fantoches, eles queriam sempre ver. E então nós voltávamos na máquina e fazíamos o “*review*”. E diziam: “olha eu estou aqui, olha eu estou ali...” Eles vibravam com essas situações.

21. Continua a utilizar este recurso na atualidade? Se sim, com que finalidades?

R: Continuo a fotografar e ainda não perdi a esperança de conseguir fazer um DVD. (Sorriso) Ou a gravação de um vídeo... Não sou muito ligada às tecnologias, ainda não tive tempo para me dedicar bem a isso. No entanto, continuo a fazer fotografias com carácter pedagógico para serem partilhadas depois com as crianças, com os pais e com quem trabalho atualmente. Como não tenho jeito nenhum para isso, o que faço é: pego nos cartões da máquina fotográfica, passo à colega, ela passa as fotografias para o computador e utilizamos conforme vamos precisando. Eu consigo fazer algumas coisas e reduzir fotografias, não consigo ainda é passar para um vídeo. (Risos) Mas eu não perdi a esperança de conseguir aprender!

22. O que costuma fotografar atualmente no âmbito da sua atividade profissional?

R: Geralmente, gosto de fotografar os meninos nos momentos de brincadeiras livres. Nos momentos calmos também, como quando estão a ver uma história num cantinho, a ver revistas, ou mesmo no recorte. Porque também me dá uma ideia de como é que eles evoluem. Eu sei que eles começam a recortar com muita dificuldade, depois vão evoluindo. Mas fica um primeiro registo. De um pegar com dificuldade numa tesoura, tentar cortar e rasgar e não cortar. E depois no fim do ano já fazerem um contorno quase... um recorte quase, digamos, bom. E tudo o que é atividade que eles fazem. Geralmente, mesmo expressão plástica e tudo, gosto de fotografar. E até noutras situações. Gosto de fotografar, mesmo no exterior, em saídas... Gosto de fazer fotografia. Depois nós vamos encadeando tudo aquilo num projeto. Tem a ver com o projeto.

23. Ao fotografar atividades pedagógicas na atualidade, normalmente fotografa os momentos anteriores e posteriores ao desenvolvimento da mesma ou apenas os momentos em que as crianças as estão a realizar?

R: Geralmente nos momentos em que eles estão a realizar, porque anteriormente eu vou explicar-lhes a atividade. Gosto mais de fotografar quando eles estão a fazer as atividades, a manusear os materiais e a criar, porque “apanho” várias situações. Geralmente tenho dois, ou três, ou quatro crianças numa mesa a trabalhar e “apanho” as várias situações. Que eles não estão todos a fazer a mesma coisa ao mesmo tempo. É-lhes proposto um trabalho: “vamos fazer assim”. E cada um vai interagindo e vai fazendo à sua maneira. E quando vou fazer fotografia, se quero mesmo a precisão daquilo, fotografo só um, se quero a sequência, geralmente tento “apanhar” dois ou três, para “apanhar” as diversas fases de produção, digamos. E depois no fim, claro, o trabalho realizado. Muitas das vezes o trabalho que as crianças realizam supera aquilo que nós estávamos à espera.

24. Na sua opinião a fotografia pedagógica poderá servir para expressar e comunicar as perspetivas teóricas e práticas do educador de infância? Em que sentido(s)?

R: (Pensativa) Muitas das vezes não é fácil... (Pausa) Porque a fotografia é estanque. (Pausa). Acho eu. Porque a expressão que está... que ocorreu no momento... pode ser uma expressão feliz, da criança que concluiu um trabalho e que acha que o seu

trabalho está bonito. E pode ser... uma expressão menos feliz. De quando a criança acha que aquilo... não ficou bom. E há que dar a volta. Dizer que aquilo está lindo. E que está diferente do dos amigos. E que ela conseguiu. Portanto, há todo um trabalho de comunicação a fazer com as crianças de maneira a não melindrar nem a... a coarctar, digamos... o valor... e o esforço que ela pôs naquela produção. Se for numa reunião de pais, eu sinto necessidade de explicar o porquê da atividade, porquê aquela expressão e porque é que foi feito aquilo que é apresentado em fotografia. Se for em contexto de conversa com os pais, também sinto necessidade disso, porque os pais muitas vezes olham e não vêem o que está por detrás do trabalho pedagógico que está a ser feito com a criança naquela altura. Às vezes pensam que determinado material é lixo e não é. Às vezes é importante o educador falar de ideias que vão beneficiar o ambiente, que vão beneficiar a vida das pessoas e dos animais, que muitas das vezes passam ao lado. E fala-se muito em reciclagem, no Eco-escolas e na Biosfera. Geralmente o ponto alto para quem está nas escolas é o desfile de Carnaval das escolas, em que são utilizados materiais reciclados... Acho que sim. Há todo um empenho do pessoal para que as coisas evoluam no bom sentido.

25. Gostaria de referir algum outro aspeto ou situação desta experiência que considera ser importante para que este projeto de utilização coletiva da fotografia pedagógica tenha sido possível e que não tivesse sido focado nas questões anteriores? Qual?

R: Este projeto ao qual nos referimos teve reflexos de uma situação que se verificava desde há alguns anos atrás, em que houve uma baixa de natalidade e ficámos com menos crianças. Portanto, o Jardim de Infância tinha duas salas e depois ficou com uma só e perdeu três colegas educadoras e uma assistente operacional. Não foi agradável. (Pausa) Não foi. (Pausa) Para nós foi... Para as colegas... Foi difícil nos separarmos. Porque já vínhamos há vários anos a trabalhar juntas, dentro da mesma instituição, não quer dizer que fosse na mesma sala, mas na mesma instituição. E de certa maneira, havia já... quase que às vezes nem eram precisas palavras... Bastava olhar. Parece que as ideias saíam da cabeça e que nos davam quase uma unanimidade de pareceres. E de ideias e de... de coisas para fazer: mais isto e mais aquilo... Lembro-me particularmente de fazermos reuniões pedagógicas, reuniões de planificação de trabalhos, sobretudo para as vivências [de épocas festivas] em que dizíamos: “ai não, o Carnaval dá muito trabalho. Não vamos fazer uma vivência de cinco dias, vamos fazer uma vivência de três”. Quando chegámos no fim da reunião

tínhamos coisas planeadas para oito dias. Portanto, quase duas semanas consecutivas. Porque: “isto fica giro e aquilo fica giro”. Porque: “Ah, mas não se tira isto, que isto é tão interessante para as crianças...” Portanto, são situações que às vezes pensamos que nós vamos reduzir – porque depois falta-nos o tempo para outras coisas – e ao fim e ao cabo, quando nós vimos a adesão dos meninos, quando nós vemos a vontade deles, o gosto deles, aquilo que eles querem fazer... E porque querem mascarar-se disto, e porque querem fazer aquilo e porque querem não sei quê... Nós ficamos a pensar: “mas qual é o direito que eu tenho de coartar as ideias dos meninos? Não posso!” E então vou fazer! E muitas das vezes, projetava-se. E nós no fim do ano não sabemos o que é que se fazemos a tanta coisa (risos) e a tanta fotografia. Olha, faz uma reflexão do ano todo. E mete essas coisas todas lá dentro, para que fiquem registadas. Nesse ano em particular, gostaria de referir que foi um fim de ano terrível. Nós tivemos em Junho a notícia que algumas colegas iam ter de sair do Jardim de Infância... Mas pronto. Nós tivemos de nos separar... Encontramo-nos. Mas só raramente conseguimos encontrar-nos todas. O trabalho que tínhamos realizado esse ano foi muito, muito, muito bom. Não estava em causa a qualidade do trabalho realizado, mas sim o número de crianças que ficariam na instituição.

Muito obrigada pela sua colaboração!

De nada. Quando precisar...

ANEXO 9 – Transcrição da entrevista realizada à educadora de infância a que foi atribuído o código E3

1. Participou durante alguns anos na concretização de uma experiência/projeto em que a fotografia pedagógica foi utilizada numa instituição educativa durante algum tempo, tendo como objetivo principal divulgar a ação pedagógica desenvolvida junto dos encarregados de educação. Passados alguns anos, poderá indicar quais os aspetos que considera positivos para si e para alguns dos seus intervenientes?

R: Muito bem... Quanto a mim, sempre achei que a fotografia era uma maneira de perpetuar no tempo aquilo que se faz, aquilo que se passa, aquilo que acontece no nosso dia-a-dia. Com crianças pequenas, eu julgo que é de extrema importância captar esses momentos vividos. Desde as suas pequenas descobertas, as suas pequenas experiências, que por vezes as pessoas que não têm consciência do que isso é julgam que são momentos sem valor e que nem sempre é assim. É nesses pequenos momentos que a criança está a aprender e a desenvolver as suas potencialidades. E através da fotografia conseguimos registar momentos de extrema importância. E conseguimos assim também transmitir, para quem não tem esses conhecimentos, o valor dessas experiências.

2. Do que se recorda, nas atividades fotografadas estão representadas as várias áreas de conteúdo referidas nas orientações curriculares e nas metas de aprendizagem definidas para a educação pré-escolar? Poderia, por favor, dar exemplos de algumas situações fotografadas que se reportem a algumas delas?

R: Bem... Eu acho que as orientações curriculares fazem parte do dia-a-dia do educador de infância, bem como as metas de aprendizagem. Se o educador trabalha com um objetivo específico e pretende desenvolver a criança na sua globalidade, automaticamente a fotografia vai captar momentos que estão dentro das orientações curriculares e das metas de aprendizagem. Ora, são várias as situações fotografadas, desde momentos de brincadeiras livres, de exploração dos cantinhos, desde as atividades mais orientadas de todo o género, desde a expressão musical e dramática, desde a parte das experiências plásticas que eles fazem... Os próprios

relacionamentos, a socialização que a criança tem, as relações humanas, portanto, tudo isso faz parte dos momentos fotográficos e uma educadora que seja... sensível, tenta captar. Para poder, no fundo, valorizar o seu trabalho ao longo do ano.

3. Foram fotografados alguns projetos de curta ou longa duração que tenham sido desenvolvidos no tempo em que essa experiência decorreu de que tivesse gostado particularmente? Poderia mencionar um deles de que se recorde?

R: Sim, sem dúvida. Todos os projetos foram fotografados. E o mais marcante foi, sem dúvida, um projeto de Carnaval, em que houve o culminar de uma equipa, onde o trabalho foi muito positivo, onde houve colaboração de todas as pessoas e que terminou numa dramatização da equipa de educadoras, feita através da mímica, onde se explorou vários aspetos, desde a expressão musical e dramática, com destaque à expressão corporal, à música clássica. Portanto, foi uma experiência marcante, em que se sentiu que as crianças conseguiram perceber a mensagem que queríamos transmitir e envolveram-se de uma forma emocional e de uma forma muito ativa e positiva. Para mim foi a mais marcante.

4. As rotinas implementadas para os grupos de crianças encontram-se presentes nas fotografias realizadas e facultadas aos encarregados de educação? Essas rotinas fotografadas podem ser reveladoras do trabalho que desenvolveu com essas crianças? Em que aspetos?

R: Sim. As rotinas nestas idades são muito importantes para que a criança tenha uma orientação e saiba o que é que vai acontecer a seguir. Portanto, vai criar segurança e vai colmatar o próprio desenvolvimento, onde progressivamente ela vai adquirindo novas experiências. E através da fotografia, desde a rotina – por exemplo, estou-me a lembrar – do almoço, em que no início, quando entram, muitas vezes não sabem pegar nos talheres... Fotografando essa situação e num final do ano se fotografarmos novamente a mesma criança na mesma situação, veremos a sua evolução e a sua capacidade de manusear os talheres, neste caso. Portanto, eu acho que, mais uma vez, a fotografia vai ajudar, na própria avaliação, o educador.

5. As orientações curriculares da educação pré-escolar referem que o educador de infância deverá estar atento a oportunidades e situações imprevistas que possam beneficiar a educação e a aprendizagem das crianças com as quais

interage. Recorda-se de alguma situação que possa partilhar em que tal tenha acontecido?

R: Bem... Vou ver se consigo me situar na questão, mas eu acho que é muito importante estarmos sempre atentos aos interesses das crianças e sabermos ouvir e dar a devida atenção. E quando aparece alguma situação que sentimos que é uma mais-valia para todo o grupo, onde vai haver situações de aprendizagem que são positivas, eu acho que é nosso dever, como educadores, saber “agarrar” essas situações e proporcionar conhecimentos acerca de novas descobertas, de temas que vêm do seio familiar das crianças. Recordo alguma situação? Acho que não sei, são tantas que não sei dizer qual, porque acho que isto é de muita importância quando nós realmente sabemos ouvir a criança e daí tirar partido.

6. Considera útil, enquanto educadora de infância, o recurso a este meio para efetuar reflexão individual e/ou coletiva de modo a melhorar as experiências de aprendizagem proporcionadas às crianças? Porquê?

R: Sem dúvida que a fotografia é um meio de nós refletirmos a nossa própria prática e a nossa própria intervenção num grupo de crianças. A fotografia faz com que nós nos apercebamos dos pormenores, que no dia-a-dia nos passam despercebidos. E a fotografia vai realçar situações que, se houver o diálogo entre colegas, vai possibilitar adaptar a nossa prática e assim melhorar. Portanto, sem dúvida que ajuda na reflexão e na própria avaliação da nossa prática.

7. Qual a sua perspetiva quanto à utilização da fotografia pedagógica pelo educador de infância poder constituir um meio de avaliação da sua prática, tendo em vista a melhoria da sua ação pedagógica?

R: Sim. Já foi um pouco respondida atrás. Bem... No fundo, no fundo, é exatamente o saber olhar para a fotografia e ver o que é que se pode fazer melhor, o que é que podemos melhorar. Também podemos achar que aquela atividade foi muito bem planeada e que foi muito bem conseguida e as crianças corresponderam, portanto, serve também para a nossa autoavaliação e acho que é muito importante esse aspeto. E isto tanto para nós, enquanto educadoras, enquanto estamos a refletir, mas não só para isso, não só para a nossa opinião. Também ao mostrar as fotografias, para saber ouvir os comentários de quem observa, saber interpretar aquilo que nos estão a dizer em relação àquela fotografia, tanto sejam aspetos positivos ou negativos. São tudo contributos para que nós consigamos melhorar a nossa prática.

8. Poderia revelar alguns exemplos de momentos fotografados durante essa experiência em que possa ser verificada a participação de diversos elementos, quer da comunidade educativa, quer da comunidade em geral do meio em que a instituição se inseria?

R: Ora... Em geral, a parte dos elementos da comunidade é mais nas festividades. Lembro-me do dia da mãe, por exemplo, em que se realizou uma atividade com as mães no parque (nome). Que foi uma atividade de expressão motora, onde havia várias atividades que foram feitas com as mães e com as crianças com pequenos percursos e estafetas, onde as mães interagiram com os seus filhos de uma forma muito peculiar, muito alegre, onde se via que aquelas mães sentiam a necessidade de espaço para poder estar com os seus filhos, brincando livremente, interagindo e apercebendo-se das dificuldades e facilidades com que as suas próprias crianças conseguiam realizar as atividades. Muitas vezes os pais têm os seus filhos como os centros das suas atenções e nem sempre se apercebem das dificuldades que eles têm, ou então também não se apercebem de como eles já estão à frente da sua faixa etária. Nestes momentos, sem dúvida, quando se pede aos pais para participar, eles podem observar as outras crianças com os seus familiares, as outras crianças em relação às atividades que são pedidas, aprendem também a avaliar a sua própria criança e a valorizar o seu próprio filho. Acho que são experiências muito importantes e mais uma vez fica retratado na fotografia. E a fotografia sem dúvida que, mais uma vez, marca uma posição muito positiva, porque ao ajudar a lembrar esses momentos, acaba por lembrar isso aos pais e aos seus filhos, ao estarem novamente a visualizar e dar valor àquelas situações de desenvolvimento da criança.

9. Recorda-se de momentos constantes nos registos fotográficos em que possam ser testemunhados momentos de partilha e de interação positiva na instituição que queira descrever?

R: Situações... Eu acho que isto foram anos cor-de-rosa! (Risos) Onde houve muita interação de todos os intervenientes na ação educativa, tanto de docentes como de pessoal não docente e dos próprios pais, que, ao sentirem uma equipa coesa, sentiam também a segurança, sentiam que os seus filhos estavam a viver momentos felizes, onde as coisas eram realmente pensadas para eles e onde a alegria, a partilha... Todas as experiências, no fundo, eram positivas e sem dúvida que este foi um momento em que houve muita ligação de toda a equipa docente, não docente e de toda a comunidade. E sem dúvida que, quando as pessoas querem e quando as

equipas são... têm todas o mesmo objetivo e sabem se entender e valorizar os aspetos positivos de uns e de outros, sabendo também reconhecer os seus erros e pedindo ajuda e avançar, sem dúvida que as coisas correm muito melhor. E acho que... (risos) Recordar-se de momentos? Quer dizer... Eu acho que houve muitos momentos... Desde cinemas, onde se trabalhava a matemática, onde se trabalhava a concentração, às dramatizações constantes que eram feitas a nível de equipa, às festas relacionadas às épocas festivas, onde era pedida a participação dos familiares, que estavam sempre dispostos a participar e a colaborar. Portanto foram vários os momentos de interação positiva fotografados e retratados na instituição.

10. Em seu entender a existência e disponibilização a toda a equipa de registos fotográficos efetuados ao longo deste tempo poderá ter influenciado a sua ligação a essa comunidade educativa? De que forma(s)?

R: Bem... (pausa) Sem dúvida que fica uma ligação através da fotografia que se perpetua ao longo do tempo, quer dizer... O facto de expormos as fotografias possibilita aos pais visualizar o trabalho das educadoras e do pessoal da instituição. Acho que é uma mais-valia pois permite que haja um diálogo onde os educadores poderão explicar, de uma forma mais pormenorizada, os objetivos com que foi feita a atividade e isto cria a confiança que nós pretendemos com a fotografia. Ou seja, é criar laços de confiança entre comunidade e instituição. Se os pais, na fotografia, vêem os seus filhos nas horas em que estão fora da sua família, não é...? Se vêem na fotografia que eles têm momentos de alegria, que eles estão sorrindo, que eles estão aprendendo, que eles estão se sociabilizando... Se sentem que as educadoras e todo o pessoal têm um sorriso, uma expressão alegre, que está a ter pequenos gestos de afetividade, é lógico que vão sentir segurança na escola. E poderão também dialogar com os seus filhos, questionando aquelas próprias fotografias. E a comunicação entre os filhos e os seus pais também lhes vai dar alguma segurança, porque a criança poderá em casa relatar mais pormenorizadamente o que é que aconteceu naquelas atividades, o que permite um maior diálogo, uma maior abertura entre criança e família. Que nem sempre é fácil, porque nem sempre as crianças conseguem ter facilidade em transmitir aquilo que se passou, o que é que aconteceu na instituição. Havendo a fotografia a criança tem um suporte para diálogo.

11. Independentemente de estar ou não presente na mesma instituição como educadora de infância, ainda considera estar atualmente ligado, de alguma forma, à história da instituição educativa em que esta experiência decorreu?

R: Sim. [...] Infelizmente não estou ligada diariamente a todos os elementos com quem vivi esta experiência. E sem dúvida que os elementos influenciam muito as experiências que nós vamos tendo ao longo da vida. Nem todas as pessoas são iguais e nem sempre as pessoas aceitam as coisas como esta equipa pedagógica aceitou na altura. Portanto, é uma recordação que fica, as fotografias (sorriso) continuam a existir para recordarmos com carinho e com alegria estes momentos bem vividos. (Pausa) São momentos que são sempre falados por quem passou por eles, são sempre falados com carinho... (Pausa) [...] E isto logicamente que vai também de respeitar os elementos que estavam na instituição. E as próprias direções (sorriso).

12. A manifestação de interesse pelos pais e encarregados de educação para que os registos fotográficos e alguns vídeos divulgados lhes fossem facultados era patente? Em que situações?

R: Bem... Aqui os encarregados de educação, sem dúvida, que todos pediam os registos fotográficos e em qualquer situação. Todas as situações. Eles pediam realmente para que lhes fossem facultadas as fotografias. Exatamente para que as suas crianças pudessem visualizar e tornar a visualizar (sorriso) e tornar a visualizar (sorriso), que era isto mesmo que eles diziam. Que quando a criança tem um DVD onde estão registadas todas as atividades realizadas, que é o seu DVD de eleição e que vêem várias vezes para poderem dialogar, para poderem recordar, para poderem comunicar as vivências por que passaram... Portanto, os pais nisso acho que também estão muito sensíveis e gostam muito de ter este registo fotográfico.

13. Nos diálogos com os pais e encarregados de educação relativos às fotografias pedagógicas divulgadas, quais eram os aspetos que estes mencionavam com maior frequência?

R: Aqui os pais são muito voltados para as suas próprias crianças e sem dúvida que a sua preocupação principal é: “o meu filho já consegue fazer isto”. São as aquisições, o desenvolvimento que é demonstrado nas próprias fotografias e que muitas vezes não se apercebem em suas casas. Em geral, é exatamente o desenvolvimento do seu filho, a sua participação na atividade, a forma como ele está ativo ou não na atividade, podendo questionar “porque é que o meu filho não está a participar, porque é que ele

não quer?” Mas são sempre situações de diálogo com uma perspectiva positiva, tentando melhorar o desenvolvimento da criança e de saber como poderá ajudar em casa em relação a determinadas situações.

14. Após a conclusão desta experiência encontrou encarregados de educação e/ou crianças que tenham frequentado a instituição nessa altura e que se refiram de alguma forma à experiência com a fotografia pedagógica? Em que sentido(s)?

R: Sim. Tenho encontrado pais que falam nos registos fotográficos que levaram no final do ano para casa e que dizem que os seus filhos continuam a ver e a pedir as fotografias do Jardim de Infância e continuam a visualizá-los com muito carinho e satisfação.

15. Uma situação em que a fotografia pedagógica foi utilizada consistiu na exposição, após obras de melhoramento físico no estabelecimento de educação, de fotografias pedagógicas que mostravam vários espaços da instituição antes e depois dessa intervenção. Enquanto educadora, como perspectiva essa forma de utilização da fotografia pedagógica para documentar as alterações físicas e organizacionais que se vão verificando em espaços do ambiente educativo?

R: Ora a fotografia ajuda-nos a perceber os esforços feitos para melhorar a própria instituição. Se a instituição ficou com melhores espaços físicos, criou um melhor ambiente pedagógico. Fica mais atrativo e a criança vai-se sentir mais cativada em estar naquele local. Ora isso perante a comunidade educativa também é importante que se apercebam dos esforços que são feitos não só pela própria escola como também pelas entidades competentes, não é? Portanto, mais uma vez o registo fotográfico possibilita-nos mostrar também esses aspetos físicos que são melhorados, criando novas expectativas e atraindo crianças à nossa instituição, que é esse o nosso desejo.

16. Como perceciona o papel deste recurso para registar as alterações físicas em crianças e adultos ao longo do processo educativo?

R: Tem, mais uma vez, a ver com a avaliação. Em que uma educadora que seja sensível retrata – ou tira a fotografia – a aspetos que fazem parte do próprio desenvolvimento etário da criança. Aqui a fotografia vai ajudar a que fique registado o desenvolvimento ao longo de um ano, ou de dois, ou de três anos que a criança está

na instituição. Poderemos, no fundo, fazer uma retrospectiva daquilo que foram os primeiros e os últimos dias de escola, não é? Ou seja, dá-nos a conhecer todo o percurso feito por aquela criança. Desde as suas dificuldades de início, que são características das próprias idades, e a sua capacidade final, onde já é uma criança desenvolvida na parte global, onde desde a autonomia, desde a parte motora, desde a sociabilização... Todos esses aspetos estão mais desenvolvidos. E a fotografia consegue transmitir esse desenvolvimento.

17. Na sua opinião o interesse pela documentação de práticas através da fotografia pedagógica era comum a todas as educadoras da instituição?

R: Não. Eu julgo que não. No meu entender, eu julgo que não. Acho que depois sim, com o diálogo e com a exposição da importância do registar o nosso trabalho pedagógico, de forma a que as educadoras e os encarregados de educação se apercebessem do trabalho que estava a ser desenvolvido na instituição. Acho que a partir do momento em que foi dialogado em reunião de escola, reunião pedagógica, ficámos mais alertas para essa importância. E acho que é importante. Quando nós sentimos que o nosso trabalho está a ser positivo e que queremos que os pais também o sintam, acho que é importante transmitir aos pais esse ambiente de trabalho que nós tínhamos na instituição. Foi a partir desse momento que a fotografia começou a fazer parte da nossa rotina diária. E desde então sentimos as diferenças. Porque os pais realmente passaram a valorizar o nosso trabalho enquanto educadoras.

18. Para além dos registos fotográficos, que outras formas de registo e documentação das práticas pedagógicas eram utilizadas nesta instituição?

R: Através da exposição dos trabalhos que eram realizados pelas próprias crianças, através do desenho livre, através das pinturas. No fundo era a principal forma de transmissão de trabalhos realizados na instituição.

19. Recorda momentos em que analisou fotografias pedagógicas juntamente com outros elementos das equipas pedagógicas? Poderia referir um deles?

R: Ora bem. (Pausa) Uma das coisas que me lembro que nós fazíamos, não só com a equipa pedagógica, mas com as próprias crianças, era a visualização das fotografias realizadas. Neste ambiente nós poderíamos sempre dialogar e mesmo sentir e ouvir aquilo que as crianças comentavam acerca da fotografia. E podíamos desta forma nos aperceber dos interesses, da valorização que a criança dá relativamente ao trabalho

desenvolvido, desde o entusiasmo com que eles falavam sobre as fotografias... Portanto, demonstrava o seu tipo de envolvimento nesta atividade. Logicamente que a nível da parte pedagógica, entre colegas, também eram feitos diálogos daquelas determinadas atividades.

20. Recorda momentos em que as fotografias pedagógicas que iam sendo realizadas eram partilhadas com as crianças? Como reagem estas à sua apresentação?

R: Acabei de falar (risos)... As crianças (ênfaticamente) adoram se ver! Para além de se verem no espelho, que é um reconhecimento da sua própria imagem, também na fotografia elas vão reconhecer-se a si e identificar os colegas. Isto é extremamente importante para a criança que está em desenvolvimento. Portanto, elas conseguem visualizar muitas vezes os pormenores que nós, adultos, não conseguimos ver. Portanto, é visualizada a fotografia com muita alegria, com muito... É muito bem recebida, eles gostam imenso de poder reviver os momentos passados. A criança aprende muito pela... agora falta-me o termo... pela repetição. Aprendem muito pela repetição. E o facto de se poder ver naquela atividade, relembrar a atividade que foi feita, vai ajudar a memória, vai ajudar a refletir, vai ajudar o diálogo. E são momentos muito aprazíveis para a criança. E sem dúvida que o poder mostrar e falar sobre aqueles momentos tão importantes... É muito bom para a criança.

21. Continua a utilizar este recurso na atualidade? Se sim, com que finalidades?

R: Sim, continuo. Faz parte da minha personalidade. (Risos) Faz parte da minha personalidade (assertiva). E, sem dúvida que a finalidade principal, para mim, é dar a conhecer aos pais e encarregados de educação a importância do trabalho que nós desenvolvemos junto das crianças. Acho que nos possibilita explicar os objetivos que temos com os nossos trabalhos, possibilita ajudar as famílias a compreender e a saber lidar e educar os seus filhos em casa, porque através da fotografia iniciam-se diálogos e parcerias e tiram-se dúvidas. Portanto, facilita a comunicação e o diálogo entre a instituição e a família.

22. O que costuma fotografar atualmente no âmbito da sua atividade profissional?

R: (Sorriso) Todos os momentos possíveis. Todos os pequenos momentos... Todas as pequenas aquisições que a criança vai tendo ao longo do ano. Desde o momento em

que a criança ainda não sabe abrir uma torneira, ainda não sabe lavar as mãos, até ao momento em que ela já consegue usar uma toalha para secar as mãos, já consegue ir à casa de banho sozinha, portanto todos os momentos de autonomia, os momentos de sociabilização onde manifestam carinhos e afetos, os momentos de atividade em grupo ou individual. Eu acho que é de extrema importância – a fotografia – e acho que é uma ferramenta muito útil para a nossa prática e para o conhecimento da família e da própria criança. A própria criança apercebe-se do seu desenvolvimento. Porque ao mostrar uma fotografia onde ela ainda não consegue lavar as mãos e depois se mostrarmos uma fotografia em que ela já consegue abrir a torneira e lavar as mãos, elas próprias se sentem valorizadas da sua aquisição. E é de extrema importância.

23. Ao fotografar atividades pedagógicas na atualidade, normalmente fotografa os momentos anteriores e posteriores ao desenvolvimento da mesma ou apenas os momentos em que as crianças as estão a realizar?

R: Eu tento fotografar antes e depois. Nem sempre o tempo ajuda ou nem sempre a nossa rotina possibilita que se consiga concretizar. Mas a intenção está lá (sorriso)! E sempre que possível, tento fazer sempre o antes e o depois.

24. Na sua opinião a fotografia pedagógica poderá servir para expressar e comunicar as perspetivas teóricas e práticas do educador de infância? Em que sentido(s)?

R: Sim. Eu acho que sem dúvida que a fotografia reflete a atitude que o educador tem na sua sala. Desde a planificação, desde os objetivos que são traçados para atingir com aquele grupo, desde a maneira de estar do educador e a sua atitude perante um grupo de crianças, porque está expresso na fotografia. Sem a fotografia não se sabe o que é que se passa dentro de uma sala. E se houver fotografias constantes dos momentos pelos quais as crianças vão passando, isso vai refletir todo o trabalho que o educador está a fazer dentro da sala. E vai refletir o perfil desse mesmo educador.

25. Gostaria de referir algum outro aspeto ou situação desta experiência que considera ser importante para que este projeto de utilização coletiva da fotografia pedagógica tenha sido possível e que não tivesse sido focado nas questões anteriores? Qual?

R: Eu acho que em relação a esta experiência e a este momento que se fala desta equipa pedagógica com que conseguimos fazer muito, acho que tenho que ressaltar o

empenho de todas as colegas, a envolvimento, as horas dadas à instituição fora do horário letivo, as quais ninguém pedia, mas era que nós dávamos com satisfação, porque havia harmonia, havia entrega ao trabalho e havia a satisfação dos resultados. Portanto, não é fácil “apanhar” equipas assim, foi sem dúvida uma experiência marcante e... E quando há empenho e vontade e quando as pessoas são dedicadas àquilo que fazem, conseguimos passar para o exterior uma boa imagem e chamar à instituição crianças que vêm à procura de um bom ambiente, de um bom desenvolvimento e de uma parte afetiva positiva, que é tão importante no desenvolvimento das nossas crianças. Eu acho que com boa vontade nós conseguimos andar para a frente e ter, sem dúvida, momentos felizes e fazer com que a nossa carreira seja realmente reconhecida pela sociedade em que se vive. E cabe a cada um de nós, enquanto profissionais, refletir e tentar ser o mais humilde, o mais recetivo possível, o mais... Se entregar àquilo que realmente é a nossa “casa”, para desenvolver a criança. Quando temos uma equipa assim, o trabalho faz-se sem dificuldade.

Muito obrigada pela sua colaboração!

ANEXO 10 – Transcrição da entrevista realizada à educadora de infância a que foi atribuído o código E4

1. Participou durante alguns anos na concretização de uma experiência/projeto em que a fotografia pedagógica foi utilizada numa instituição educativa durante algum tempo, tendo como objetivo principal divulgar a ação pedagógica desenvolvida junto dos encarregados de educação. Passados alguns anos, poderá indicar quais os aspetos que considera positivos para si e para alguns dos seus intervenientes?

R: Durante dois anos e a partir dessa altura quando trabalhámos todas juntas, a fotografia teve um significado bem diferente para mim, uma vez que permitiu ao longo dos anos constatar a importância que a mesma tem na reflexão e recordação de diferentes práticas pedagógicas. O mais curioso é que até hoje, quando encontro encarregados de educação nos mais variados contextos, eles referem as experiências e lembram-se efetivamente de nós e do nosso trabalho, dando-lhe valor.

2. Do que se recorda, nas atividades fotografadas estão representadas as várias áreas de conteúdo referidas nas orientações curriculares e nas metas de aprendizagem definidas para a educação pré-escolar? Poderia, por favor, dar exemplos de algumas situações fotografadas que se reportem a algumas delas?

R: Bem Lídia... (Pausa) São tantas as recordações! Uma atividade em que estejam patentes as diferentes áreas de conteúdo? Vou tentar. Lembro-me de uma atividade que realmente era uma daquelas atividades que sempre sonhei fazer e que nós conseguimos concretizar sem qualquer problema. Digo isto, pois em termos logísticos englobava toda a escola lembras-te? Aquela da carimbagem dos pezinhos? Em que incluímos as duas salas e todo o pessoal docente e não docente da escola. Foi deveras gratificante esta experiência, onde se denota realmente que “a união faz a força” e que tudo o que vivemos e recordamos através das fotografias tiradas e filmes criados faz com que exista uma sensação de nostalgia e de satisfação, por termos realmente concretizado a atividade, recordando-a sempre com carinho. Assim sendo e tendo em conta o que realmente queres saber, vou tentar abarcar todas as áreas... Vou ver se me lembro bem... A nível da Formação Pessoal e Social, a interação, o

saber esperar a sua vez, escolher a cor com que queriam imprimir os pés, fazer escolhas, tomar decisões. Na Área da Expressão e Comunicação, os domínios da expressão plástica e musical posso dizer com toda a certeza que estavam interligados e foram trabalhados pelas crianças de forma individual, atendendo às formas de reação e relação das crianças, que estavam absorvidas na atividade. O domínio da expressão motora foi realmente conjugado com o da dramática aquando da dança e da utilização das músicas clássicas selecionadas. Concluindo com esta atividade e agora reportando-me a um dos termos apresentado pelas metas de aprendizagem, vim a aperceber-me do verdadeiro significado de fruição, pois o gosto que as crianças apresentaram foi daquelas sensações em que realmente posso afirmar que gosto de exercer a minha profissão e que ter tido a oportunidade de realizar esta atividade foi muito gratificante. Posso também afirmar que toda a envolvimento que conseguimos foi em grande parte graças à liderança que tínhamos, uma liderança forte que ajudou a que todas se unissem em prol de realizar uma atividade complexa, pois... Que engraçado... Lembro-me de dizer aos pais: “amanhã temos uma atividade com as duas salas e precisamos da vossa colaboração com o vestuário e o calçado prático para nos ajudar”. Recordo-me do apoio que até os pais nos deram e a curiosidade manifestada no final do dia para saber como tinha corrido.

3. Foram fotografados alguns projetos de curta ou longa duração que tenham sido desenvolvidos no tempo em que essa experiência decorreu de que tivesse gostado particularmente? Poderia mencionar um deles de que se recorde?

R: Nesta escola os projetos foram muito variados, mas claro que uns marcaram mais do que outros. Um dos que estão muito presentes ainda na minha memória é, sem dúvida, a dramatização que fizemos num dos anos, na altura de Carnaval. A peça da Columbina e do Arlequim (sorriso). O que mais me fascinou foi sem dúvida toda a pesquisa de campo realizada para podermos concretizar a atividade, desde a seleção das músicas para cada cena da dramatização, à divisão de papéis e à procura de todos os trajes. Lembro-me perfeitamente da nossa ansiedade quando íamos começar a peça, uma vez que – e atendendo a que era uma peça mimada – pensávamos que as crianças iriam ficar irrequietas ou desmotivadas. Muito pelo contrário lembras-te? Foi realmente gratificante ver que as crianças perceberam o conteúdo da história participando ativamente durante alguns momentos da dramatização e durante a reconstituição da história de forma acertada. Foi um dos projetos que recordo com muito carinho. Ah! Até a educadora de ensino especial participou. Houve duas

assistentes operacionais que ficaram a fotografar e a filmar toda a atividade e outras ficaram a acompanhar e apoiar as crianças enquanto estas assistiam e enquanto participavam. Foi muito bom mesmo conseguirmos, mais uma vez, nos envolver todas para enriquecermos os conhecimentos das crianças. Realmente ultrapassámos as nossas próprias expectativas!

4. As rotinas implementadas para os grupos de crianças encontram-se presentes nas fotografias realizadas e facultadas aos encarregados de educação? Essas rotinas fotografadas podem ser reveladoras do trabalho que desenvolveu com essas crianças? Em que aspetos?

R: Esta pergunta realmente teria muitos aspetos para falar, mas o que tenho mais presente é, sem dúvida, as rotinas apresentadas aos pais quando, em reunião, apresentámos os projetos curriculares de grupo. No meu caso, gostava de apresentar em fotografias os objetivos que pretendia alcançar com o grupo. Assim sendo, o maior desafio foi, sem dúvida, captar a imagem que traduzisse o objetivo presente para colocar no PowerPoint, por exemplo, promover o espírito de ajuda na Área de Formação Pessoal e Social com uma foto de uma criança a ajudar a outra a abotoar a bata, o que acontecia especialmente após o repouso das crianças. Neste contexto recordo-me do espanto dos pais e dos seus comentários, sendo que um deles marcou a minha experiência enquanto educadora, quando a mãe referiu que “não imaginava que as coisas mais simples faziam desenvolver tantas coisas”. Marcou-me mesmo esta afirmação, pois tudo o que se faz tem sempre uma componente pedagógica.

5. As orientações curriculares da educação pré-escolar referem que o educador de infância deverá estar atento a oportunidades e situações imprevistas que possam beneficiar a educação e a aprendizagem das crianças com as quais interage. Recorda-se de alguma situação que possa partilhar em que tal tenha acontecido?

R: Recordo-me nitidamente de estar sempre com a máquina fotográfica à procura desses momentos inesperados. Um deles foi constatar o jogo simbólico e de socialização de uma criança que tinha autismo e mostrar à mãe na avaliação de como o filho era capaz de se relacionar, como era benéfico ele estar integrado numa escola e todas as vantagens que o relacionamento entre pares iria trazer para o seu desenvolvimento.

6. Considera útil, enquanto educadora de infância, o recurso a este meio para efetuar reflexão individual e/ou coletiva de modo a melhorar as experiências de aprendizagem proporcionadas às crianças? Porquê?

R: Sem dúvida alguma que ao visualizar as imagens refletimos conscientemente sobre o processo, pois chamam à atenção para pormenores que a nossa memória não tinha presente. Para mim é uma excelente ferramenta para a avaliação a nível individual e coletiva no sentido em que serve sempre como mais um meio, para além dos registos escritos.

7. Qual a sua perspetiva quanto à utilização da fotografia pedagógica pelo educador de infância poder constituir um meio de avaliação da sua prática, tendo em vista a melhoria da sua ação pedagógica?

R: Como já referi, é uma excelente forma de auxiliar na avaliação a nível coletivo ou individual e enquanto agente de educação, com vista a proporcionar ferramentas para a aprendizagem das crianças. Noto que lima arestas, no sentido que a avaliação pressupõe reflexão e reflexão permite ver realmente onde estão as falhas para posteriormente melhorar e perceber o porquê de ter falhado, bem como as atividades que resultaram, que deram resultados positivos.

8. Poderia revelar alguns exemplos de momentos fotografados durante essa experiência em que possa ser verificada a participação de diversos elementos, quer da comunidade educativa, quer da comunidade em geral do meio em que a instituição se inseria?

R: São tantos os momentos, mas vou citar os que mais me marcaram: dançar os santos populares com as colegas e pais na festa de final de ano, a dramatização do Capuchinho Vermelho feita pelas crianças num pátio exterior da comunidade onde estava inserida a instituição, a chegada do Pai Natal num carro de cestos em que envolvemos e mobilizámos muitas pessoas...

9. Recorda-se de momentos constantes nos registos fotográficos em que possam ser testemunhados momentos de partilha e de interação positiva na instituição que queira descrever?

R: Muitos foram os momentos, mas o que mais me chama à memória com esta questão foram as surpresas que fazíamos às assistentes operacionais quando faziam anos ou comemoravam algum aspeto positivo das suas vidas. Rever as fotos de

atividades na área da expressão musical e dramática que todo o pessoal não docente realizou e de uma atividade de discoteca que realizámos, faz lembrar como a inclusão de todos os elementos de uma escola é extremamente válido, pois houve uma valorização que se foi refletindo grandemente nas formas de diálogo e interação entre todas as pessoas da escola. Recordo também que o mesmo aconteceu em relação ao pessoal docente, porque ter partilhado experiências e planificado atividades com resultados espantosos como é o caso das dramatizações que realizámos serviu grandemente para uma maior aproximação e cumplicidade.

10. Em seu entender a existência e disponibilização a toda a equipa de registos fotográficos efetuados ao longo deste tempo poderá ter influenciado a sua ligação a essa comunidade educativa? De que forma(s)?

R: Sim. Como foi um trabalho positivo ainda costumo falar e estar junto dessas pessoas. Apesar de terem passado já alguns anos, fez com que laços afetivos fossem criados de forma positiva, tanto no aspeto pessoal como profissional.

11. Independentemente de estar ou não presente na mesma instituição como educadora de infância, ainda considera estar atualmente ligado, de alguma forma, à história da instituição educativa em que esta experiência decorreu?

R: (Sorriso) Inteiramente verdade! Sinto como se ainda fizesse parte. E quando [...] me encontro com as pessoas que fizeram parte desta instituição, ainda sinto aquela ligação e simpatia, fruto de todo o trabalho que realizámos.

12. A manifestação de interesse pelos pais e encarregados de educação para que os registos fotográficos e alguns vídeos divulgados lhes fossem facultados era patente? Em que situações?

R: Sim, sem dúvida. Os pais solicitavam sempre aquando de um aniversário, festividade ou atividade dinamizadas mesmo em contexto de sala. Decorrente desta necessidade é que criamos um DVD ilustrativo do trabalho do ano letivo para que os pais pudessem ficar com um registo dos seus filhos.

13. Nos diálogos com os pais e encarregados de educação relativos às fotografias pedagógicas divulgadas, quais eram os aspetos que estes mencionavam com maior frequência?

R: Sinceramente, falavam de tudo um pouco. E claro que realçavam aspetos que estavam diretamente ligados aos seus filhos, dando ênfase e demonstrando ligação afetiva e agradecimento pela nossa iniciativa de montagem dos DVDs, mas, (sorriso) acima de tudo, pela nossa vontade de registar os vários momentos do dia-a-dia dos seus filhos.

14. Após a conclusão desta experiência encontrou encarregados de educação e/ou crianças que tenham frequentado a instituição nessa altura e que se refiram de alguma forma à experiência com a fotografia pedagógica? Em que sentido(s)?

R: Tenho encontrado vários pais dessa altura que afirmam que era uma excelente escola, com uma excelente dinâmica de grupo. Houve uma altura em que uma mãe de um antigo aluno referiu que apesar de pequena, no que diz respeito ao espaço físico, a escola era grande pelas pessoas que lá trabalhavam e se empenhavam em proporcionar as melhores experiências às crianças. Comentou também que, de vez em quando, o filho e os pais revêem o DVD com as fotografias e vídeos para reviverem esses momentos. Fruto desta interacção, é notável como ainda se recordam do nome das pessoas que trabalhavam com as crianças, mas, acima de tudo, a criança ainda me reconhece como sua educadora “na escola dos pequeninos” (sorriso).

15. Uma situação em que a fotografia pedagógica foi utilizada consistiu na exposição, após obras de melhoramento físico no estabelecimento de educação, de fotografias pedagógicas que mostravam vários espaços da instituição antes e depois dessa intervenção. Enquanto educadora, como perspectiva essa forma de utilização da fotografia pedagógica para documentar as alterações físicas e organizacionais que se vão verificando em espaços do ambiente educativo?

R: Esta forma foi deveras gratificante, pois deu para apresentar as melhorias decorrentes de muito diálogo entre direção e entidades competentes para que ficassem sensibilizadas e tomassem a iniciativa de realizar algumas obras de melhoramento das instalações, sendo que o mais importante seria o bem-estar que iria proporcionar às crianças. E a toda a comunidade educativa. Essas fotos permitiram preservar para sempre o antes e o depois das alterações e a importância das mesmas.

16. Como perceciona o papel deste recurso para registar as alterações físicas em crianças e adultos ao longo do processo educativo?

R: Penso que este recurso é intemporal e contínuo, pois é possível ver todas as alterações que uma criança tem ao longo de um ano letivo.

17. Na sua opinião o interesse pela documentação de práticas através da fotografia pedagógica era comum a todas as educadoras da instituição?

R: Não, acho que não. Este interesse foi crescendo ao longo do tempo com o “contágio” positivo (sorriso) que as pessoas que tinham este interesse exerceram naquelas que inicialmente achavam que este era... talvez... desnecessário. A crescente motivação, os contributos e a argumentação serviram de base, na minha opinião, para que o interesse fosse depois geral.

18. Para além dos registos fotográficos, que outras formas de registo e documentação das práticas pedagógicas eram utilizadas nesta instituição?

R: Registos escritos das palavras das crianças, avaliações dos planos, elaboração e construção do Projeto Curricular de Grupo atual Projeto Anual de Grupo, planificações, reflexões, relatórios de saídas e reflexão, lista de verificação das aquisições das crianças, registo de avaliação individual das crianças apresentadas em reuniões individuais com os encarregados de educação/pais, isto no aspeto formal. No aspeto informal recordo-me da troca de experiências e estratégias entre colegas.

19. Recorda momentos em que analisou fotografias pedagógicas juntamente com outros elementos das equipas pedagógicas? Poderia referir um deles?

R: Sim. Aquando da construção do DVD de final de ano, na seleção da melhor fotografia para retratar a temática que queríamos integrar no mesmo. E aí a escuta e opinião eram constantes, mesmo em conselho pedagógico, pois aquele não foi um trabalho de uma sala, foi sim de uma escola inteira.

20. Recorda momentos em que as fotografias pedagógicas que iam sendo realizadas eram partilhadas com as crianças? Como reagiam estas à sua apresentação?

R: Sim. Muitas vezes, com o auxílio do computador, fazíamos apresentações de PowerPoint com o resultado de uma atividade ou então mostrávamos as fotos descarregadas diretamente da câmara. A sensação era de contentamento, mas acima

de tudo de valorização, pois muitos diziam e chamavam à atenção: “olha eu estou ali!” ou “olha o meu amigo...”

21. Continua a utilizar este recurso na atualidade? Se sim, com que finalidades?

R: Sim. Continuo. Como parte integrante da minha prática pedagógica. Para a fundamentar, apresentar no projetos curriculares de grupo, realizar a sua avaliação e a reflexão da minha prática pedagógica, bem como para partilha com os encarregados de educação.

22. O que costuma fotografar atualmente no âmbito da sua atividade profissional?

R: Tudo o que tenha oportunidade! (Sorriso) Momentos de socialização, atividades em que as crianças estão concentradas, o trabalho final... Ou seja, costumo fotografar sempre que acho pertinente.

23. Ao fotografar atividades pedagógicas na atualidade, normalmente fotografa os momentos anteriores e posteriores ao desenvolvimento da mesma ou apenas os momentos em que as crianças as estão a realizar?

R: Antes, durante e depois, pedindo o auxílio, por exemplo, das assistentes da sala para o efeito.

24. Na sua opinião a fotografia pedagógica poderá servir para expressar e comunicar as perspetivas teóricas e práticas do educador de infância? Em que sentido(s)?

R: Desde que articuladas e bem fundamentadas, podem estar a par e passo com as escolhas educativas do educador de infância, pois através do registo fotográfico de várias atividades, quadros, experiências, espelha sem dúvida, no meu entender, as suas perspetivas teóricas e práticas.

25. Gostaria de referir algum outro aspeto ou situação desta experiência que considera ser importante para que este projeto de utilização coletiva da fotografia pedagógica tenha sido possível e que não tivesse sido focado nas questões anteriores? Qual?

R: Não tenho mais nenhum aspeto a focar. Apenas salientar a saudade de ter trabalhado com uma excelente equipa que, no seu todo, e graças à liderança e à

motivação de atender às necessidades das crianças proporcionou-me (número) anos de inteiro gosto em fazer e aprender continuamente com todos os elementos. Contexto que ainda não encontrei em outra escola até à data.

Muito obrigada pela sua colaboração!

ANEXO 11 – Quadro simplificado da análise categorial das entrevistas

Bloco I – aspetos positivos da experiência para alguns dos seus intervenientes	
Categoria	Subcategoria
Aspetos positivos referidos consoante os intervenientes mencionados	Crianças
	Pais e encarregados de educação
	Educadoras de infância
	Equipa pedagógica da instituição
Bloco II – Potencialidades da fotografia pedagógica para a ação pedagógica do educador de infância	
Categoria	Subcategoria
Observar	Conhecimento da criança e do grupo
	Diferenciação pedagógica
Planear	Planificação de situações de aprendizagem significativas e diversificadas
	Organização do ambiente educativo
Agir	Ação desenvolvida em sentido pedagógico
	Registos fotográficos relativos à rotina educativa
	Registo fotográfico de atividades nas várias áreas de conteúdo referidas nas orientações curriculares e nas metas de aprendizagem para a educação pré-escolar
	Registo fotográfico de projetos que recordam e de que gostaram particularmente
	Colaboração das famílias na realização de atividades patentes em fotografias.
	Flexibilidade e abertura ao imprevisto
Avaliar	Perceção e conhecimento das implicações da ação
	Considerar as contribuições das crianças
Comunicar	Situações e reações relativas à apresentação de fotografias pedagógicas às crianças
	Situações e reações relativas à apresentação de fotografias pedagógicas aos pais e encarregados de educação
	Manifestação de interesse por parte dos pais e encarregados de educação na obtenção de registos fotográficos apresentados
	Aspetos das fotografias pedagógicas mencionados com maior frequência em diálogos com pais e encarregados de educação durante a experiência
Articular	Continuidade educativa

Bloco III – Potencialidades da fotografia pedagógica para o desenvolvimento profissional do educador de infância	
Categoria	Subcategoria
Especificidade do desempenho profissional do educador de infância	Interligação entre teoria e prática no desempenho profissional
	Educação de infância como o início do percurso de desenvolvimento humano das crianças
Participação em processos educativos tendo em vista o desenvolvimento do outro, das instituições e das comunidades (Sá Chaves, 2008)	Participação de elementos da comunidade educativa e da comunidade em geral em atividades fotografadas
	Momentos de partilha e de interação positiva na instituição educativa registados com fotografia pedagógica
Desenvolvimento de competências pessoais e profissionais por meio de ações em equipa (Neves, 2007)	Referências à organização e funcionamento da equipa
	Influência da equipa pedagógica no desenvolvimento de competências profissionais ao longo da experiência
Documentação da ação pedagógica como elemento fundamental para a sua investigação (Edwards et al, 1999)	Potencialidades da fotografia pedagógica para o registo de alterações físicas e organizacionais nos espaços do ambiente educativo
	Potencialidades da fotografia pedagógica para o registo de alterações físicas em crianças e adultos ao longo do processo educativo
	Partilha do interesse pela documentação com fotografia pedagógica entre as educadoras de infância
	Situações de análise da documentação em fotografias pedagógicas com outros elementos da equipa pedagógica
	Potencialidades da fotografia pedagógica para a reflexão individual e coletiva
	Utilização de outras formas de registo para além da fotografia pedagógica
Avaliação da ação pedagógica desenvolvida durante a experiência	Avaliação de práticas para melhorar as experiências de aprendizagem
	Perceções das educadoras de infância acerca da ação pedagógica desenvolvida durante a experiência
	Feedback de pais e encarregados de educação e de crianças em encontros informais após a realização da experiência
“Desenvolvimento das dimensões culturais, emocionais (incluindo biográficas) ligadas à profissão” (Sá-Chaves, 2007:12)	Perceção de continuidade da ligação das entrevistadas à história da instituição educativa após a conclusão da experiência
	Influência dos registos fotográficos na ligação das entrevistadas à comunidade educativa na qual decorreu a experiência
	Referências à separação da equipa pedagógica

Expressão e comunicação de perspectivas teóricas e práticas do educador de infância	Opinião sobre a utilidade da fotografia pedagógica para expressar e comunicar perspectivas teóricas e práticas do educador de infância
	Referências à fotografia pedagógica como meio de expressão associado à memória
Bloco IV – Utilização da fotografia pedagógica após a experiência coletiva	
Categoria	Subcategoria
Continuidade da utilização da fotografia pedagógica desde a conclusão da experiência coletiva até à realização das entrevistas	Opção pela continuação da utilização da fotografia pedagógica
	Motivações para a continuação da utilização da fotografia pedagógica
	Influências da experiência coletiva na utilização atual da fotografia pedagógica
	Finalidades subjacentes à utilização atual da fotografia pedagógica
	Situações habitualmente registadas com fotografia pedagógica
	Momentos das atividades normalmente fotografados

ANEXO 12 – Quadro da análise categorial das entrevistas

Bloco I – Aspetos positivos da experiência para alguns dos seus intervenientes			
Categoria	Sub-categoria	Unidade de registo	Unidade de contexto
Aspetos positivos referidos consoante os intervenientes mencionados	Crianças	<p>“ver as crianças e a sua evolução.”</p> <p>“E essas fotografias revelavam os momentos mais interessantes das crianças. Desde o acolhimento, as rotinas, o estar à mesa, o brincar livremente... [...] Ou então os meninos a brincar e, portanto, estavam num contexto de brincadeira livre, em quem participavam e interajam.”</p> <p>“eram crianças muito pequeninas. Na altura desse projeto com fotografia de que me estou a lembrar [...] eram crianças muito pequeninas. E estou-me a lembrar particularmente da sala dos mais pequeninos, que foi a sala que eu trabalhei.”</p> <p>“Com crianças pequenas, eu julgo que é de extrema importância captar esses momentos vividos. Desde as suas pequenas descobertas, as suas pequenas experiências, que por vezes as pessoas que não têm consciência do que isso é julgam que são momentos sem valor e que nem sempre é assim. É nesses pequenos momentos que a criança está a aprender e a desenvolver as suas potencialidades. E através da fotografia consegues registar momentos de extrema importância. E conseguimos assim também transmitir, para quem não tem esses conhecimentos, o valor dessas experiências.”</p>	E1 E2 E2 E3
	Pais e encarregados de educação	<p>«E foi proveitoso porque os pais também, apesar de no dia-a-dia conversarmos com eles e de termos as reuniões normais com eles na avaliação, às vezes não nos conhecem tão bem assim. E às vezes até nem conhecem aspetos dos próprios filhos, na escola. E ficam com um registo. Depois acham graça: “Ah, ele fazia isto quando entrou? Ele fazia aquilo?” E nós ficamos (sorriso)...</p>	E2

		<p>[...] E para os pais, eles ficam felizes por ver que o filho fez uma evolução ao longo de um ano... E ao fim do ano vêem o vídeo e realmente vêem que quando ele entrou fazia algo de uma maneira e que quando o ano terminava ou ao meio do ano já fazia de outra maneira. E eles ficam todos muito satisfeitos. E acho que é positivo.»</p> <p>“O mais curioso é que até hoje, quando encontro encarregados de educação nos mais variados contextos, eles referem as experiências e lembram-se efetivamente de nós e do nosso trabalho, dando-lhe valor.”</p>	E4
	Educa- doras de infância	<p>“para mim a experiência foi muito enriquecedora porque cada vez que pego nos DVDs que foram feitos das fotos que ficaram registadas e os coloco no computador, consigo ver as crianças e a sua evolução”</p> <p>“confesso que não sou muito ligada às tecnologias [...]. E ver neles a evolução daquelas crianças todas fez com que eu, pessoalmente, tivesse gosto pela tecnologia, sobretudo pela parte fotográfica que era uma coisa que não me... (sorriso) máquinas... (sorriso) deixava um pouco ao lado...”</p> <p>“O trabalho que nós fazemos com as crianças, se não for registado... (sorriso) se não for registado em fotografia ou se não houver um relato escrito, ao longo do tempo perde-se. [...] Para nós é bom, porque não se perde e não se esquece. [...] E acho que é positivo.”</p> <p>“Quanto a mim, sempre achei que a fotografia era uma maneira de perpetuar no tempo aquilo que se faz, aquilo que se passa, aquilo que acontece no nosso dia-a-dia.”</p> <p>“Durante dois anos e a partir dessa altura quando trabalhámos todas juntas, a fotografia teve um significado bem diferente para mim, uma vez que permitiu ao longo dos anos constatar a importância que a mesma tem na reflexão e recordação de diferentes práticas pedagógicas.”</p>	E1 E1 E2 E3 E4
	Equipa pedagógica da instituição	<p>“eu pessoalmente [...] valorizo aquela experiência de ter uma equipa que colaborava, que se entretajudava.”</p> <p>“Nós na instituição onde trabalhávamos gostávamos muito de fazer fotografia.”</p>	E1 E2

		<p>“viver momentos felizes, onde as coisas eram realmente pensadas para eles”</p> <p>“Nesta escola os projetos foram muito variados”</p> <p>“pessoal docente, [...] ter [...] planificado atividades com resultados espantosos”</p>	<p>E3</p> <p>E4</p> <p>E4</p>
	Organização do ambiente educativo	<p>«Ver às vezes [...] a forma com que eles criam as suas próprias brincadeiras, de forma espontânea... Às vezes nem é preciso grandes jogos, aqueles jogos muito elaborados, que se costumam comprar nas lojas. Às vezes com uma simples pecinha de uma caixinha de fósforos onde se coloca lá dentro um animal, por exemplo, ou um bocadinho de arroz e aquilo faz sons, ou copos de iogurte. E isto é importante. E leva-nos também a pensar que muitas vezes estamos “preocupados” que eles adquiram um conhecimento – que é importante – mas às vezes há pequenas coisinhas que lhes dão uma segurança e que eles conseguem transformar e que depois valorizam: “mas isto serve, dá para isto!”. E podemos transpor isso para outras situações. Por exemplo, atualmente fala-se tanto no ambiente. Pegar nessa situação e trabalhar com as crianças, porque não? Uma caixa no que é que se pode transformar? O que é que pode dar? Pode dar uma caixa de música, pode dar um mobile, simplesmente, como se fosse sino, sei lá, tantas situações... Até dos próprios “ovinhos”, que se podem transformar em borboletas, que se podem transformar em abelhas... E eles ao verem que utilizamos isso para fazer um mobile na sala começam também a ter assim uma consciência gradual de que é importante não deitar o lixo no chão, ou usar só para desperdiçar. Que tem outra utilidade. Que é reciclável, que é reutilizável.»</p> <p>“Se for num espaço de sala, também dá para ver isso. Ver que, se calhar, onde nós colocamos um móvel, por exemplo, o móvel da biblioteca, que foi colocado, por exemplo, ao pé duma estante, onde não tem luminosidade nenhuma, ou não está ao pé de uma janela, isso dá para nós refletirmos que afinal aquele não devia estar ali. Que para a biblioteca, se calhar, devia ser mais benéfico – até por causa da claridade e da luz – estar ao pé duma janela. E ajuda nesse aspeto.”</p> <p>“Tudo isto é uma linguagem simbólica para nós e que para eles tem um certo sentido. E que tem uma certa intenção pedagógica. Não só está a</p>	<p>E1</p> <p>E1</p> <p>E1</p>

		trabalhar a matemática, sem eles se aperceberem, ao ver que só podem estar três crianças ali, naquele canto, mas desta forma começam intuitivamente a contar. Portanto, se vier uma criança a mais eles já sabem que não pode continuar a estar ali, porque está a mais, não pode estar neste canto, tem de estar noutra canto.”	
Agir	Ação desenvolvida em sentido pedagógico	<p>“Eu lembro-me de algumas situações e todas elas com conteúdo pedagógico.”</p> <p>“cada fotografia, ou cada registo fotográfico ou mesmo cada vídeo, ou outro, tinham sempre como base uma ação pedagógica desenvolvida.”</p> <p>“E essas atividades tinham sempre um fim pedagógico.”</p>	<p>E1</p> <p>E2</p> <p>E2</p>
	Registos fotográficos relativos à rotina educativa	<p>“A rotina é importante porque traz uma certa segurança. Eles sabem com o que é que contam em determinada altura. O que é que têm de fazer antes, o que é que têm de fazer depois. E ajuda também a nível temporal a se localizarem. Em relação às rotinas do próprio grupo, situações concretas, lembro-me perfeitamente de uma situação que foi um ano em que tivemos a implementação da lavagem dos dentes. Em que as próprias crianças é que faziam isso e sempre com o acompanhamento do adulto. E foi uma euforia porque era uma situação diferente”.</p> <p>“O resto das rotinas... O dormir, também – que era importante – o estar com elas, ao lado delas, com música calma, para que elas acalmassem, o próprio contacto do adulto, que também lhes dava uma certa segurança...”</p> <p>“Desde o acolhimento, as rotinas, o estar à mesa [...] os meninos a brincar e, portanto, estavam num contexto de brincadeira livre, em que participavam e interagiam.”</p> <p>«As rotinas implementadas... temos “n” experiências em que fotografámos e está lá uma rotina. Se for num espaço de exterior, está lá a criança a jogar, está a interagir com o colega. Está a socializar-se. Se for num espaço de sala, poderá estar a rotina de controlo dos esfíncteres, que nós também fizemos. Pode estar a rotina do acolhimento, dos jogos, da história, a hora do conto, podem estar todas as rotinas. Inclusivamente, é curioso que nós fotografamos</p>	<p>E1</p> <p>E1</p> <p>E2</p> <p>E2</p>

		<p>até os primeiros sons das crianças, os primeiros dias em que eles dormiram na instituição. E é engraçado que essas fotografias levaram os pais a terem consciência do que era o dia-a-dia da criança, na sala. E é muito positivo, é um trabalho que eu considero positivo.»</p> <p>“Sim. As rotinas nestas idades são muito importantes para que a criança tenha uma orientação e saiba o que é que vai acontecer a seguir. Portanto, vai criar segurança e vai colmatar o próprio desenvolvimento, onde progressivamente ela vai adquirindo novas experiências.”</p> <p>“Esta pergunta realmente teria muitos aspetos para falar, mas o que tenho mais presente é, sem dúvida, as rotinas apresentadas aos pais quando, em reunião, apresentámos os projetos curriculares de grupo.”</p>	<p>E3</p> <p>E4</p>
	<p>Registo fotográfico de atividades nas várias áreas de conteúdo referidas nas orientações curriculares e nas metas de aprendizagem para a educação pré-escolar</p>	<p>«Lembro-me de algumas dramatizações que as crianças realizavam entre si, situações espontâneas em que pegavam nos fantoches e falavam com o colega do lado. Lembro-me perfeitamente de ter estado numa sala de meninos pequeninos com dois anos, dois anos e pouco e eles a falarem uns para os outros e a “puxarem” um bocadinho pelo outro. Lembro-me também de algumas situações em que as crianças, depois de assistirem a histórias de fantoches, elas próprias já queriam ser as protagonistas e pediam-nos constantemente que contássemos a história ou reproduziam a história (sorriso) para aí umas dez ou vinte vezes, até que se cansassem. A evolução da linguagem, o estar em socialização com os colegas, a própria autonomia, em que eles cresciam, iam sozinhos à casa de banho, lavavam as mãos. Estive também numa sala em que as crianças tinham três anos e abotoavam as batas uns aos outros.»</p> <p>“Sim. Dentro das áreas de conteúdo e das metas, quando nós abordamos uma das áreas, intrinsecamente estão as outras todas interligadas. Porque, se eu estou a preparar uma saída ou uma ida a um teatro, ou mesmo uma ida a um parque, eu tenho uma conversa com os meninos. Para abordar a área de Formação Pessoal e Social, estou-lhes a incutir regras, estou a dar-lhes regras cívicas, de interação social. E toda a conversa que eu tenho com eles também tem implícita a área da Expressão e a Comunicação. Porque se eu estou</p>	<p>E1</p> <p>E2</p>

		<p>a falar, estou a comunicar com eles. E depois o sítio onde eu vou, uma chamada de atenção: “olha uma flor, olha um jardim, atenção ao baloiço, atenção a isto, atenção àquilo...” Estou-lhes a dar conhecimento. Conhecimento que eles têm algumas vezes. Conhecimento do Mundo.”</p> <p>“Penso que dentro do trabalho das orientações curriculares e das metas de aprendizagem, quando nós estamos a fazer uma atividade – e geralmente fotografávamos também essas atividades de exterior, de parque, de rua, extrainstituição – estamos a valorizar todo esse conhecimento do mundo, expressão e comunicação, formação pessoal e social, porque é importante.”</p> <p>“Às vezes os pais levam os meninos aos parques, mas não explicam para que é que serve o baloiço, para que é que serve o cavalinho, para que é que serve isto, pois os meninos andam livremente.”</p> <p>“Bem... Eu acho que as orientações curriculares fazem parte do dia-a-dia do educador de infância, bem como as metas de aprendizagem. Se o educador trabalha com um objetivo específico e pretende desenvolver a criança na sua globalidade, automaticamente a fotografia vai captar momentos que estão dentro das orientações curriculares e das metas de aprendizagem. Ora, são várias as situações fotografadas, desde momentos de brincadeiras livres, de exploração dos cantinhos, desde as atividades mais orientadas de todo o género, desde a expressão musical e dramática, desde a parte das experiências plásticas que eles fazem... Os próprios relacionamentos, a socialização que a criança tem, as relações humanas, portanto, tudo isso faz parte dos momentos fotográficos e uma educadora que seja... sensível, tenta captar. Para poder, no fundo, valorizar o seu trabalho ao longo do ano.”</p> <p>“cinemas, onde se trabalhava a matemática, onde se trabalhava a concentração”</p> <p>“Uma atividade em que estejam patentes as diferentes áreas de conteúdo? Vou tentar. Lembrome de uma atividade que realmente era uma daquelas atividades que sempre sonhei fazer e que nós conseguimos concretizar sem qualquer problema. Digo isto, pois em termos logísticos englobava toda a escola lembras-te? Aquela da</p>	<p>E2</p> <p>E2</p> <p>E3</p> <p>E3</p> <p>E4</p>
--	--	---	---

		<p>carimbagem dos pezinhos? Em que incluímos as duas salas e todo o pessoal docente e não docente da escola. [...] Assim sendo e tendo em conta o que realmente queres saber, vou tentar abarcar todas as áreas... Vou ver se me lembro bem... A nível da Formação Pessoal e Social, a interação, o saber esperar a sua vez, escolher a cor com que queriam imprimir os pés, fazer escolhas, tomar decisões. Na Área da Expressão e Comunicação, os domínios da expressão plástica e musical posso dizer com toda a certeza que estavam interligados e foram trabalhados pelas crianças de forma individual, atendendo às formas de reação e relação das crianças, que estavam absorvidas na atividade. O domínio da expressão motora foi realmente conjugado com o da dramática aquando da dança e da utilização das músicas clássicas selecionadas.”</p> <p>«Foi deveras gratificante esta experiência, onde se denota realmente que “a união faz a força” e que tudo o que vivemos e recordamos através das fotografias tiradas e filmes criados faz com que exista uma sensação de nostalgia e de satisfação, por termos realmente concretizado a atividade, recordando-a sempre com carinho.»</p> <p>“Concluindo com esta atividade e agora reportando-me a um dos termos apresentado pelas metas de aprendizagem, vim a aperceber-me do verdadeiro significado de fruição, pois o gosto que as crianças apresentaram foi daquelas sensações em que realmente posso afirmar que gosto de exercer a minha profissão e que ter tido a oportunidade de realizar esta atividade foi muito gratificante.”</p>	<p>E4</p> <p>E4</p>
	<p>Projetos fotografados que recordam e de que gostaram particularmente</p>	<p>“Sim, foram fotografadas algumas situações de projetos. Lembro-me concretamente, por exemplo, de um em que as crianças estavam mais viradas para o tema dos animais.”</p> <p>“um projeto – que era o Projeto da Saúde Oral – que tinha sido implementado também na instituição.”</p> <p>“Foram vários. Nós fazíamos sempre motivações para a Páscoa, para o Natal, para o Carnaval, para o Pão por Deus... A partir de tudo o que nós achávamos que era área forte, que era tradição, que os meninos deviam ter, fazíamos um miniprojeto. Na altura fazíamos uma motivação,</p>	<p>E1</p> <p>E1</p> <p>E2</p>

		<p>que poderia ir da expressão dramática, a um filme, a expressão plástica... Qualquer coisa que fosse diferente, para os motivar.”</p> <p>“Nos projetos de curta duração, que são os que nós fizemos que realmente se reportam às vivências que as crianças vão tendo, estou-me a lembrar particularmente de um do Carnaval. Que foi uma representação. Só mímica, portanto, sem palavras, em que nós fizemos a história do Arlequim e da Colombina.”</p> <p>“E que, eu, pessoalmente, achava que não ia funcionar, porque as crianças não iam entender. Era a única pessoa a dizer que não, num grupo de cinco. E depois tive de reconhecer que realmente... Concordei que as coisas funcionaram, porque os meninos não só estiveram com atenção, perceberam a história, perceberam o que se passou, como relataram isso com as palavrinhas deles. Relataram a história. E depois foram capazes de identificar e ter noções das personagens. Foi interessante.”</p> <p>“De projetos de longa duração, destaco os projetos que tinham a duração de um ano. Eram os projetos que nós tínhamos em cada ano, o Curricular de Grupo, em que, ao longo do ano, desenvolvíamos um tema muito geral e íamos fazendo vários registos fotográficos e em vídeo. E que depois compilámos para dar um vídeo no fim do ano.”</p> <p>«Acho que é bom ficarem esses registos. Não só para nós, mais tarde, vermos – nós e as colegas – “olha isto, olha aquilo, olha esta criança...”, mas também porque nós vamos vendo o trabalho que foi feito e vamos valorizando aquilo que vamos fazendo, também.»</p> <p>“Sim, sem dúvida. Todos os projetos foram fotografados. E o mais marcante foi, sem dúvida, um projeto de Carnaval, em que houve o culminar de uma equipa, onde o trabalho foi muito positivo, onde houve colaboração de todas as pessoas e que terminou numa dramatização da equipa de educadoras, feita através da mímica, onde se explorou vários aspetos, desde a expressão musical e dramática, com destaque à expressão corporal, à música clássica. Portanto, foi uma experiência marcante, em que se sentiu que as crianças conseguiram perceber a mensagem que queríamos transmitir e envolveram-se de uma</p>	<p>E2</p> <p>E2</p> <p>E2</p> <p>E2</p> <p>E3</p>
--	--	--	---

		<p>forma emocional e de uma forma muito ativa e positiva. Para mim foi a mais marcante.”</p> <p>“Nesta escola os projetos foram muito variados, mas claro que uns marcaram mais do que outros. Um dos que estão muito presentes ainda na minha memória é, sem dúvida, a dramatização que fizemos num dos anos, na altura de Carnaval. A peça da Columbina e do Arlequim (sorriso).”</p> <p>“O que mais me fascinou foi sem dúvida toda a pesquisa de campo realizada para podermos concretizar a atividade, desde a seleção das músicas para cada cena da dramatização, à divisão de papéis e à procura de todos os trajes. Lembro-me perfeitamente da nossa ansiedade quando íamos começar a peça, uma vez que – e atendendo a que era uma peça mimada – pensávamos que as crianças iriam ficar inquietas ou desmotivadas. Muito pelo contrário lembras-te? Foi realmente gratificante ver que as crianças perceberam o conteúdo da história participando ativamente durante alguns momentos da dramatização e durante a reconstituição da história de forma acertada. Foi um dos projetos que recordo com muito carinho. Ah! Até a educadora de ensino especial participou. Houve duas assistentes operacionais que ficaram a fotografar e a filmar toda a atividade e outras ficaram a acompanhar e apoiar as crianças enquanto estas assistiam e enquanto participavam. Foi muito bom mesmo conseguirmos, mais uma vez, nos envolver todas para enriquecermos os conhecimentos das crianças. Realmente ultrapassámos as nossas próprias expectativas!”</p>	<p>E4</p> <p>E4</p>
	<p>Colaboração das famílias na realização de atividades</p>	<p>“Até pedíamos também aos pais a colaboração, que trouxessem algumas imagens...”</p> <p>“festas relacionadas às épocas festivas, onde era pedida a participação dos familiares, que estavam sempre dispostos a participar e a colaborar”</p> <p>«Que engraçado... Lembro-me de dizer aos pais “amanhã temos uma atividade com as duas salas e precisamos da vossa colaboração com o vestuário e o calçado prático para nos ajudar”. Recordo-me do apoio que até os pais nos deram e a curiosidade manifestada no final do dia para saber como tinha corrido.»</p>	<p>E1</p> <p>E3</p> <p>E4</p>

	Flexibilidade e abertura ao imprevisto	<p>“um em que as crianças estavam mais viradas para o tema dos animais. E só falavam no pato, no cão, no gato... E depois, derivado das situações das histórias, começaram a falar no lobo e de tudo o que era um bocadinho fora do comum... E então aproveitei essa situação e começámos a trabalhar um bocadinho sobre quais eram os animais da quinta, quais eram os animais da selva, da floresta. Sempre destacando aqueles que eles mais conheciam.”</p> <p>«Lembro-me dessas atividades. Tal como falei anteriormente, em que as crianças... A primeira foi o tal projeto dos animais, em que eles vivenciaram e depois andavam sempre a nos pedir para fazer jogos à volta disso. Quando viam algum animal diferente já perguntavam como é que se chamava, como é que faziam, como é que andavam e eles próprios “puxavam” um pouco por nós e nós íamos dando mais evolução.»</p> <p>«Surgem, às vezes, situações em que a criança traz um relato de casa e que... Qualquer coisa que aconteceu, que foi fora do normal e que acaba por contar e por valorizar. Há situações que são menos positivas. Estou-me a lembrar de uma criança que descreveu uma situação ocorrida no trânsito quando vinha para a escola em que ouviu uma palavra menos positiva. (Sorriso) E quando ouviu um colega uma vez dizer uma palavra semelhante, a criança disse-lhe o que a mãe tinha lhe dito quando estava a vivenciar a outra situação: “entra no ouvido, não fica na cabecinha e sai pelo outro ouvido”. Portanto, não se repete... E todas as crianças ficam a saber que algumas coisas que não são para dizer, são coisas menos boas, ou menos próprias em sociedade. O relato dessa criança ajudou-os a perceber isso. Entre eles, vão aprendendo, e isso vai beneficiando, ao fim e ao cabo a educação e a aprendizagem. Entre todos.»</p> <p>«Bem... [...] eu acho que é muito importante estarmos sempre atentos aos interesses das crianças e sabermos ouvir e dar a devida atenção. E quando aparece alguma situação que sentimos que é uma mais-valia para todo o grupo, onde vai haver situações de aprendizagem que são positivas, eu acho que é nosso dever, como educadores, saber “agarrar” essas situações e proporcionar conhecimentos acerca de novas descobertas, de temas que vêm do seio familiar das crianças. Recordo alguma situação? Acho que</p>	<p>E1</p> <p>E1</p> <p>E2</p> <p>E3</p>
--	--	--	---

		<p>não sei, são tantas que não sei dizer qual, porque acho que isto é de muita importância quando nós realmente sabemos ouvir a criança e daí tirar partido.»</p> <p>“Recordo-me nitidamente de estar sempre com a máquina fotográfica à procura desses momentos inesperados. Um deles foi constatar o jogo simbólico e de socialização de uma criança que tinha autismo e mostrar à mãe na avaliação de como o filho era capaz de se relacionar, como era benéfico ele estar integrado numa escola e todas as vantagens que o relacionamento entre pares iria trazer para o seu desenvolvimento.”</p>	E4
Avaliar	Percepção e conhecimento das implicações da ação	<p>“Sim, porque nós conseguimos ver...”</p> <p>“A fotografia é sempre importante porque quando olhamos para uma fotografia há coisas que nós registamos, ou por querer ou não. Por exemplo, uma criança que está um bocadinho triste, ou uma criança que às vezes se vê que está a expressar-se de uma determinada forma, carinhosa para com outra, que às vezes no dia-a-dia que estamos com ela não nos apercebemos com tanta frequência. Ver às vezes a interação que existe, a afetividade, a forma com que eles criam as suas próprias brincadeiras, de uma forma espontânea...”</p> <p>“Se no início do ano era uma criança muito retraída, por exemplo, e que agora já socializa mais. Já é capaz de fazer um carinho a um amigo. Ou quando se retraía ou quando se isolava. Ver uma fotografia em que uma criança está isolada num cantinho, depois a meio do ano já está a brincar, não a par, mas junto com os seus amigos, já começa a ter algumas preferências, a escolher amigos para brincar constantemente.”</p> <p>“se nós pararmos um bocadinho a olhar para a foto [...] dá para [...] ver se a criança está triste, se não está triste... [...] Conseguimos também tirar algumas ilações quanto à forma como eles estão uns com os outros, em relação.”</p> <p>“Porque é assim, a fotografia dá para ver o antes e o depois. Portanto, quando nós pegamos numa fotografia tirada no início do ano e uma fotografia tirada no fim do ano, há sempre uma evolução. E consegue-se ver sempre se a criança cresceu, se não cresceu, o “salto” que ela deu. O ver que no início do ano não era capaz de partilhar um</p>	<p>E1</p> <p>E1</p> <p>E1</p> <p>E1</p> <p>E1</p>

		<p>brinquedo com um colega, mas que no fim do ano outra fotografia na mesma situação mostra que já consegue fazer isso com maior frequência. E que até tem o seu brinquedo e diz “olha, toma, brinca.”»</p> <p>“E visualizando as fotografias, mais rapidamente nós chegamos ao que aconteceu – ou não aconteceu.”</p> <p>“E depois é assim, se acontecia uma criança estar a fazer uma construção que nunca tinha feito com jogos, mas que resolveu fazer, sei lá, uma praia, um castelo... E que aquela criança de uma maneira geral nunca se interessava pelos jogos... Se ela naquele dia se interessou e se fez uma coisa com princípio, meio e fim... Foi ela que construiu, é a obra de arte dela, esse registo não só agrada à criança, como para nós mostra que ela já é capaz de construir. Depois, há aquela tentativa. Se faz e se desmoronou, se cai, ela volta a tentar... Portanto, às vezes há o registo do fazer, do “desfeito” e, depois, do reconstruir. Para eles é importante e para nós também.”</p> <p>“no início, quando entram, muitas vezes não sabem pegar nos talheres... Fotografando essa situação e num final do ano se fotografarmos novamente a mesma criança na mesma situação, veremos a sua evolução e a sua capacidade de manusear os talheres, neste caso. Portanto, eu acho que, mais uma vez, a fotografia vai ajudar, na própria avaliação, o educador.”</p> <p>“Tem, mais uma vez, a ver com a avaliação. Em que uma educadora que seja sensível retrata – ou tira a fotografia – a aspetos que fazem parte do próprio desenvolvimento etário da criança. Aqui a fotografia vai ajudar a que fique registado o desenvolvimento ao longo de um ano, ou de dois, ou de três anos que a criança está na instituição. Poderemos, no fundo, fazer uma retrospectiva daquilo que foram os primeiros e os últimos dias de escola, não é? Ou seja, dá-nos a conhecer todo o percurso feito por aquela criança. Desde as suas dificuldades de início, que são características das próprias idades, e a sua capacidade final, onde já é uma criança desenvolvida na parte global, onde desde a autonomia, desde a parte motora, desde a sociabilização... Todos esses aspetos estão mais desenvolvidos. E a fotografia consegue transmitir esse desenvolvimento.”</p>	<p>E2</p> <p>E2</p> <p>E3</p> <p>E3</p>
--	--	---	---

	Considerar as contribuições das crianças	<p>“A própria criança apercebe-se do seu desenvolvimento. Porque ao mostrar uma fotografia onde ela ainda não consegue lavar as mãos e depois se mostrarmos uma fotografia em que ela já consegue abrir a torneira e lavar as mãos, elas próprias se sentem valorizadas da sua aquisição. E é de extrema importância.”</p>	E3
Comunicar	Situações e reações relativas à apresentação de fotografias pedagógicas às crianças	<p>«E mesmo quando utilizamos para fazer “placares” e as crianças aparecem para ilustrar uma determinada situação é curioso vê-las muitas vezes apontar para elas próprias... “olha, ali estou eu! E ali está a (nome) e ali está a (nome)”. E também dá para ver o quanto elas vibram com o facto de elas estarem presentes ali. Não ser só... Reconhecem-se, mas reconhecem também o outro.»</p> <p>«Sim, tínhamos sempre o cuidado, pelo menos, de mostrar. Quando fazíamos um DVD ou quando tirávamos fotografias, havia sempre algum momento em que nós tínhamos oportunidade de pô-los a ver no DVD da escola. E víamos a alegria de estarem a apontar uns para os outros: “olha ali a (nome), olha ali o (nome), olha, eu estou aqui...” Aquelas coisas que às vezes para eles tinha sido vivido só há um mês, ou dois, ou três, mas que quando nós lhes mostrávamos, eles vibravam com isso, com uma euforia, com entusiasmo, com uma certa... Era engraçado ver essa reação.»</p> <p>«Geralmente quando nós fazíamos os registos, eles gostavam sempre de ver. E então quando acabávamos a dramatização, as histórias, as sombras chinesas, qualquer coisa, os fantoches, eles queriam sempre ver. E então nós voltávamos na máquina e fazíamos o “review”. E diziam: “olha eu estou aqui, olha eu estou ali...” Eles vibravam com essas situações.»</p> <p>“Uma das coisas que me lembro que nós fazíamos não só com a equipa pedagógica, mas com as próprias crianças, era a visualização das fotografias realizadas. Neste ambiente nós poderíamos sempre dialogar e mesmo sentir e ouvir aquilo que as crianças comentavam acerca da fotografia. E podíamos desta forma nos aperceber dos interesses, da valorização que a criança dá relativamente ao trabalho desenvolvido, desde o entusiasmo com que eles falavam sobre as fotografias... Portanto, demonstrava o seu tipo de envolvimento nesta atividade.”</p>	<p>E1</p> <p>E1</p> <p>E2</p> <p>E3</p>

		<p>“Acabei de falar (risos)... As crianças (ênfatisando) adoram se ver! Para além de se verem no espelho, que é um reconhecimento da sua própria imagem, também na fotografia elas vão reconhecer-se a si e identificar os colegas. Isto é extremamente importante para a criança que está em desenvolvimento. Portanto, elas conseguem visualizar muitas vezes os pormenores que nós, adultos, não conseguimos ver. Portanto, é visualizada a fotografia com muita alegria, com muito... É muito bem recebida, eles gostam imenso de poder reviver os momentos passados. A criança aprende muito pela... agora falta-me o termo... pela repetição. Aprendem muito pela repetição. E o facto de se poder ver naquela atividade, relembrar a atividade que foi feita, vai ajudar a memória, vai ajudar a refletir, vai ajudar o diálogo. E são momentos muito aprazíveis para a criança. E sem dúvida que o poder mostrar e falar sobre aqueles momentos tão importantes... É muito bom para a criança.”</p> <p>«Sim. Muitas vezes, com o auxílio do computador, fazíamos apresentações de PowerPoint com o resultado de uma atividade ou então mostrávamos as fotos descarregadas diretamente da câmara. A sensação era de contentamento, mas acima de tudo de valorização, pois muitos diziam e chamavam à atenção: “olha eu estou ali!” ou “olha o meu amigo...”»</p>	<p>E3</p> <p>E4</p>
<p>Situações e reações relativas à apresentação de fotografias pedagógicas aos pais e encarregados de educação</p>		<p>“Os pais realmente muitas das vezes não se apercebiam do trabalho que era feito. E ficavam encantados. Acho que foi positivo.”</p> <p>«A primeira reação muitas vezes dos pais é assim: “ai, o meu pequenino quando entrou e agora já está tão grande... Mas depois era: “olha está a fazer isto! Mas isto o que é? E aquilo o que é?” Portanto, algumas das atividades que nós fazíamos como uma parte da expressão plástica com massa, com tintas, com areia, sei lá, com material de desperdício com que sempre trabalhámos... Muitas das vezes o trabalho fica concluído e eles não sabem como é que foi feito. E tínhamos a preocupação de colocar às vezes o início, o meio e o fim para eles terem uma ideia de como é que as crianças trabalhavam.»</p> <p>“E acho que é importante. Quando nós sentimos que o nosso trabalho está a ser positivo e que</p>	<p>E2</p> <p>E2</p> <p>E3</p>

		<p>queremos que os pais também o sintam, acho que é importante transmitir aos pais esse ambiente de trabalho que nós tínhamos na instituição. Foi a partir desse momento que a fotografia passou a fazer parte da nossa rotina diária. E desde então sentimos as diferenças. Porque os pais realmente passaram a valorizar o nosso trabalho enquanto educadoras.”</p> <p>“O facto de expormos as fotografias possibilita aos pais visualizar o trabalho das educadoras e do pessoal da instituição. Acho que é uma mais-valia pois permite que haja um diálogo onde os educadores poderão explicar, de uma forma mais pormenorizada, os objetivos com que foi feita a atividade e isto cria a confiança que nós pretendemos com a fotografia. Ou seja, é criar laços de confiança entre comunidade e instituição. Se os pais, na fotografia, vêem os seus filhos nas horas em que estão fora da sua família, não é...? Se vêem na fotografia que eles têm momentos de alegria, que eles estão sorrindo, que eles estão aprendendo, que eles estão se sociabilizando... Se sentem que as educadoras e todo o pessoal têm um sorriso, uma expressão alegre, que está a ter pequenos gestos de afetividade, é lógico que vão sentir segurança na escola. E poderão também dialogar com os seus filhos, questionando aquelas próprias fotografias. E a comunicação entre os filhos e os seus pais também lhes vai dar alguma segurança, porque a criança poderá em casa relatar mais pormenorizadamente o que é que aconteceu naquelas atividades, o que permite um maior diálogo, uma maior abertura entre criança e família. Que nem sempre é fácil, porque nem sempre as crianças conseguem ter facilidade em transmitir aquilo que se passou, o que é que aconteceu na instituição. Havendo a fotografia a criança tem um suporte para diálogo.”</p> <p>«o que tenho mais presente é, sem dúvida, as rotinas apresentadas aos pais quando, em reunião, apresentámos os projetos curriculares de grupo. No meu caso, gostava de apresentar em fotografias os objetivos que pretendia alcançar com o grupo. Assim sendo, o maior desafio foi, sem dúvida, captar a imagem que traduzisse o objetivo presente para colocar no PowerPoint, por exemplo, promover o espírito de entreatajuda na Área de Formação Pessoal e Social com uma foto de uma criança a ajudar a outra a abotoar a bata, o que acontecia especialmente após o repouso das crianças. Neste contexto recordo-me do</p>	<p>E3</p> <p>E4</p>
--	--	---	---------------------

		espanto dos pais e dos seus comentários, sendo que um deles marcou a minha experiência enquanto educadora, quando a mãe referiu que “não imaginava que as coisas mais simples faziam desenvolver tantas coisas”. Marcou-me mesmo esta afirmação, pois tudo o que se faz tem sempre uma componente pedagógica.»	
	Manifestação de interesse por parte dos pais e encarregados de educação na obtenção de registos fotográficos apresentados	<p>“Sim. Os pais sempre que viam alguma fotografia colocada num placar ou que viam... Pediam sempre.”</p> <p>«Os pais muitas vezes chegavam à escola e diziam, por exemplo: “O meu filho já disse que ontem vocês tiveram aqui uns coelhinhos. Pegaram nos coelhinhos” E disseram que nós tirámos as fotografias. “É possível termos essas fotografias?” Pediam em várias situações. Nomeadamente também quando fazíamos as festas finais. Lembro-me que aí também tínhamos o cuidado de recolher e mostrar algumas das fotografias que tinham sido tiradas ao longo do tempo e nisso também os pais mostravam interesse e perguntavam: “Será que podemos ter acesso? Será que nos dão essas fotografias?”»</p> <p>“Nas festas finais, naqueles momentos enquanto os pais aguardavam pela atuação dos seus filhos, fomos passando as fotografias das atividades que eles iam realizando ao longo do ano, da semana, e que os pais depois no fim manifestavam interesse talvez porque nós também mostrámos que tipo de trabalho é que era feito. E daí virem ter conosco e pedirem-nos os DVDs, pedirem-nos fotografias. E acho que isso foi benéfico.”</p> <p>«É assim (suspiro)... A nossa instituição tinha por hábito fazer já um registo fotográfico de anos anteriores. E geralmente as crianças não entram todas ao mesmo tempo e saem todas ao mesmo tempo. Há sempre um ou outro que é mais novinho, que fica para outro ano e que vai mudando de sala. E como uma primeira abordagem coletiva, nós fizemos com a fotografia um vídeo que mostrámos num fim de ano aos pais. Fizemos só uma cópia, só um vídeo, e na festa final colocámos um excerto desse vídeo. E os pais pediram: “eu não posso ficar com ele?”. Portanto, daí nós termos tido depois a preocupação de fazer sempre os registos fotográficos. Porque os pais, ao fim do ano, quase que nos exigiam: “nós queremos (risos) saber tudo...”»</p>	<p>E1</p> <p>E1</p> <p>E1</p> <p>E2</p>

		<p>“Bem... Aqui os encarregados de educação, sem dúvida, que todos pediam os registos fotográficos e em qualquer situação. Todas as situações. Eles pediam realmente para que lhes fossem facultadas as fotografias. Exatamente para que as suas crianças pudessem visualizar e tornar a visualizar (sorriso) e tornar a visualizar (sorriso), que era isto mesmo que eles diziam. Que quando a criança tem um DVD onde estão registadas todas as atividades realizadas, que é o seu DVD de eleição e que vêm várias vezes para poderem dialogar, para poderem recordar, para poderem comunicar as vivências por que passaram. Portanto os pais nisso acho que também estão muito sensíveis e gostam muito de ter este registo fotográfico.”</p> <p>“Sim, sem dúvida. Os pais solicitavam sempre aquando de um aniversário, festividade ou atividade dinamizadas mesmo em contexto de sala. Decorrente desta necessidade é que criamos um DVD ilustrativo do trabalho do ano letivo para que os pais pudessem ficar com um registo dos seus filhos.”</p>	E3
			E4
	<p>Aspetos das fotografias pedagógicas mencionados com maior frequência em diálogos com pais e encarregados de educação durante a experiência</p>	<p>“Referiam de tudo um pouco. Eles referiam os projetos que estavam patentes nessas fotos, referiam a própria evolução da criança. [...] É gratificante ver isso.”</p> <p>«Aqui os pais são muito voltados para as suas próprias crianças e sem dúvida que a sua preocupação principal é: “o meu filho já consegue fazer isto”. São as aquisições, o desenvolvimento que é demonstrado nas próprias fotografias e que muitas vezes não se apercebem em suas casas. Em geral, é exatamente o desenvolvimento do seu filho, a sua participação na atividade, a forma como ele está ativo ou não na atividade, podendo questionar “porque é que o meu filho não está a participar, porque é que ele não quer?” Mas são sempre situações de diálogo com uma perspetiva positiva, tentando melhorar o desenvolvimento da criança e saber como poderá ajudar em casa em relação a determinadas situações.»</p> <p>“Sinceramente, falavam de tudo um pouco. E claro que realçavam aspetos que estavam diretamente ligados aos seus filhos, dando ênfase e demonstrando ligação afetiva e agradecimento pela nossa iniciativa de montagem dos DVDs, mas, (sorriso) acima de tudo, pela nossa vontade</p>	E1
			E3
			E4

		de registrar os vários momentos do dia-a-dia dos seus filhos.”	
Articular	Continuidade educativa	“ele neste momento já vai para um quarto ano...” “tenho um relato de uma criança que passou para o terceiro ano este ano”	E1 E2
Bloco III – Potencialidades da fotografia pedagógica para o desenvolvimento profissional do educador de infância			
Categoria	Sub-categoria	Unidade de registo	Unidade de contexto
Especificidade do desempenho profissional do educador de infância	Interligação entre teoria e prática no desempenho profissional	“E sobretudo para dar a conhecer aos pais o nosso trabalho, porque acho que alguns pais às vezes desvalorizam e acham que as crianças passam o dia sem fazer nada de concreto que as leve a se integrar numa sociedade cada vez mais evoluída.”	E1
		“E no final do ano tínhamos esse cuidado também, porque também queríamos fazer essa ligação com os pais. Para que os pais também percebessem a nossa relação ali, [...] em que nós não estamos ali só para cuidar dos filhos, mas que eles estão ali em experiências de aprendizagem” «a fotografia comunica muita coisa. E penso que é muito importante passar e ilustrar também aos pais que não existe só uma parte prática, que nós temos uma “bagagem” teórica numa prática que se vai realizando no dia-a-dia. Em que os pais podem ver essa prática.» «é benéfico porque os pais depois ao verem isso [...] conseguem dar valor à nossa profissão e vêem também que os seus filhos estão bem entregues. E vêem se estão alegres, se estão bem. E aquilo que se faz vai passando. E a mensagem se calhar vai passando. Ou de um pai para outro. E ajuda também a desvalorizar um bocadinho aquela sensação de que nós antes estávamos ali só para “cuidar”. E que há uma finalidade pedagógica, que há uma evolução, um crescimento. E isso vê-se.»	E1 E1 E1
	Educação de infância como o início do	“e que futuramente isso lhes irá servir como pessoas, como seres, como cidadãos numa sociedade, não é? E que isso vão adquirindo desde pequeninos. O saber respeitar o outro, o saber esperar, o saber ajudar, o saber partilhar.	E2

	<p>percurso de desenvolvimento humano das crianças</p>	<p>Que são coisas que fazem parte dum ser humano, mas que só experienciando é que nós conseguimos vivê-las.”</p> <p>«É curioso que os anos passam e nós vamos ficando com um contacto assíduo, menos assíduo, alguns longínquos... E eu olho para trás e vejo crianças que já “me passaram há algum tempo pelas mãos” no Jardim de Infância e que ainda me conhecem e que é grato vê-los a falar e a conversar...»</p> <p>“Mas é engraçado ver como para algumas crianças, o Jardim de Infância as marca pela positiva. Há outras que o Jardim de Infância não as marca tanto, porque perdem o contacto com as pessoas, porque perdem o contacto com a instituição. E depois vão para outra escola, e depois têm novos amigos, é como tudo na vida, as coisas vão evoluindo. E a gente às vezes perde amigos (sorriso)... Neste caso nós temos a sorte de mantermos. Mantemo-nos mais ou menos informadas (sorriso). Juntamo-nos às vezes para pôr a conversa em dia...”</p>	<p>E3</p> <p>E3</p>
<p>Participação em processos educativos tendo em vista o desenvolvimento do outro, das instituições e das comunidades (Sá-Chaves, 2008)</p>	<p>Participação de elementos da comunidade educativa e da comunidade em geral em atividades fotografadas</p>	<p>«Passaram alguns anos, mas lembro-me de duas situações que, para mim, marcaram imenso. Uma delas é porque nessa escola a comunidade em si era ao início muito fechada. Havia alguns desentendimentos, mas conseguimos unir-nos e num ano fazer a festa final com a colaboração dos próprios moradores. Lembro-me de outra situação que foi o “Pão por Deus”. Em que fomos às casas entregar o saquinho dos frutos e os meninos foram com o seu próprio saquinho pedir o “Pão por Deus” e as pessoas davam o fruto que tinham, mas que previamente tinha sido tudo distribuído pelas próprias educadoras e que as crianças vivenciaram. (Risos) Houve uma situação que também neste momento me ocorre e que de vez em quando, quando me lembro, até me dá para rir! (risos) Foi uma senhora que no carnaval – em que nós fazíamos a saída pelo meio da própria escola – disfarçou-se espontaneamente de polícia e quando saímos foi para a estrada e mandava parar os carros para as crianças poderem passar pela passadeira.»</p> <p>“Acho que foi importante, as visitas que nós fizemos. Numa chegámos a ver os presépios, porque as pessoas depois já nos reconheciam, já queriam, já chamavam por nós para abrir as</p>	<p>E1</p> <p>E1</p>

		<p>portas, já não manifestavam muito a resistência. Penso que foi uma mais-valia e a própria comunidade começou-se a aperceber um pouco o que é que as crianças faziam, que não era só entre as quatro paredes do Jardim de Infância, que havia outras atividades. Lembro-me, por exemplo, dum jogo de pistas que nós criámos e que foi realizado num espaço exterior da comunidade que era próximo da instituição. Em que eles tiveram de percorrer as pistas que eram dadas até chegar à procura do ovo. E que as pessoas vinham para a rua, a algazarra era tanta, a alegria era tanta... E as pessoas vinham para a rua curiosas para ver a alegria que eles tinham, onde é que estavam escondidos os ovos. Portanto... E na escola era assim, havia uma relação do meio com a escola e da escola com o meio. Tentámos e estas vivências foram muito enriquecedoras para mim pessoalmente e acho que também para o grupo.”</p> <p>“Por exemplo, quando nós fazíamos o Pão por Deus, geralmente tínhamos uma intenção de... Aliás, verificámos que os nossos meninos nem todos tinham os avós presentes. E, portanto, os avós viviam longe, ou trabalhavam, ou... E nós tínhamos junto à instituição um arruamento onde haviam quatro, cinco moradores, alguns com uma certa idade. E nós promovíamos esse intercâmbio. Portanto, geralmente era no Pão por Deus. Falávamos da história do Pão por Deus, que íamos pedir o Pão por Deus aos vizinhos e que eles davam... Eles convenciam-se de que realmente eram os vizinhos que nos davam o Pão por Deus. Não eram. Eles colaboravam. Era a instituição que levava os frutos aos vizinhos e depois os vizinhos faziam o favor de lhes dar. E por volta do São Martinho, nós fomos agradecer a ajuda e então levámos da escola um saquinho para oferecer a cada um dos vizinhos. E eles ficavam felizes.”</p> <p>“Aconteceu também num ano um outro momento. Fizemos o convite para eles virem à festa final. Alguns inibiam-se, não vieram, houve um ou outro que veio e foi interessante. E houve situações em que as famílias também estiveram envolvidas na festa final, portanto em junho, em que se festejavam os santos populares e as marchas, em que participavam não só os vizinhos, como participavam os pais, como participavam pessoas amigas que eram de um grupo que na altura funcionava nas proximidades da instituição. Era</p>	<p>E2</p> <p>E1</p>
--	--	---	---------------------

		<p>um grupo de cantares. Na altura tínhamos alguns elementos da equipa do Jardim de Infância que faziam parte desse grupo. Depois já traziam outros, já tocavam e já estávamos ali quase numa “macrossociedade” (sorrisos), numa interação entre comunidade educativa e pessoas que aparentemente nada tinham a ver com a instituição, mas que colaboravam e que davam o seu melhor.»</p> <p>“Em geral, a parte dos elementos da comunidade é mais nas festividades. Lembro-me do dia da mãe, por exemplo, em que se realizou uma atividade com as mães no parque (nome). Que foi uma atividade de expressão motora, onde havia várias atividades que foram feitas com as mães e com as crianças com pequenos percursos e estafetas, onde as mães interagiram com os seus filhos de uma forma muito peculiar, muito alegre, onde se via que aquelas mães sentiam a necessidade de espaço para poder estar com os seus filhos, brincando livremente, interagindo e apercebendo-se das dificuldades e facilidades com que as suas próprias crianças conseguiam realizar as atividades. Muitas vezes os pais têm os seus filhos como os centros das suas atenções e nem sempre se apercebem das dificuldades que eles têm, ou então também não se apercebem de como eles já estão à frente da sua faixa etária. Nestes momentos, sem dúvida, quando se pede aos pais para participar, eles podem observar as outras crianças com os seus familiares, as outras crianças em relação às atividades que são pedidas e aprendem também a avaliar a sua própria criança e a valorizar o seu próprio filho. Acho que são experiências muito importantes e mais uma vez fica retratado na fotografia. E a fotografia sem dúvida que, mais uma vez, marca uma posição muito positiva, porque ao ajudar a relembrar esses momentos, acaba por relembrar isso aos pais e aos seus filhos, ao estarem novamente a visualizar e dar valor àquelas situações de desenvolvimento da criança.”</p> <p>“São tantos os momentos, mas vou citar os que mais me marcaram: dançar os santos populares com as colegas e pais na festa de final de ano, a dramatização do Capuchinho Vermelho feita pelas crianças num pátio exterior da comunidade onde estava inserida a instituição, a chegada do Pai Natal num carro de cestos em que envolvemos e mobilizámos muitas pessoas...”</p>	<p>E3</p> <p>E4</p>
--	--	--	---------------------

	<p>Momentos de partilha e de interação positiva na instituição educativa registados com fotografia pedagógica</p>	<p>«Por exemplo, em relação às atividades que eram desenvolvidas, todas nós tínhamos o cuidado de envolver também as assistentes operacionais em atividades, como algumas dramatizações que ficavam a seu cargo e que desenvolviam com os restantes elementos da equipa pedagógica. Ou então entre toda a equipa de pessoal não docente eram preparadas e realizadas algumas atividades, de forma a que se criasse uma relação próxima entre educadoras e assistentes operacionais, a não haver aquele patamar de distância: “eu sou educadora, tu és assistente operacional”. Pronto, sempre com respeito perante o que eram as responsabilidades e deveres de cada um, mas de forma a que os meninos também se pudessem aperceber que as assistentes não estavam só ali para as ajudar só a fazer os “trabalhinhos”, que também participavam nas dramatizações, que também faziam algo mais para eles. Lembro-me perfeitamente de elas fazerem um bolo e oferecerem aos meninos, de terem feito os cartuchos de castanhas. E até fizeram uma dramatização na Páscoa em que, como a idade era tão pequenina, contaram a história do patinho e do coelhinho e depois até ofereceram uns saquinhos que foram elas que fizeram e não nos pediram grande apoio. E acho que isso entre nós também criou uma certa relação que não era aquela relação de distância, mas de proximidade e daqueles laços de interação fortes.”</p> <p>“(Suspiro) Na instituição, geralmente quando alguém fazia anos eram festejados os aniversários com uma partilha e as crianças adoravam cantar os parabéns... Ou então naquelas festinhas que nós fazíamos no Natal, em que partilhávamos um lanche com os pais, com as crianças, com os educadores, com as entidades que por vezes faziam parcerias conosco, como a Junta de Freguesia e outros. Em que, de uma maneira geral, todos nós fazíamos uma partilha. Toda a gente trazia qualquer coisa e partilhávamos entre todos.”</p> <p>“Situações... Eu acho que isto foram anos cor-de-rosa! (Risos) Onde houve muita interação de todos os intervenientes na ação educativa, tanto de docentes como de pessoal não docente e dos próprios pais, que, ao sentirem uma equipa coesa, sentiam também a segurança, sentiam que os seus filhos estavam a viver momentos felizes, onde as coisas eram realmente pensadas para eles e onde a alegria, a partilha... Todas as</p>	<p>E1</p> <p>E2</p> <p>E3</p>
--	---	--	-------------------------------

		<p>experiências, no fundo, eram positivas e sem dúvida que este foi um momento em que houve muita ligação de toda a equipa docente, não docente e de toda a comunidade.”</p> <p>“E acho que... (risos) Recorda-se de momentos? Quer dizer... Eu acho que houve muitos momentos... Desde cinemas, onde se trabalhava a matemática, onde se trabalhava a concentração, às dramatizações constantes que eram feitas a nível de equipa, às festas relacionadas às épocas festivas, onde era pedida a participação dos familiares, que estavam sempre dispostos a participar e a colaborar. Portanto foram vários os momentos de interação positiva fotografados e retratados na instituição.”</p> <p>“Muitos foram os momentos, mas o que mais me chama à memória com esta questão foram as surpresas que fazíamos às assistentes operacionais quando faziam anos ou comemoravam algum aspeto positivo das suas vidas. Rever as fotos de atividades na área da expressão musical e dramática que todo o pessoal não docente realizou e de uma atividade de discoteca que realizámos, faz lembrar como a inclusão de todos os elementos de uma escola é extremamente válido, pois houve uma valorização que se foi refletindo grandemente nas formas de diálogo e interação entre todas as pessoas da escola. Recordo também que o mesmo aconteceu em relação ao pessoal docente, porque ter partilhado experiências e planificado atividades com resultados espantosos como é o caso das dramatizações que realizámos serviu grandemente para uma maior aproximação e cumplicidade.”</p>	<p>E3</p> <p>E4</p>
<p>Desenvolvimento de competências pessoais e profissionais por meio de ações em equipa (Neves, 2007)</p>	<p>Referências à organização e funcionamento da equipa</p>	<p>“uma equipa que colaborava, que se entretajudava”</p> <p>“pela minha experiência profissional, que já vão sendo (número) anos de serviço, sei que não é muito fácil encontrar pessoas, sobretudo colegas em que todas elas se deem bem.”</p> <p>«E que dava uma ideia de que toda a gente acordava: “Então, vamos fazer isto e vamos todas...” E todas faziam. Com garra, com força, com espírito de... Isso lembramos e recordamos. Talvez por a escola também ter sido pequenina, não sei...»</p> <p>“já vínhamos há vários anos a trabalhar juntas,</p>	<p>E1</p> <p>E1</p> <p>E1</p> <p>E2</p>

		<p>dentro da mesma instituição, não quer dizer que fosse na mesma sala, mas na mesma instituição. E de certa maneira, havia já... quase que às vezes nem eram precisas palavras... Bastava olhar. Parece que as ideias saíam da cabeça e que nos davam quase uma unanimidade de pareceres. E de ideias e de... de coisas para fazer: mais isto e mais aquilo...”</p> <p>“E, pronto, sabemos como são as coisas, há coisas que correm melhor, outras menos bem, mas de modo geral nós somos adultos e temos de nos aceitar uns aos outros.”</p> <p>“Também tínhamos colegas que também tinham uma certa habilidade, digamos, para esse tipo de trabalho. Eu, francamente, não tenho. (Risos) Mas, prontos, merecido valor a quem o merece! Tenho colegas que conseguiram. Eu não consigo. (Risos)”</p> <p>“uma equipa coesa”</p> <p>“E sem dúvida que, quando as pessoas querem e quando as equipas são... têm todas o mesmo objetivo e sabem se entender e valorizar os aspetos positivos de uns e de outros, sabendo também reconhecer os seus erros e pedindo ajuda e avançar, sem dúvida que as coisas correm muito melhor.”</p> <p>“Eu acho que em relação a esta experiência e a este momento que se fala desta equipa pedagógica com que conseguimos fazer muito, acho que tenho que ressaltar o empenho de todas as colegas, a envolvência, as horas dadas à instituição fora do horário letivo, as quais ninguém pedia, mas era que nós dávamos com satisfação, porque havia harmonia, havia entrega ao trabalho e havia a satisfação dos resultados.”</p> <p>«não é fácil “apanhar” equipas assim, foi sem dúvida uma experiência marcante e... E quando há empenho e vontade e quando as pessoas são dedicadas àquilo que fazem, conseguimos passar para o exterior uma boa imagem e chamar à instituição crianças que vêm à procura de um bom ambiente, de um bom desenvolvimento e de uma parte afetiva positiva, que é tão importante no desenvolvimento das nossas crianças.»</p> <p>«Eu acho que com boa vontade nós conseguimos andar para a frente e ter, sem dúvida, momentos</p>	<p>E2</p> <p>E2</p> <p>E3</p> <p>E3</p> <p>E3</p> <p>E3</p> <p>E3</p>
--	--	---	---

		<p>não ficar parada no tempo. Pronto, acho que foi benéfico também nesse sentido.»</p> <p>“tenho colegas que conseguiram, eu não consigo. (Risos) [...] e ainda não perdi a esperança de conseguir fazer um DVD. (Sorrisos) Ou a gravação de um vídeo...”</p> <p>“o que faço é: pego nos cartões da máquina fotográfica, passo à colega, ela passa as fotografias para o computador e utilizamos conforme vamos precisando. Eu consigo fazer algumas coisas e reduzir fotografias, não consigo ainda é passar para um vídeo. (Risos) Mas eu não perdi a esperança de conseguir aprender!”</p> <p>“salientar a saudade de ter trabalhado com uma excelente equipa que, no seu todo, e graças à liderança e à motivação de atender às necessidades das crianças proporcionou-me (número) anos de inteiro gosto em fazer e aprender continuamente com todos os elementos. Contexto que ainda não encontrei em outra escola até à data.”</p>	<p>E2</p> <p>E2</p> <p>E4</p>
<p>Documentação da ação pedagógica como elemento fundamental para a sua investigação (Edwards et al,1999)</p>	<p>Potencialidades da fotografia pedagógica para o registo de alterações físicas e organizacionais nos espaços do ambiente educativo</p>	<p>“A experiência e as fotografias conseguem-nos transmitir isso. E lembro-me perfeitamente que, quando iniciei funções na escola, havia algumas cadeiras mais antigas e uns móveis que já não tinham brilho, não tinham cor. E que todas nós nos unimos e houve até assistentes operacionais que trouxeram algumas tintas diferentes de casa e andámos todas nós, educadoras e assistentes operacionais, a pintar, a dar cor, a dar um espaço mais alegre.”</p> <p>“E ver fotografias em que o espaço era tão baço, em que não havia muita cor, em que algum material já se estava a degradar e sem cor, passada a tinta com cores alegres, vivas... E as crianças também viam o espaço de outra forma. E nós também aplicadas nisso, conseguimos trabalhar todas juntas um pouco e colmatar alguma dificuldade relativa ao material. Quer dizer, eram situações em que foi bom e se consegue ver a importância do espaço.”</p> <p>“Em relação ao facto de ter sido, noutra situação, vista a evolução do antes e depois, lembro-me perfeitamente de terem sido tiradas fotografias para quando tivemos a visita do responsável por algumas obras na instituição ser patente que</p>	<p>E1</p> <p>E1</p> <p>E1</p>

	<p>tivemos uma transformação tão gigantesca que para nós foi gratificante.”</p> <p>“Nós tivemos melhoramentos que foram feitos no início do ano e ao longo do ano letivo. Nós temos registos fotográficos de determinadas atividades feitas no mesmo espaço, em que se nota que no fim do ano, por exemplo, na festa final, o espaço tinha sido melhorado. Houve a preocupação de dar mais cor ao estabelecimento, porque era muito branquinho... E foi difícil mudar a cor de espaços exteriores. Nós conseguimos realmente mudar a cor. E os pais manifestaram que essa mudança tinha sido positiva, que deu mais cor, que deu mais brilho e as crianças eram mais felizes naquele ambiente colorido. Portanto, de certa maneira, os registos de antes e depois da remodelação deste espaço contribuíram para uma melhoria do espaço de aprendizagem dos filhos. E eles foram recetivos nesse aspeto.”</p> <p>“Ora a fotografia ajuda-nos a perceber os esforços feitos para melhorar a própria instituição. Se a instituição ficou com melhores espaços físicos, criou um melhor ambiente pedagógico. Fica mais atrativo e a criança vai-se sentir mais cativada em estar naquele local. Ora isso perante a comunidade educativa também é importante que se apercebam dos esforços que são feitos não só pela própria escola como também pelas entidades competentes, não é? Portanto, mais uma vez o registo fotográfico possibilita-nos mostrar também esses aspetos físicos que são melhorados, criando novas expectativas e atraindo crianças à nossa instituição, que é esse o nosso desejo.”</p> <p>“Esta forma foi deveras gratificante, pois deu para apresentar as melhorias decorrentes de muito diálogo entre direção e entidades competentes para que ficassem sensibilizadas e tomassem a iniciativa de realizar algumas obras de melhoramento das instalações, sendo que o mais importante seria o bem-estar que iria proporcionar às crianças. E a toda a comunidade educativa. Essas fotos permitiram preservar para sempre o antes e o depois das alterações e a importância das mesmas.”</p>	<p>E2</p> <p>E3</p> <p>E4</p>
Potencialidades da fotografia pedagógica-	«Em relação às crianças, conseguimos ver as diferenças. Se elas cresceram, se não cresceram, se evoluíram. (sorriso) E é engraçado que quando olhamos para trás, dizemos: “eu já não me	E1

	<p>gica para o registo de alterações físicas em crianças e adultos ao longo do processo educativo</p>	<p>lembrava que ele era assim tão pequenino, ou que ele era assim tão rechonchudinho...” (sorriso) Ou que, pronto, que ele era assim tão meiguinho. Agora está uma criança completamente diferente. Está mais sociável, por exemplo. Quando antes só aparece triste, ou com a sua “naninha”, com a sua chuchinha ali... E numa fotografia posterior consegue-se ver uma série de evoluções. Acho que isso nos ajuda e dá para ver. Ver a própria evolução dos adultos que se transformaram, que estão diferentes. Dá para ver uma série de coisas.»</p> <p>“As alterações físicas relativamente às crianças e aos adultos... Acho que foi positivo. Acho que são crianças mais felizes. E para os adultos, nós temos de nos adaptar. (Sorriso)”</p> <p>“Penso que este recurso é intemporal e contínuo, pois é possível ver todas as alterações que uma criança tem ao longo de um ano letivo.”</p>	<p>E2</p> <p>E4</p>
	<p>Partilha do interesse pela documentação com fotografia pedagógica entre as educadoras de infância</p>	<p>“Sim. Como eu disse no início da entrevista eu não era uma pessoa muito ligada às tecnologias. E ganhei esse gosto. [...] E depois fui criando esse gostinho e fui aperfeiçoando.”</p> <p>“Era. Eu acho que era. Porque apesar de estarmos em duas salas, andávamos sempre com a máquina fotográfica lá na escola.”</p> <p>“Não. Eu julgo que não. No meu entender, eu julgo que não. Acho que depois sim, com o diálogo e com a exposição da importância do registar o nosso trabalho pedagógico, de forma a que as educadoras e os encarregados de educação se apercebessem do trabalho que estava a ser desenvolvido na instituição. Acho que a partir do momento em que foi dialogado em reunião de escola, reunião pedagógica, ficámos mais alertas para essa importância.”</p> <p>«Não, acho que não. Este interesse foi crescendo ao longo do tempo com o “contágio” positivo (sorriso) que as pessoas que tinham este interesse exerceram naquelas que inicialmente achavam que este era... talvez... desnecessário. A crescente motivação, os contributos e a argumentação serviram de base, na minha opinião, para que o interesse fosse depois geral.»</p>	<p>E1</p> <p>E2</p> <p>E3</p> <p>E4</p>

Situções de análise da documentação em fotografias pedagógicas com outros elementos da equipa pedagógica	<p>“Sim. Lembro-me, por exemplo, (sorriso) para fazer os DVDs, muitas vezes tínhamos que andar ali a ver e a escolher e ver se a fotografia estava bem tirada, se estava mal tirada, se esta criança aparecia mais vezes que a outra...”</p>	E1
	<p>“Lembro-me perfeitamente de outra situação de estarmos todas juntas e a tentar fazer a seleção de fotografias para fazer a reunião de apresentação do projeto educativo aos pais com PowerPoint. Em que se pudesse ilustrar as rotinas, em que se pudesse ilustrar a parte de socialização, em que se pudesse ilustrar o conhecimento do mundo, as visitas feitas ao exterior e a interação com a própria comunidade.”</p>	E1
	<p>«Geralmente quando nós fazíamos a seleção porque tínhamos “montes” de fotografias. Às vezes tínhamos... para não dizer milhares, mas tínhamos algumas centenas de fotografias. E depois, é assim: “vem aqui, ajuda-me, qual é a fotografia que nós colocamos? Este é daquela... lembraste, daquela dramatização que os meninos fizeram. Qual é a que achas melhor? Esta é tão gira, mas não se vê bem este, não se vê bem aquele...” Portanto, num conjunto de sete, dez, quinze fotografias relativas à mesma temática, digamos, tínhamos de selecionar uma, duas, três. E depois estávamos na dúvida sobre como é que fazíamos... Muitas das vezes os momentos que nós tínhamos quando as crianças descansavam, ou outros momentos em que não havia tanta atividade, lá vinha uma colega dizer: “olha, mas esta fotografia está mais gira do que aquela”. Pronto... E nós aí tentávamos encaixar. Muitas das vezes o que nós pensávamos que eram sete ou oito fotografias, quando víamos tínhamos quinze, vinte, trinta, por aí.»</p>	E2
	<p>“Uma das coisas que me lembro que nós fazíamos [...] com a equipa pedagógica [...] era a visualização das fotografias realizadas. [...] Logicamente que a nível da parte pedagógica, entre colegas, também eram feitos diálogos daquelas determinadas atividades.”</p>	E3
	<p>“Sim. Aquando da construção do DVD de final de ano, na seleção da melhor fotografia para retratar a temática que queríamos integrar no mesmo. E aí a escuta e opinião eram constantes, mesmo em conselho pedagógico, pois aquele não foi um trabalho de uma sala, foi sim de uma escola inteira.”</p>	E4

Potencialidades da fotografia pedagógica para a reflexão individual e coletiva	<p>“Sim. A fotografia é sempre importante porque quando olhamos para uma fotografia há coisas que nós registamos, ou por querer ou não. Por exemplo, uma criança que está um bocadinho triste, ou uma criança que às vezes se vê que está a expressar-se de uma determinada forma, carinhosa para com outra, que às vezes no dia-a-dia que estamos com ela não nos apercebemos com tanta frequência. Ver às vezes a interligação que existe, a afetividade, a forma com que eles criam as suas próprias brincadeiras, de uma forma espontânea... [...] E a nível de sala isso também serve para nos ajudar a refletir precisamente essas situações. O que é que nos falhou ali. Porque é que aquela criança naquele momento estava triste, porque é que... Acho que é isso que nos ajuda e dá para ver.”</p>	E1
	<p>“Eu penso que é útil o recurso e acho que é importante que se faça.”</p>	E2
	<p>“E até nós, educadores, podemos ter atitudes menos adequadas pedagogicamente. E se nesses momentos forem realmente utilizados registos, vão sugerir, portanto – ou na nossa maneira de ser, ou na nossa reflexão individual – que realmente aquilo não funcionou assim, mas de outra maneira. Vamos reformular a maneira como vamos abordar as experiências e promover a aprendizagem dos pequeninos.”</p>	E2
	<p>“E nós no fim do ano não sabemos o que é que se faz a tanta coisa (sorrisos) e a tanta fotografia. Olha, faz uma reflexão do ano todo. E mete essas coisas todas lá dentro, para que fiquem registadas.”</p>	E2
	<p>“Sem dúvida que a fotografia é um meio de nós refletirmos a nossa própria prática e a nossa própria intervenção num grupo de crianças. A fotografia faz com que nós nos apercebamos dos pormenores, que no dia-a-dia nos passam despercebidos. [...] Portanto, sem dúvida que ajuda na reflexão [...] da nossa prática.”</p>	E3
<p>“Sem dúvida alguma que ao visualizar as imagens refletimos conscientemente sobre o processo, pois chamam à atenção para pormenores que a nossa memória não tinha presente.”</p>	E4	

	<p>Utilização de outras formas de registo para além da fotografia pedagógica</p>	<p>«Os quadros de presença em que iam lá colocar uma bolinha, só quem estava presente. Os quadros dos “chefes”, que mostravam quem era o responsável por naquele dia levar o “comboio” para o refeitório. Isto, claro, já numa sala de três/quatro anos. Lembro-me de quadros em que tinha o tempo, em que as crianças iam lá colocar o símbolo. Lembro-me dos quadros e dos colares também que se utilizavam nos referidos cantinhos para eles se identificarem, para saberem quantas crianças é que podiam estar num determinado cantinho.»</p> <p>“Recordo-me também dos registos gráficos. Estávamos sempre a fazê-los. Por exemplo, numa saída. Recordo-me de uma saída de Carnaval, à placa central da cidade e quando chegaram à escola nós perguntamos “o que é que vocês gostaram, o que é que vocês viram?” E registámos em desenho e por escrito. Está-me a ocorrer agora, já que estou a falar em Carnaval, uma situação que foi no Natal, em que fomos à baixa de autocarro com as crianças e foi uma euforia! Foi uma situação diferente... E depois foram ver o Pai Natal, falaram com o pai Natal, sentaram-se no colo do Pai Natal. E quando chegaram à escola nós perguntámos sobre o que é que tinham gostado e visto e eles foram dizendo e nós fomos registando o que diziam. Depois eles fizeram, claro, à sua maneira, o registo gráfico daquilo que tinham vivido, do que foi vivenciado.”</p> <p>“Para além do registo fotográfico... Nós tínhamos aqueles trabalhos que os meninos faziam. E que... Alusivos ao Dia da Mãe, ao Dia do Pai, ao Dia da Criança, ao Natal, ao Carnaval. Há sempre trabalhos deles que evidenciam a vivência que eles estão a viver, a época festiva... E até nos dão a evolução do desenho, a evolução da pintura, a evolução até a nível de motricidade fina, da motricidade global. Há trabalhos deles que nós pegamos no início do ano, pegamos a meio do ano e outros no fim do ano e dá para ver que houve realmente uma evolução positiva, houve uma sequência...”</p> <p>“Através da exposição dos trabalhos que eram realizados pelas próprias crianças, através do desenho livre, através das pinturas. No fundo era a principal forma de transmissão de trabalhos realizados na instituição.”</p>	<p>E1</p> <p>E1</p> <p>E2</p> <p>E3</p>
--	--	--	---

		<p>“Registos escritos das palavras das crianças, avaliações dos planos, elaboração e construção do Projeto Curricular de Grupo atual Projeto Anual de Grupo, planificações, reflexões, relatórios de saídas e reflexão, lista de verificação das aquisições das crianças, registo de avaliação individual das crianças apresentadas em reuniões individuais com os encarregados de educação/pais, isto no aspeto formal. No aspeto informal recordo-me da troca de experiências e estratégias entre colegas.”</p>	E4
<p>Avaliação da ação pedagógica desenvolvida durante a experiência</p>	<p>Avaliação de práticas para melhorar as experiências de aprendizagem</p>	<p>“Também leva a ver quando nós pegamos nas fotografias, as situações que são proporcionadas, em que eles às vezes também não se apercebem. Mas se nós pararmos um bocadinho a olhar para a foto, há sempre qualquer coisa de novo, que dá para ter uma ideia para um novo projeto [...] Às vezes apanhamos algumas crianças que têm o nariz a precisar de ser limpo, mas que, pronto, passou, não demos conta...”</p>	E1
		<p>«É assim, um ano letivo acontece praticamente em onze meses. Onze meses não parece muito tempo, mas em onze meses acontecem “n” situações. E se algumas dessas situações não forem registadas, com o tempo vão esquecendo. E apesar de nós fazermos um registo do que aconteceu, do que não aconteceu, é certo e é verdade que na hora de fazer as avaliações, nós vamos aos registos. Mas às vezes passa... E visualizando as fotografias, mais rapidamente nós chegamos ao que aconteceu – ou não aconteceu.»</p>	E2
		<p>“O registo fotográfico ajuda. [...] E de certa maneira constitui um meio de avaliação. Porque nós olhamos para determinada fotografia e para determinado vídeo e nós lembramo-nos. Automaticamente, quase que aquilo vem à memória. Ajuda a que nós tenhamos em mente este ou aquele objetivo, que se atingiu, que não se atingiu, porque é que não se atingiu... É uma maneira de refletir e depois reformular. Tentar fazer de novo, melhor. De maneira a que a ação pedagógica desenvolvida junto das crianças seja a mais positiva e assertiva.”</p>	E2
		<p>“No fundo, no fundo, é exatamente o saber olhar para a fotografia e ver o que é que se pode fazer melhor, o que é que podemos melhorar. Também podemos achar que aquela atividade foi muito bem planeada e que foi muito bem conseguida e as</p>	E3

		<p>crianças corresponderam, portanto, serve também para a nossa autoavaliação e acho que é muito importante esse aspeto. E isto tanto para nós, enquanto educadoras, enquanto estamos a refletir, mas não só para isso, não só para a nossa opinião. Também ao mostrar as fotografias, para saber ouvir os comentários de quem observa, saber interpretar aquilo que nos estão a dizer em relação àquela fotografia, tanto sejam aspetos positivos ou negativos. São tudo contributos para que nós consigamos melhorar a nossa prática.”</p> <p>“E a fotografia vai realçar situações que, se houver o diálogo entre colegas, vai possibilitar adaptar a nossa prática e assim melhorar. E a fotografia [...] ajuda na [...] própria avaliação da nossa prática.”</p> <p>“Para mim é uma excelente ferramenta para a avaliação a nível individual e coletiva no sentido em que serve sempre como mais um meio, para além dos registos escritos.”</p> <p>“é uma excelente forma de auxiliar na avaliação a nível coletivo ou individual e enquanto agente de educação, com vista a proporcionar ferramentas para a aprendizagem das crianças. Noto que lima arestas, no sentido que a avaliação pressupõe reflexão e reflexão permite ver realmente onde estão as falhas para posteriormente melhorar e perceber o porquê de ter falhado, bem como as atividades que resultaram, que deram resultados positivos.”</p>	<p>E3</p> <p>E4</p> <p>E4</p>
	<p>Percepções das educadoras de infância acerca da ação pedagógica desenvolvida durante a experiência</p>	<p>“É natural que as crianças às vezes não nos reconheçam na rua, mas lembram-se se calhar daquelas atividades que foram tão fortes e que também as marcaram.”</p> <p>“Estas vivências foram muito enriquecedoras para mim pessoalmente e acho que também para o grupo.”</p> <p>“e trabalhávamos muito”</p> <p>“o trabalho que tínhamos realizado esse ano [...] foi muito, muito, muito bom [...].”</p> <p>“desta equipa pedagógica com que conseguimos fazer muito”</p> <p>“Todas as experiências, no fundo, eram positivas”</p>	<p>E1</p> <p>E1</p> <p>E2</p> <p>E2</p> <p>E3</p> <p>E3</p>

		<p>“era uma das atividades que sempre sonhei fazer e que nós conseguimos concretizar sem qualquer problema”</p>	E4
		<p>“ter partilhado experiências e planificado atividades com resultados espantosos”</p>	E4
	<p>Feedback de pais e encarregados de educação e de crianças em encontros informais após a finalização da experiência</p>	<p>‘ainda há algum tempo atrás, há uns quinze dias, um mês... Mais ou menos um mês, encontrei uma mãe que o filho tinha lá passado pelo (nome da instituição) e ela ainda falava: «Lembra-se do (nome do filho)... Ele passa a vida a ver as fotografias e o vídeo que vocês forneceram, ele ainda tem uma certa saudade, ainda continua a falar da “minha escolinha” e ele neste momento já vai para um quarto ano...» E sei, por exemplo, de uma criança que voltou àquela escola depois de ter deixado de a frequentar e que o irmão foi precisamente meu aluno. E nós perguntámos: “o que é que tu mais gostaste desta tua escola?” E disse precisamente que o que mais gostou e que mais recordou foram umas atividades de piscina – que é uma atividade tão simples – e ele descrevia aquilo com certo pormenor, mesmo passado algum tempo. E acho que isso é benéfico. E ele referia que via as fotos e dizia os nomes dos adultos. Acho que isso para as crianças tem sido benéfico.’</p> <p>“Esses pais reconhecem-me. Os pais daquela escola particularmente, alguns deles ainda me reconhecem e eu também consigo reconhecer.”</p> <p>«Encontrei num supermercado uma mãe que disse “Então educadora (nome), onde é que está colocada e o que é feito de si?” E eu, claro, perguntei como é que estava a filha e ela disse que estava muito bem e que a filha também se lembrava daquela instituição. Quer dizer, é gratificante ver que o nosso trabalho foi reconhecido. E que as pessoas reconheceram, que trabalharam connosco. É bom vermos isso, que as pessoas nos dão valor, afinal, e que não nos esqueceram. Recordam-nos sempre com um certo carinho, com uma certa saudade.»</p> <p>«tenho um relato de uma criança que passou para o terceiro ano este ano e que é curioso que de vez em quando pede à mãe o vídeo do ano em que ela esteve na instituição. E que lembra-se das pessoas, dos nomes e às vezes até fica triste por ver os amiguinhos, por ver as coisas que fazia,</p>	<p>E1</p> <p>E1</p> <p>E1</p> <p>E2</p>

		<p>porque agora não pode fazer, porque diz que é só “trabalhos, trabalhos, trabalhos, trabalhos...” (sorrisos) E ele quer ir à outra escola...»</p> <p>“Sim. Tenho encontrado pais que falam nos registos fotográficos que levaram no final do ano para casa e que dizem que os seus filhos continuam a ver e a pedir as fotografias do Jardim de Infância e continuam a visualizá-los com muito carinho e satisfação.”</p> <p>«Tenho encontrado vários pais dessa altura que afirmam que era uma excelente escola, com uma excelente dinâmica de grupo. Houve uma altura em que uma mãe de um antigo aluno referiu que apesar de pequena, no que diz respeito ao espaço físico, a escola era grande pelas pessoas que lá trabalhavam e se empenhavam em proporcionar as melhores experiências às crianças. Comentou também que, de vez em quando, o filho e os pais revêem o DVD com as fotografias e vídeos para reviverem esses momentos. Fruto desta interacção, é notável como ainda se recordam do nome das pessoas que trabalhavam com as crianças, mas, acima de tudo, a criança ainda me reconhece como sua educadora “na escola dos pequeninos” (sorriso).»</p>	<p>E3</p> <p>E4</p>
<p>“Desenvolvimento das dimensões culturais, emocionais (incluindo biográficas) ligadas à profissão (Sá-Chaves, 2007:12)</p>	<p>Percepção de continuidade da ligação das entrevistas à história da instituição educativa após a conclusão da experiência</p>	<p>“Sim. Considero. Foi uma experiência tão enriquecedora... E o facto de termos encontrado pessoas ali em que se criou uma relação tão forte, dá certa nostalgia e dá...”</p> <p>“Essa ligação continua e, às vezes, pronto, lembro-me dessas situações com uma certa... nostalgia. Talvez pelas pessoas que conheci, talvez pelo facto destas atividades que foram desenvolvidas com as crianças tivessem também um nível de apoio pessoal pelo fato de sermos poucas pessoas, foi uma relação um bocadinho forte.”</p> <p>“parece que ainda estou a vê-las neste momento”</p> <p>«Continuo. [...] Mas é curioso porque hoje em dia, lá de vez em quando, telefonamo-nos, encontramos-nos, conversamos. “E lembras-te disto, e lembras-te daquilo?” Portanto, há situações que estão presentes ainda, a nível de relação pessoal e interpessoal.»</p> <p>“Encontramo-nos. Mas só raramente conseguimos encontrar-nos todas.”</p>	<p>E1</p> <p>E1</p> <p>E1</p> <p>E2</p> <p>E2</p>

		<p>“Sim. [...] Infelizmente não estou ligada diariamente a todos os elementos com quem vivi esta experiência. E sem dúvida que os elementos influenciam muito as experiências que nós vamos tendo ao longo da vida. Nem todas as pessoas são iguais e nem sempre as pessoas aceitam as coisas como esta equipa pedagógica aceitou na altura. [...] E isto logicamente que vai também de respeitar os elementos que estavam na instituição. E as próprias direções (sorriso).”</p> <p>“(Sorriso) Inteiramente verdade! Sinto como se ainda fizesse parte. E quando [...] me encontro com as pessoas que fizeram parte desta instituição, ainda sinto aquela ligação e simpatia, fruto de todo o trabalho que realizámos.”</p>	<p>E3</p> <p>E4</p>
	<p>Influência dos registos fotográficos na ligação das entrevistadas à comunidade educativa na qual decorreu a experiência</p>	<p>“Pronto, sabemos que o dia a dia é um bocadinho a correr, muitas vezes não temos oportunidade de contactar com as pessoas ou mandar uma mensagem, mas de vez em quando lembramos e fazemos isso. [...] Mas tenho sempre presente. E em casa também tenho um sítio onde coloco sempre os meus CDs de música e DVDs e às vezes olho para um CD ou um DVD que ficou daqueles registos daquela escola e coloco para ver simplesmente, pronto, para tentar ver todas as pessoas, ver as crianças que já passaram por mim.”</p> <p>“Eu penso que a partir do momento em que nós abarcamos um projeto e que nesse projeto temos a intenção de fazer registo, quer fotográfico, quer em vídeo... Seja lá o que for... Ainda que seja um registo escrito... A partir do momento em que nos disponibilizamos para isso, está implícito que temos de aceitar também o ponto de vista dos outros e aí temos de muitas vezes também de ceder. E somos influenciados pelas outras pessoas. Portanto, há toda uma influência de grupo e que vamos trabalhar todos para o relacionamento e para o trabalho. Penso que ninguém entra num projeto para deitar as coisas abaixo (sorriso). Às vezes não funciona, mas pronto... Isto é complicado. Relações humanas é complicado... Mas penso que toda a gente, de uma maneira geral, se disponibilizou e tentou melhorar cada vez mais o seu desempenho dentro da comunidade e não só, fora mesmo.”</p>	<p>E1</p> <p>E2</p>

		<p>“Portanto, é uma recordação que fica, as fotografias (sorriso) continuam a existir para recordarmos com carinho e com alegria estes momentos bem vividos. (Pausa) São momentos que são sempre falados por quem passou por eles, são sempre falados com carinho...”</p> <p>“Bem... (pausa) Sem dúvida que fica uma ligação através e que se perpetua ao longo do tempo, quer dizer... O facto de expormos as fotografias possibilita [...] criar laços de confiança entre a comunidade e a instituição.”</p> <p>“Sim. E como foi um trabalho positivo ainda costumo falar e estar junto dessas pessoas. Apesar de terem passado já alguns anos, fez com que laços afetivos fossem criados de forma positiva, tanto no aspeto pessoal como profissional.”</p>	<p>E3</p> <p>E3</p> <p>E4</p>
	Referências à separação da equipa pedagógica	<p>“Pena foi que depois tivemos de receber a notícia de que algumas de nós iam ter de sair, quando o espaço já estava alegre, acolhedor...”</p> <p>“Este projeto ao qual nos referimos teve reflexos de uma situação que se verificava desde há alguns anos atrás, em que houve uma baixa de natalidade e ficámos com menos crianças. Portanto, o Jardim de Infância tinha duas salas e depois ficou com uma só e perdeu três colegas educadoras e uma assistente operacional. Não foi agradável. (Pausa) Não foi. (Pausa) Para nós foi... Para as colegas... Foi difícil nos separarmos. Porque já vínhamos há vários anos a trabalhar juntas, dentro da mesma instituição, não quer dizer que fosse na mesma sala, mas na mesma instituição. Nesse ano em particular, gostaria de referir que foi um fim de ano terrível. Nós tivemos em Junho a notícia que algumas colegas iam ter de sair do Jardim de Infância... Mas pronto. Nós tivemos de nos separar... [...] O trabalho que tínhamos realizado esse ano foi muito, muito, muito bom. Não estava em causa a qualidade do trabalho realizado, mas sim o número de crianças que ficariam na instituição.”</p>	<p>E1</p> <p>E2</p>
Expressão e comunicação de perspectivas teóricas e	Opinião sobre a utilidade da fotografia pedagógica	<p>“Sim. A fotografia é sempre importante e ajuda-nos a conseguir ver se a criança [...] conseguiu também partilhar alguma coisa comigo. [...] A própria evolução da comunicação, que a fotografia comunica muita coisa.”</p>	<p>E1</p>

práticas do educador de infância	gica para expressar e comunicar perspectivas teóricas e práticas do educador de infância	<p>“(Pensativa) Muitas das vezes não é fácil... (Pausa) Porque a fotografia é estanque. (Pausa) Acho eu. Porque a expressão que está... que ocorreu no momento... pode ser uma expressão feliz, da criança que concluiu um trabalho e que acha que o seu trabalho está bonito. E pode ser... uma expressão menos feliz. De quando a criança acha que aquilo... não ficou bom. E há que dar a volta. Dizer que aquilo está lindo. E que está diferente do dos amigos. E que ela conseguiu. Portanto, há todo um trabalho de comunicação a fazer com as crianças de maneira a não melindrar nem a... a coarctar, digamos... o valor... e o esforço que ela pôs naquela produção.”</p> <p>“Se for numa reunião de pais, eu sinto necessidade de explicar o porquê da atividade, porquê aquela expressão e porque é que foi feito aquilo que é apresentado em fotografia. Se for em contexto de conversa com os pais, também sinto necessidade disso, porque os pais muitas vezes olham e não vêem o que está por detrás do trabalho pedagógico que está a ser feito com a criança naquela altura. Às vezes pensam que determinado material é lixo e não é. Às vezes é importante o educador falar de ideias que vão beneficiar o ambiente, que vão beneficiar a vida das pessoas e dos animais, que muitas das vezes passam ao lado. E fala-se muito em reciclagem, no Eco-escolas e na Biosfera. Geralmente o ponto alto para quem está nas escolas é o desfile de Carnaval, em que são utilizados materiais reciclados... Acho que sim. Há todo um empenho do pessoal para que as coisas evoluam no bom sentido.”</p> <p>“Sim. Eu acho que sem dúvida que a fotografia reflete a atitude que o educador tem na sua sala. Desde a planificação, desde os objetivos que são traçados para atingir com aquele grupo, desde a maneira de estar do educador e a sua atitude perante um grupo de crianças, porque está expresso na fotografia. Sem a fotografia não se sabe o que é que se passa dentro de uma sala. E se houver fotografias constantes dos momentos pelos quais as crianças vão passando, isso vai refletir todo o trabalho que o educador está a fazer dentro da sala. E vai refletir o perfil desse mesmo educador.”</p> <p>“Desde que articuladas e bem fundamentadas, podem estar a par e passo com as escolhas educativas do educador de infância, pois através</p>	<p>E2</p> <p>E2</p> <p>E3</p> <p>E4</p>
----------------------------------	--	--	---

		do registo fotográfico de várias atividades, quadros, experiências, espelha sem dúvida, no meu entender, as suas perspetivas teóricas e práticas.”	
	Referências à fotografia pedagógica como meio de expressão associado à memória	<p>“Mas recordo-me disso.”</p> <p>“Na altura desse projeto com fotografia de que me estou a lembrar”</p> <p>“Recorda-se de momentos? Quer dizer... Eu acho que houve muitos momentos...”</p> <p>“Bem [...]... (Pausa) São tantas as recordações!”</p>	<p>E1</p> <p>E2</p> <p>E3</p> <p>E4</p>
Bloco IV – Utilização da fotografia pedagógica após a experiência coletiva			
Categoria	Sub-categoria	Unidade de registo	Unidade de contexto
Continuidade da utilização da fotografia pedagógica desde a conclusão da experiência coletiva até à realização das entrevistas	Opção pela continuação da utilização da fotografia pedagógica	“Sim.”	E1
		“Continuo a fotografar”	E2
		“Sim, continuo.”	E3
		“Sim. Continuo.”	E4
Motivações para a continuação da utilização da fotografia pedagógica		“E ganhei esse gosto.”	E1
		“E depois fui criando esse gostinho e fui aperfeiçoando.”	E1
		“Lá está, foi um gosto que fui criando e que fui aperfeiçoando.”	E1
		“Gosto de fotografar”	E2
		“Gosto de fazer fotografia.”	E2
		“Faz parte da minha personalidade. (Risos) Faz parte da minha personalidade (assertiva).”	E3
“costumo fotografar sempre que acho pertinente.”	E4		
Influências da experiência		“Tal como já disse, comecei a ganhar esse gosto. Comecei também a tirar fotografias. [...] E acho que atualmente também utilizo a fotografia talvez	E1

	cia coletiva na utilização atual da fotografia pedagógica	por ter tido esta experiência anterior.”	
	Finalidades subjacentes à utilização atual da fotografia pedagógica	<p>«Exponho sempre também na sala. Também porque depois passei vários anos em berçários e nada melhor para os pais que ver o que é que os seus filhos fazem num berçário do que pôr essa fotografia em jornal de parede. Um textozinho a explicar por baixo “oh, mamã, olha o que eu já consegui fazer!” Por exemplo: “Deixei de andar a gatinhar e comecei a dar os primeiros passitos.” Ou “olha, mamã, vê como eu já sou tão crescido! Já sei tomar o meu suminho, já consigo agarrar o meu copinho!”»</p> <p>«O ano passado estive numa sala de três anos, em que fiz também os registos fotográficos, em que ilustrávamos o que tinham andado a aprender, como é que tinham aprendido, situações em que eles foram “apanhados” sem saber e depois eu mostrava-lhes no computador as fotos e eles viam e diziam “ah, tu tiraste fotografia?” (Sorrisos). Portanto nem sequer se tinham apercebido. “Tu tiraste, do que eu fiz?”»</p> <p>«Ajuda-me também para fazer uma reunião de pais, para mostrar o que eles fazem, ou deixam de fazer, com que finalidade é que nós fizemos uma determinada atividade. Nada melhor do que... Às vezes dizem que “uma imagem vale mais que mil palavras.” E acho que isso aí fica patente.»</p> <p>“Como temos muitas vezes que pôr quadros de presença na sala, posso utilizar uma fotografia deles.”</p> <p>«Como temos muitas vezes que pôr quadros de presença na sala, posso utilizar uma fotografia deles. Posso, quando há atividades, por exemplo, no Natal, ver como é que eles conseguiram colar um papelinho numa imagem. Se colaram num determinado sítio certo, se está um bocadinho dentro do contorno, se está fora do contorno. Dá para ver se a criança depois é capaz de pegar num pincel corretamente ou não. Porque às vezes, no dia-a-dia, nós vemos, mas se não registamos logo quando formos fazer a avaliação acabamos por esquecer. E ao pegar nessa foto dá para ver:</p>	<p>E1</p> <p>E1</p> <p>E1</p> <p>E1</p> <p>E1</p>

	<p>“Afinal eu tinha a ideia de que esta criança conseguia pegar corretamente e afinal está a pegar incorretamente no pincel”. E vou trabalhar um bocadinho mais com essa criança.»</p> <p>«Utilizo também para o projeto, para fazer uma reflexão do meu trabalho, das minhas atividades, do meu relatório de atividades. Que muitas vezes fazemos e esquecemos daquilo que já fizemos porque não ficou registado. E a fotografia que muitas vezes nós temos e que vamos observando recorda: “ah, esqueci-me que tinha feito esta atividade. Não a referi ainda no relatório...”»</p> <p>“No final do ano também me ajuda a complementar [...] o meu relatório de atividades.”</p> <p>“para serem partilhadas depois com as crianças, com os pais e com quem trabalho atualmente.”</p> <p>“Porque também me dá uma ideia de como é que eles evoluem. Eu sei que eles começam a recortar com muita dificuldade, depois vão evoluindo. Mas fica um primeiro registo. De um pegar com dificuldade numa tesoura, tentar cortar e rasgar e não cortar. E depois no fim do ano já fazerem um contorno quase... um recorte quase, digamos, bom.”</p> <p>“sem dúvida que a finalidade principal, para mim, é dar a conhecer aos pais e encarregados de educação a importância do trabalho que nós desenvolvemos junto das crianças. [...] Acho que nos possibilita explicar os objetivos que temos com os nossos trabalhos, possibilita ajudar as famílias a compreender e a saber lidar e educar os seus filhos em casa, porque através da fotografia iniciam-se diálogos e parcerias e tiram-se dúvidas. Portanto, facilita a comunicação e o diálogo entre a instituição e a família.”</p> <p>“Como parte integrante da minha prática pedagógica. Para a fundamentar, apresentar os projetos curriculares de grupo, realizar a sua avaliação e a reflexão da minha prática pedagógica, bem como para partilha com os encarregados de educação.”</p>	<p>E1</p> <p>E1</p> <p>E2</p> <p>E2</p> <p>E3</p> <p>E4</p>
Situações habitualmente registadas	“Atividades realizadas com as crianças, saídas que eles realizam...”	E1

	com fotografia pedagógica	<p>«situações em que eles foram “apanhados” sem saber»</p> <p>“Geralmente, gosto de fotografar os meninos nos momentos de brincadeiras livres. Nos momentos calmos também, como quando estão a ver uma história num cantinho, a ver revistas, ou mesmo no recorte. [...] E tudo o que é atividade que eles fazem. Geralmente, mesmo expressão plástica e tudo, gosto de fotografar. E até noutras situações. Gosto de fotografar mesmo no exterior, em saídas...”</p> <p>“Depois nós vamos encadeando tudo aquilo num projeto. Tem a ver com o projeto.”</p> <p>“(Sorriso) Todos os momentos possíveis. Todos os pequenos momentos... Todas as pequenas aquisições que a criança vai tendo ao longo do ano. Desde o momento em que a criança ainda não sabe abrir uma torneira, ainda não sabe lavar as mãos, até ao momento em que ela já consegue usar uma toalha para secar as mãos, já consegue ir à casa de banho sozinha, portanto todos os momentos de autonomia, os momentos de sociabilização onde manifestam carinhos e afetos, os momentos de atividade em grupo ou individual.”</p> <p>“Tudo o que tenha oportunidade! (Sorriso) Momentos de socialização, atividades em que as crianças estão concentradas, o trabalho final... Ou seja, costumo fotografar sempre que acho pertinente.”</p>	<p>E1</p> <p>E2</p> <p>E2</p> <p>E3</p> <p>E4</p>
	Momentos das atividades normalmente fotografados	<p>“Eu, por norma, realizo o antes e o depois.”</p> <p>«Geralmente nos momentos em que eles estão a realizar, porque anteriormente eu vou explicar-lhes a atividade. Gosto mais de fotografar quando eles estão a fazer as atividades, a manusear os materiais e a criar, porque “apanho” várias situações. Geralmente tenho dois, ou três, ou quatro crianças numa mesa a trabalhar e “apanho” as várias situações. Que eles não estão todos a fazer a mesma coisa ao mesmo tempo. É-lhes proposto um trabalho: “vamos fazer assim”. E cada um vai interagindo e vai fazendo à sua maneira. E quando vou fazer fotografia, se quero mesmo a precisão daquilo, fotografo só um, se quero a sequência, geralmente tento “apanhar” dois ou três, para “apanhar” as diversas fases de produção, digamos. E depois no fim, claro, o</p>	<p>E1</p> <p>E2</p>

		<p>trabalho realizado. Muitas das vezes o trabalho que as crianças realizam supera aquilo que nós estávamos à espera.»</p> <p>“Eu tento fotografar antes e depois. Nem sempre o tempo ajuda ou nem sempre a nossa rotina possibilita que se consiga concretizar. Mas a intenção está lá (sorriso)! E sempre que possível, tento fazer sempre o antes e o depois.”</p> <p>“Antes, durante e depois, pedindo o auxílio, por exemplo, das assistentes da sala para o efeito.”</p>	<p>E3</p> <p>E4</p>
--	--	--	---------------------